

Revista n. 3 - año 6 - Diciembre 2021

PERFORMANCES

CAMBIOS DE PARADIGMAS EN LA VIDA DIGITAL



PLANTADA EN TIEMPOS DE PANDEMIA



PERFORMANCES

Revista Digital da OCAL

Cambios de Paradigmas en la Vida Digital

Revista n. 3 - Año 6 - Diciembre 2021

Publicação Oficial da OCAL

(Organización de Psicoanalistas en Formación de América Latina)

<https://ocal-candidatos.org>

publicaciones@ocal-candidatos.org

EQUIPE DA REVISTA

Editores

Alexandre da Costa Pantoja (SPBsb – Brasil)

Natália Mudarra (APAP – Panamá)

Comissão Avaliadora

Thelma Cortés Salmerón (SPM – México), Alba Gómez (APG – México),
Gloriani Landeros (AMPIEP – México), Valéria Silveira (SPPel – Brasil),
Andrea El Maalouf (ILAP – Equador), Erika Flores (SPC – Venezuela), Ana
Córdoba (SPC – Venezuela), Francisca Juricic (APCh – Chile), Esther Chaim
(SPM – México), Maria de Jesus Mações (SPRPE – Brasil), Steven Pérez (ILAP
– Nicaragua), Gabriela González-Polo (AMPIEP – México), Éliidi Degrecci
(SBPCamp – Brasil)

Design

Arte e Design: elcreadordenubes

Design: Carlos L. Ríos

CRÉDITO DAS FOTOGRAFÍAS

Natália Mudarra, Alexandre Pantoja, Renata Camargo, Thelma Cortés, Oscar Cuéllar Pineda, Alba Gómez, Ximena Méndez, Mariana Rosete, Luz, Elena Durán Ruesga, Leslie Alejandra Martínez, Gloriani Landeros, Imanol Rodrigo del Rivero, Alan Schejtman, Diana Maldonado, Valéria Silveira, Juliana Juliano, Karen Axelrod, Melisa Perea, Andrea El Maalouf, Raquel Mussali, María Zurutuza, Sebastián Ortega, Alina Téllez, Laura Jasso, Selene Beltrán, Gabriel Rivera, Erika Flores, Carlos Pastor, Ana Córdoba, Nidia Soledad Sierra, Dulce Panduro, Paloma Ramos, César Sedan, Gaëlle Bosch, Fernando Anguiano, Paola Lugo, Sandra Lara, Martha López, Ramón Santiago, Carmen Maldonado, Francisca Juricic, Beatriz Rios, Silhi Macías, Cecilia Castilla, Paola Cavallo, Esther Chaim, Mariana Delfín Fuentes, Erika Lepiavka, Adriana Villarruel, Maria de Jesus Mações, Tomas Fleishma, Luzia Patusco, Sebastián Santa Cruz, Felipe Marín, Lisette Iavanchi, Edith Moreno, Daniel Ochoa, Omar Torres, Eleonora Ramal Patrícia Ochoa, Lourdes Cardenas, Itzel Mendez, Lisseth Paz, Patricia Olguin, Erica Daian, Gabriela Piacquadio, Steven Pérez, Gabriela González-Polo, Juan Ariztia, Paulina Arrue, Nico Gomberoff, Demian Leighton, Lourdes Valdés, Maria Matouk Iriondo, Rebeca Oñate Galván, Socorro López, Liliana Tena Valades, Juan José Villela, Elisabeth Patiño, Andrea Florenzano, Carla Pinto, Renata Tasca, Lillian Guillén González, Carmen Souto, Renata Innecco Bittencourt, Graciela Vázquez Angélica, Carlos Eduardo de Souza, Angélica Pateiro Bernal, Victor Davico, Adriana Hariton, Éliidi Degrecci, María Serena Sottile, Paola Karina Basavilbaso, Elisa Casaccia Pereira, Karina Bretz, Romina Rossi, Aline Santos e Silva, Pablo Goldin, Brenda Covarrubias Aguayo.

FOTO CONTRAPORTADA;

Oscar Cuéllar Pineda (APM – México)



DIRECTIVA OCAL (2020-2022)

Presidenta

Esther Chaim (SPM – México)

Vice-Presidenta

Elisa Casaccia Pereira (APdeA – Paraguay)

Secretaria General

Gloriani Landeros (AMPIEP – México)

Tesorera

Paola Karina Basavilbaso (APA – Argentina)

Secretaría Científica

Valéria Rodrigues Silveira (SPPEL – Brasil)

Secretaría Científica

Gabriel Rivera (APCh – Chile)

Secretaría de Difusión

Steven Pérez (ILAP – Nicaragua)

Secretaría de Difusión

Ana María Córdoba (SPC – Venezuela)

Secretaria Clínica

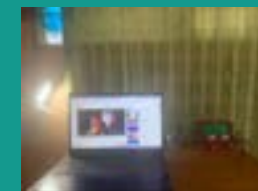
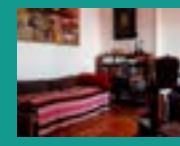
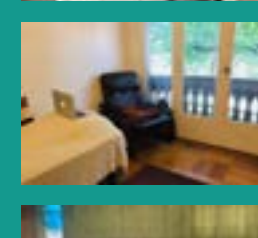
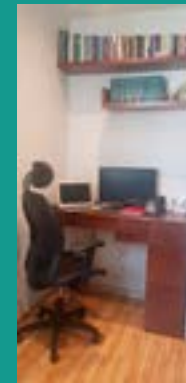
Gabriela Piacquadio (APA – Argentina)

Secretaría de Publicaciones

Natalia Mudarra (APAP – Panamá)

Secretaría de Publicaciones

Alexandre da Costa Pantoja (SPBsb – Brasil)



ÍNDICE

EDITORIAL

- [A vida é uma aventura, a escrita também...](#) Pág.7
[La vida es una aventura, la escritura también...](#) Pág.9
Alexandre da Costa Pantoja (SPBsb – Brasil)
Natalia Mudarra (APAP – Panamá)

EIXOS - TRABALHOS

TEÓRICO CLÍNICO

- Cuando los mundos se alinean. Pág.11
La conexión inconsciente durante un duelo
Angélica Pateiro Bernal (SP LEON – México)
- La caja de juego virtual. Pág.15
Adriana Hariton (APAP – Panamá)
- Los diálogos de Alicia en pandemia. Pág.19
Francisca Juricic (APCh – Chile)
- Crônicas da psicanálise online com crianças: Pág.24
o guarda-roupa, o bebê e a lanterna.
Aline Santos e Silva (SBPdePA – Brasil)

SOCIAL

- Salud mental más allá de las redes sociales. Pág.27
Erika Flores (SPC – Venezuela)
- Habilitando el ritmo. Pág.32
Brenda Covarrubias Aguayo (APG – México)
- La percepción del tiempo y su distorsión. Pág.35
María Zurutuza (SPM – México)

CULTURAL

- Pág.39 Entre posturas y posturas.
Gloriani Landeros (AMPIEP – México),
Diana Maldonado (AMPIEP – México)
- Pág.45 O “jogo de cintura” dos movimentos: psicanálise e hip hop.
Carlos Eduardo de Souza (SPRJ – Brasil)

INSTITUCIONAL

- Pág.50 Pasado, presente y futuro engarzados por el deseo... on line.
Paola Karina Basavilbaso (APA – Argentina)
Karina Bretz (APA – Argentina)
Romina Rossi (APA – Argentina)
- Pág.54 Boteco do Freud / Bodegón de Freud.
Melisa Perea (GEPsSal – Argentina)
María Serena Sottile (APR – Argentina)
Victor Davico (GEPsSal – Argentina)
Carlos Eduardo de Souza (SPRJ – Brasil)

TRABAJOS PREMIADOS

- Pág.58 Filicidio – Parricidio: ¿Dos caras de una misma moneda?
Gloriani Landeros (AMPIEP – México)
- Pág.64 Visita a la construcción fallida de lo infantil en la diada analítica como alternativa frente al dolor psíquico de una destrucción suicida adolescente.
Diana Maldonado (AMPIEP – México)
- Pág.70 Contratransferencia:
una herramienta para “traducir” las huellas de lo infantil.
Gabriela González-Polo (AMPIEP – México)

- Pág.78 **AUTORES**



EIXOS - TRABALHOS

TEÓRICO CLÍNICO



CUANDO LOS MUNDOS SE ALINEAN.

Angélica Pateiro Bernal (SP LEON – México)



LA CAJA DE JUEGO VIRTUAL

Adriana Hariton (APAP – Panamá)



LOS DIÁLOGOS DE ALICIA EN
PANDEMIA

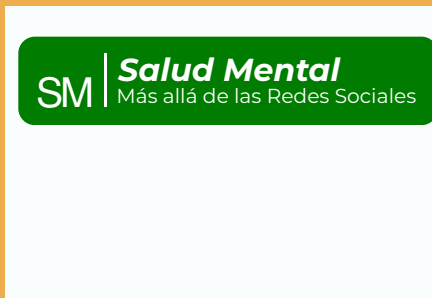
Francisca Juricic (APCh – Chile)



CRÔNICAS DA PSICANÁLISE ONLINE
COM CRIANÇAS

Aline Santos e Silva (SBPdePA – Brasil)

SOCIAL



SALUD MENTAL MÁS ALLÁ DE LAS REDES
SOCIALES

Erika Flores (SPC – Venezuela)



HABILITANDO EL RITMO

Brenda Covarrubias Aguayo (APG – México)



LA PERCEPCIÓN DEL TIEMPO Y SU
DISTORSIÓN

María Zurutuza (SPM – México)



CULTURAL



ENTRE POSTURAS Y POSTURAS

*Gloriani Landeros (AMPIEP – México),
Diana Maldonado (AMPIEP – México)*



O "JOGO DE CINTURA" DOS MOVIMENTOS

Carlos Eduardo de Souza (SPRJ – Brasil)

INSTITUCIONAL



PASADO, PRESENTE Y FUTURO ENGARZADOS POR EL DESEO... ON LINE

*Paola Karina Basavilbaso (APA – Argentina)
Karina Bretz (APA – Argentina)
Romina Rossi (APA – Argentina)*



BODEGÓN DE FREUD

*Melisa Perea (GEPsSal – Argentina)
María Serena Sottile (APR – Argentina)
Victor Davico (GEPsSal – Argentina)
Carlos Eduardo de Souza (SPRJ – Brasil)*

TRABAJOS PREMIADOS



FILICIDIO-PARRICIDIO: ¿DOS CARAS DE UNA MISMA MONEDA?

Gloriani Landeros (AMPIEP – México)



VISITA A LA CONSTRUCCIÓN FALLIDA DE LO INFANTIL EN LA DÍADA ANALÍTICA COMO ALTERNATIVA FRENTE AL DOLOR PSÍQUICO DE UNA DESTRUCCIÓN SUICIDA ADOLESCENTE

Diana Maldonado (AMPIEP – México)



CONTRATRANSFERENCIA: UNA HERRAMIENTA PARA "TRADUCIR" LAS HUELLAS DE LO INFANTIL

Gabriela González-Polo (AMPIEP – México)



A VIDA É UMA AVENTURA, A ESCRITA TAMBÉM...

“Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. (...)”

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.”

Clarice Lispector, A Descoberta do Mundo, Rio de Janeiro, Rocco, 1999

A escrita é um baile à fantasia onde o Eu, o Isso e o Superego dançam desvairadamente. É um carnaval.

Escrever é antes de tudo um reencontrar-se consigo mesmo.

A Revista Performances é um instrumento de diálogo entre a psicanálise e a vida. É um espaço criado pela OCAL para que os analistas em formação psicanalítica, que são seus associados,

possam expressar suas ideias, teorias, pensamentos, reflexões, através de sua escrita.

E é nesse clima de busca de uma estética própria para compreender o mundo que cresce aquele que escreve e ganha aquele que lê. É nesse encontro que de fato se dá a transmissão de nossa cultura, e também da psicanálise.

A despeito de todas as vicissitudes de quem se arrisca a produzir um artigo psicanalítico nossos autores enfrentaram seus próprios “moinhos de vento” heroicamente e nos trazem as maravilhas encontradas por quem luta por amor, tal qual um cavaleiro andante. Um Dom Quixote que se aventura por sua amada dama Dulcinéia del Toboso.

Nos parece um bom propósito psicanalítico, pois como nos disse outro cavaleiro andante vienense: “... a cura é essencialmente efetuada pelo amor”.

Nós editores, escudeiros desses cavaleiros andantes, verdadeiros Sanchos Panças, os auxiliamos quando preciso, e nos admiramos com tamanha coragem e determinação desses autores.

O nosso paciente, como a Dulcineia para Dom Quixote, é a razão do existir da psicanálise. Ele é que é a inspiração e a fonte de nossos verdadeiros conhecimentos psicanalíticos. E é para ele que andamos pelo mundo afora em busca de experiências, clínicas, teóricas, culturais, institucionais, sociais,



amorosas, fraternais, entre tantas, para enriquecer nosso trabalho. E é a ele que dedicamos o volume desta revista.

Com a paixão pela psicanálise e pela busca de compreensão do nosso mundo atual os nossos autores tiveram que travar dura batalha, com um temível gigante, o tema desse volume: “Mudanças de paradigmas no mundo digital?”.

Resolvemos enfrentar essa fera que é o mundo digital e a vida nele vivida. Um monstro que vem se alastrando, tudo modificando, e que em tempos de pandemia da COVID19, cresceu desproporcionalmente à nossa capacidade de compreendê-lo, resultando em traumas dos quais não sabemos ainda as consequências. E aqui estamos na tentativa de descobrir como conter estragos maiores.

Para enfrentá-lo optamos como estratégia observá-lo por diversos ângulos, que são os eixos de nossa revista: Teórico-Clinico, Social, Cultural e Institucional.

Não satisfeitos convocamos outros cavaleiros, analistas em formação vencedores de prêmios de escrita psicanalítica, para nos ajudarem nessa aventura literária em busca do desconhecido.

O resultado não poderia ter sido melhor!

Fomos brindados com textos muito criativos, profundos, autênticos e verdadeiros. Cada autor colocou sua armadura, subiu em seu cavalo, empunhou sua arma com galhardia, e lutou a sua luta. Vencer a batalha é um detalhe do qual não devemos ocupar agora. O leitor nos dará notícias, a posteriori.

“Navegar é preciso, viver não é preciso”. Provavelmente, diria Sancho Pança nesse momento.

Para não deixar que os bruxos nos encantem paralisando nossa capacidade de pensar, criar e reinventar a nossa clínica, os autores lançaram mão da “bruxa” de Freud, e os conhecimentos adquiridos em suas próprias experiências para nos apresentar caminhos, miradas, pensamentos, que permitam tornar nosso trabalho menos impossível.

Agradecemos de coração o “auxílio luxuoso” dos avaliadores dos textos que puderam apontar possíveis fragilidades, passíveis de enfraquecer as armas de nossos autores, seus textos. Para que eles pudessem contar com toda potência de seu trabalho.

E nossa gratidão a todos analistas em formação que nos enviaram fotos de seus ambientes de trabalho de atendimento digital para nos ajudar a ilustrar esse volume da revista, que é o resultado estético de um trabalho em grupo, de uma busca em grupo, de uma caminhada em grupo, que representa simbolicamente a OCAL.

Ganha o leitor, ganha a psicanálise, ganha a vida, ganha o amor...

Editorial

Alexandre da Costa Pantoja (SPBsb – Brasil)

Natália Mudarra (APAP – Panamá)



LA VIDA ES UNA AVENTURA, ESCRIBIR TAMBIÉN...

“Una vez dije que escribir es una maldición. No recuerdo exactamente por qué lo dije, honestamente. Más hoy repito: es una maldición, pero una maldición que salva. (...)”

Salva el alma atrapada, salva a la persona que se siente inútil, salva el día que vives y no se entiende a menos que escribas. Escribir es intentar comprender, intentar reproducir lo irreproducible, sentir hasta el final el sentimiento que quedaría vago y asfixiado. Escribir también es bendecir una vida que no ha sido bendecida”.

Clarice Lispector, El descubrimiento del mundo, Río de Janeiro, Rocco, 1999

Escribir es un baile de disfraces donde el yo, el ello y el superyó danzan sin parar. Es un carnaval.

Escribir es, ante todo, encontrarse con uno mismo.

La Revista Performances es un instrumento de diálogo entre el psicoanálisis y la vida. Es un espacio creado por OCAL para que los analistas en formación, puedan expresar sus asociaciones, ideas, teorías, pensamientos y reflexiones a través de la escritura.

Y es en este clima de búsqueda de una estética propia

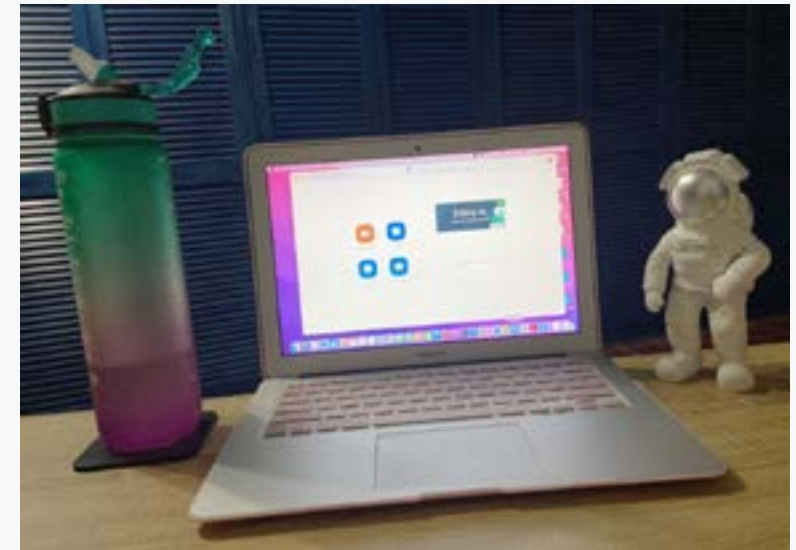
para entender el mundo, donde el que escribe crece y el que lee, gana. Es en este encuentro donde se produce realmente la transmisión de nuestra cultura y también del psicoanálisis.

A pesar de todas las vicisitudes de quienes se atreven a producir un artículo psicoanalítico, nuestros autores afrontaron heroicamente sus propios “molinos de viento” y nos traen las maravillas encontradas por quienes luchan por el amor, como un caballero andante. Un Don Quijote que se aventura por su amada señora Dulcinea del Toboso.

Nos parece un buen propósito psicoanalítico, porque como nos dijo otro caballero andante vienés: “... la curación se efectúa esencialmente por el amor”.

Nosotros los editores, escuderos de estos caballeros andantes, verdaderos Sanchos Panzas, los ayudamos cuando fue necesario, admirando el coraje y la determinación de estos autores.

Nuestro paciente, como Dulcinea para Don Quijote, es la razón de ser del psicoanálisis. El es la inspiración y fuente de nuestra verdadera búsqueda. Y es por el que caminamos por el mundo en busca de experiencias, clínicas, teóricas, culturales, institucionales, sociales, amorosas, fraternales, entre otras, para enriquecer nuestro trabajo. Es a el a quien dedicamos el volumen de esta revista.



Con pasión por el psicoanálisis y la búsqueda por comprender nuestro mundo actual, nuestros autores tuvieron que librar una dura batalla con un gigante temible, el tema de este volumen: “¿Cambios de paradigma en el mundo digital?”.

Decidimos enfrentarnos a esta bestia que es el mundo digital y la vida que se vive en él. Un monstruo que se ha ido extendiendo, cambiando todo, y que, en tiempos de la pandemia COVID19, ha crecido desproporcionadamente a nuestra capacidad de entenderlo, resultando en traumas de los que aún no conocemos las consecuencias. Sin embargo aquí estamos, tratando de averiguar cómo contener más dicho daño.

Para enfrentarlo, elegimos como estrategia, observarlo desde diferentes ángulos, los cuales vienen siendo los ejes de nuestra revista: Teórico-Clinico, Social, Cultural e Institucional.

No satisfechos, convocamos a otros caballeros, analistas en formación, premiados en escritura psicoanalítica, para que nos ayuden en esta aventura literaria en busca de lo desconocido.

¡El resultado no podría haber sido mejor!

Nos obsequiaron sus textos, creativos, profundos, auténticos y verdaderos. Cada autor se puso su armadura, montó su caballo, elevó su arma con valentía y peleó su lucha. Ganar la batalla es un detalle con el que no deberíamos lidiar en este momento. El lector nos dará noticias a posteriori. “Navegar es necesario, vivir no es necesario”. Probablemente, diría Sancho Panza en ese momento.

Para no dejarnos encantar por las brujas, paralizando nuestra capacidad de pensar, crear y reinventar nuestra clínica, los autores utilizaron la “bruja” de Freud y los conocimientos adquiridos de sus propias vivencias para presentarnos caminos, miradas, pensamientos, que nos permitieron hacer nuestro trabajo menos imposible.

Estamos muy agradecidos por la “participación de lujo” de los evaluadores de los textos que fueron capaces de señalar posibles vacíos que podrían debilitar las armas de nuestros autores, para que pudieran contar con toda la potencia de su trabajo.

Y también nuestro agradecimiento finalmente, a todos los analistas en formación que nos enviaron fotos de sus espacios de trabajo en la modalidad digital, para ayudarnos a ilustrar este volumen de la revista, que es el resultado estético del trabajo en grupo, una búsqueda de grupo, un grupo de viaje, que representa simbólicamente a OCAL.

El lector gana, el psicoanálisis gana, la vida gana, el amor gana ...

Editorial

Alexandre da Costa Pantoja (SPBSb – Brasil)

Natalia Mudarra (APAP – Panamá)





OCAL

ORGANIZAÇÃO
DOS PSICANALISTAS EM FORMAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

EIXOS - TRABALHOS

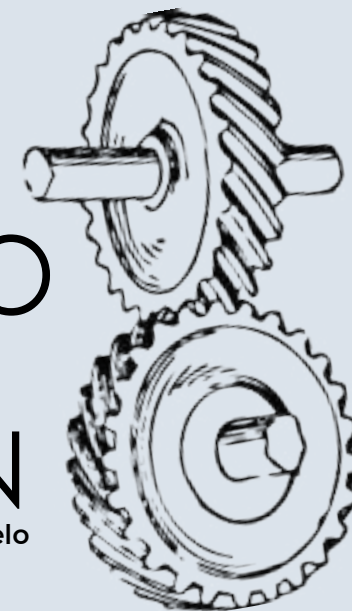




≡ Angélica Pateiro Bernal (SP LEON – México)

CUANDO LOS MUNDOS SE ALINEAN

La conexión inconsciente-inconsciente durante un duelo



En homenaje póstumo a mi supervisor.

Introducción

El presente artículo parte del interés por reflexionar acerca de la permeabilidad y conexión entre inconscientes en la pareja analítica. Es decir, la ida y vuelta de los sentires, donde el afecto del paciente se liga con el afecto de la analista, abriendo un espacio para pensar y elaborar en beneficio del paciente y, posteriormente, de la analista en su propio proceso. Para ello, se teorizará sobre una viñeta clínica.

I. El mundo del analista en supervisión

El inicio de la formación como psicoanalista va de la mano de la supervisión oficial, pero ¿cuál es el objetivo

de la supervisión? y ¿qué papel juega el supervisor en la formación de la identidad analítica? De acuerdo con Santamaría (1985), la supervisión tiene como objetivo abonar al proceso formativo (teórico-clínico y técnico) del candidato, favoreciendo el análisis de la propia labor, detrás del diván con un tercero de mayor experiencia que escucha, orienta y transmite (Fuentes, 2017). La supervisión, asentada sobre una alianza de aprendizaje, ayuda a identificar el *insight* del análisis como terapéutico, y el de supervisión como pedagógico. En cuanto a la elección del supervisor, el candidato deberá considerar ideologías manifiestas o latentes, subgrupos rivales o aliados, dependencia transferencial no resuelta, entre otros, para así, tomar la mejor decisión para sus intereses de aprendizaje, aun cuando los motivos reales sean inconscientes (Grinberg, 1975).

La riqueza del supervisor elegido, para llevar a cabo

la supervisión oficial, es en realidad la construcción de la identidad analítica, que brinda la oportunidad de continuar con la recomposición o integración del Yo del analista en formación, y no de una identificación imitativa o una perversa subordinación con el supervisor, como producto de mecanismos inconscientes, como la idealización, el sometimiento y la persecución. Cabe destacar, que de acuerdo con Sánchez (2015), la formación analítica impacta en tres áreas: la personalidad, la adquisición de la identidad profesional y la integración a un grupo, lo que demanda en el candidato, trabajar con identificaciones transitorias y permanentes, análisis y síntesis, niveles conscientes e inconscientes, transferencias y contratransferencias, etc. Si bien, el entrenamiento como analista no es fácil, debemos tener claro, que sólo cuando se trabaja sobre sí mismo, se puede trabajar con un otro, sin dejar de lado, el agradecimiento silencioso que siempre tenemos hacia nuestros pacientes.



II. El mundo del analista detrás del diván

“Y en ese momento pensé, ahora puedo acompañar a mi paciente a su infierno, porque yo ya fui y vine”. Cuando el paciente se pone en contacto por primera vez con el analista, no busca que le revele sus propios problemas, él busca a alguien que esté dispuesto a escuchar, a sentir (neuronas espejo), a pensar con él. Busca a alguien junto a quien pensar sus problemas, alguien a quien abandonarse y estar seguro de que no le soltará la mano mientras le sea necesario.

Desde 1915, Freud reflexionaba acerca de la conexión a nivel inconsciente entre analista y paciente. “*It is a very remarkable thing that the Ucs. of one human being can react upon that of another, without passing through the Cs.*”, “*descriptively speaking, the fact is incontestable*” (p. 194). Esa telepatía que por momentos reconocemos en la sesión analítica, expresa, cómo la comunicación no verbal y afectiva, ocurre mucho más rápido que la comunicación verbal, misma que se intensifica en la relación analítica, esto es, la comunicación inconsciente recíproca (Scharff & Scharff, 2011). De acuerdo con Ogden (1997), es la puesta del inconsciente receptivo del analista al servicio del inconsciente del analizado, lo que hace tan única la relación analítica, y a su vez, tan profunda transferencial y contratransferencialmente hablando.

En 1953, Racker (citado en Coderch, 2001), señala que la neurosis de contratransferencia es inevitable, así como imprescindible para llevar a cabo el proceso analítico. El autor distingue entre identificaciones concordantes y

complementarias. Las primeras tienen que ver con la parte de la personalidad del analista, que se identifica con la misma del paciente. Es decir, que se lleva a cabo una conexión de yo-yo, ello-ello y superyó-superyó. En el caso de las identificaciones complementarias, éstas tienen que ver con la identificación del yo del analista con los objetos internos del paciente. Idealmente, tendrían que funcionar mayormente, las identificaciones concordantes para permitir al analista analizar la transferencia y contratransferencia, logrando con ello, entender al paciente y poder elaborar una interpretación en el *timing* adecuado de la sesión, esto a sabiendas de que, toda interpretación parte de una identificación proyectiva.

Godfrind-Haber (citada en Tuckett, 2005) señala, que la posición analítica incluye la reserva, el silencio y cierta pasividad. Es decir, que la posición de espera es también llamada atención flotante, a lo que la autora nombra “*the counter-receptive position*”, cuya receptividad tiene que ver con el funcionamiento mental del analista, y con la regresión psíquica que le lleva a abrirse a las expresiones inconscientes del paciente. Esta posición incluye, la tolerancia y curiosidad en momentos de no entendimiento sobre lo que ocurre en sesión, así como, el estar alerta de las propias percepciones dentro de su mente, para dar lugar a un entendimiento de lo que ocurre dentro de la mente del paciente. En este punto, podemos recordar cómo Winnicott (2008), destaca la capacidad creativa del niño en un espacio potencial, en el cual, el bebé puede llevar a cabo el juego creador (cultura) de un objeto, una actividad creadora primaria, como producto de una proyección, a la cual, le precede una introyección.

El objeto transicional da lugar a fenómenos transicionales que vinculan al bebé con la realidad. Este objeto que vincula el mundo interno del paciente con la realidad, es el analista, quien durante el proceso analítico juega con él, y así logran crear un espacio para pensar en conjunto.

III. El mundo que construimos juntos

A continuación, se presenta la viñeta de un paciente que se ve en diván, de forma virtual, tres veces por semana; quien se encuentra en una fase intermedia de tratamiento, esto, con el objetivo de poner de relieve cómo la permeabilidad de los afectos a nivel inconsciente da cuenta de la transferencia y contratransferencia.

A inicios de marzo del 2020, en México se anunciaba la llegada de la pandemia por Covid-19, llevando a niños, adolescentes y adultos a vincularse desde casa y a través de la tecnología. Dicha situación alcanzó a los candidatos, quienes iniciamos un entrenamiento con seminarios, análisis y supervisiones On line.

Desde hace aproximadamente dos años, un tema recurrente en el discurso de este paciente ha sido el mencionar el número actualizado de contagios en el país y en el estado, así como el número de familiares y conocidos contagiados de Covid-19. A lo largo de las sesiones, verbalizaba su preocupación por el posible contagio o pérdida de su analista, tema que,





al abordarse, siempre generaba cierta resistencia y temor, no sólo en el paciente, sino en mí, en relación a la pérdida de mi analista, supervisores y profesores de la tercera edad.

En el mes de abril, inicié mis supervisiones oficiales de manera virtual. En ocasiones, mi supervisor se encontraba en su consultorio y otras en la comodidad de su casa, siendo el primer escenario el que siempre me generaba preocupación. En agosto, su asistente me llamó para avisarme que se cancelarían dos sesiones de supervisión. La voz preocupada de su asistente, me hizo sospechar de un contagio de Covid-19 que posteriormente fue confirmado. Fue un domingo por la mañana, que recibí la llamada insistente de un analista didacta, llamada que dejé pasar sospechando que era una equivocación. En el instante en que dejó de sonar el teléfono me paralicé y pensé en mi supervisor, de inmediato devolví la llamada confirmando su lamentable fallecimiento. Recuerdo escuchar la noticia y tomar consciencia repentina de mi propia vulnerabilidad. En los años que había convivido con él, fue mi maestro, lector, supervisor y colega, pero más allá de eso, siempre me reconfortaba su capacidad de ver “más allá de lo evidente”.

La siguiente semana, recibí como siempre, a aquel paciente cuyo caso él me supervisaba y siempre instaba en profundizar y no quedarme en

lo manifiesto del discurso. Para mi sorpresa, en las primeras dos sesiones el paciente mencionó: “*siento que los mundos se juntan*”, “*quiero mostrar, pero no mostrar esa parte de mí*” y, “*estos días han sido muy mortales*”. Recuerdo subir mis cejas y asentir con la cabeza al escuchar estas palabras que resonaban dentro de mí, sin embargo, nunca anticipé lo que seguía. En la tercera sesión de la semana, apareció un comentario que atravesó el cielo como estrella fugaz: “*¿te conté que ya se fue el profesor Z?, era un hombre ya muy mayor, siempre muy receptivo y que a veces me aconsejaba*”. Me quedé estupefacta y sentí un nudo en la garganta, si bien, era la primera vez que mencionaba a este profesor, logré ver de primera mano, cómo se sincronizaban nuestros inconscientes para verbalizar, expresar y elaborar lo sucedido traumático, en un nuevo espacio potencial.

Conclusiones

La presentación de esta viñeta posibilita identificar los elementos que coexisten dentro del analista, los cuales son fundamentales para llevar a cabo su labor, es decir, permitir la identificación de su Yo con los objetos internos del paciente, dando lugar a un espacio potencial de creación entre ellos, desde una posición contra-receptiva. Es la unicidad de la labor del psicoanalista, que trabaja con su personalidad, sus experiencias, deseos y un inconsciente receptivo a disposición del paciente, lo que favorece la

identificación proyectiva y concordante. Fue el fenómeno sincrónico (plano de realidad presente y consciente) del duelo que vivíamos tanto analista como paciente, lo que dio paso al fenómeno diacrónico (la dimensión de lo pasado, acumulado y reprimido en la historia) de cada uno, lo cual reactivó acontecimientos reprimidos de épocas tempranas a elaborar, inicialmente, en la analista.

Si bien los mundos de mi paciente y el mío no se juntaron, sí se alinearon, mostrando él su duelo por el profesor Z, y yo sin exteriorizar mi duelo por mi supervisor. La percepción inconsciente del paciente, de mi estado anímico, le permitió hablar de la pérdida que vivía en ese momento, algo que yo, aún no me permitía verbalizar en mi propio análisis. Cuando el paciente compartió, en sesión, su afecto y se ligó con una parte mía, fue cuando se abrió un espacio potencial para verbalizar, pensar y elaborar. Hubo entonces una sintonía a nivel inconsciente, que permitió verbalizar el duelo que ambos vivíamos y que probablemente, si él no hubiera hablado de esta pérdida, yo no hubiera identificado el impacto de la mía. Esto abrió la puerta para acceder a mis duelos pasados, reprimidos y/o negados, reales e imaginarios.





Referencias Bibliográficas

Coderch, J. (2001). *La relación paciente-terapeuta. El campo del psicoanálisis y la psicoterapia psicoanalítica*. Barcelona: Herder.

Freud, S. (1915) *The unconscious. Standard Edition*, 14:166-215. London: Hogarth Press, 1957.

Fuentes, M. E. (2017). *La supervisión clínica: un espacio de aprendizaje psicodinámico en la formación del psicoterapeuta psicoanalítico*. CartaPsi, No. 9. Recuperado de:
<http://www.cartapsi.org/new/carta-psi-09/>

Grinberg, L. (1975). *La supervisión psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.

Ogden, T. (1997). *Reverie and Interpretation*. Northvale, N. J.: Aronson.

Sánchez, J. (2015). *La práctica psicoanalítica. Teoría, clínica, aplicaciones, investigación y enseñanza*. Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas.

Santamaría, A. F. (1985). *El uso y el abuso del poder en la formación psicoanalítica. Cuadernos de Psicoanálisis, Número 3, 4-1 y 2. Volúmenes XVII-XVIII*. México, Julio 1984- Junio 1985: Asociación Psicoanalítica Mexicana, A.C.

Scharff, D. & Scharff, J. (2011). *The interpersonal unconscious*. Maryland: Jason Aronson.

Tuckett, D. (2005). *Does anything go? Towards a framework for the more transparent assessment of psychoanalytic competence*. Obtenido de *The International Journal of Psychoanalysis*, 86:1, 31-49: DOI: 10.1516/R2U5-XJ37-7DFJ-DD18

Winnicott, D. W. (2008). *Realidad y Juego*. Barcelona: Gedisa.





la CAJA DE juego VIRTUAL

≡ Adriana Hariton (APAP – Panamá)

La pandemia nos desafió y tuvimos que encontrar nuevas formas de hacer psicoanálisis con niños a través de las pantallas. Desde que comenzó la cuarentena nos preguntamos cómo serían las sesiones de juego virtuales. Las primeras semanas fueron de incertidumbre ante lo desconocido y de buscar alternativas y opciones para continuar los procesos que ya estaban en curso. En ese momento me pregunté: ¿si sería posible iniciar con nuevos pacientes?, ¿cómo realizaría las evaluaciones iniciales a través de la pantalla?. Partiendo de la premisa de que los niños expresan a través del juego lo que los adultos expresan con las palabras, pensé ¿y ahora qué haremos?. Como lo señala Aberastury (1962) “Todo terapeuta debe conocer sus medios y sus fines;

pero en el caso de la psicoterapia de niños se agrega una especial dificultad: la necesidad de conocer el significado profundo del lenguaje no verbal”. Frente a estas dificultades nos preguntamos donde encontrar respuestas, sabíamos que este era un suceso único y que la respuesta no estaba escrita.

Me sentía muy motivada a continuar mi trabajo, pero sentía que algo faltaba al no tener la caja de juegos y los materiales habituales. En ese momento se me ocurrió crear con una caja de cartón con tapa que tenía en mi casa **una caja de juego virtual**, en la que escribí los nombres de varios juegos que se podían realizar, cada juego lo escribí en un papelito y luego lo doblaba y los metí todos en



el recipiente. Al comenzar la sesión se los mostraba a los niños, explicándoles que a falta de los juguetes tradicionales ahora teníamos nuevas opciones, le leía a los niños los juegos y así ellos podían escoger que querían jugar, tratando de mantener en cierta forma lo mismo que ocurría en el consultorio, luego muchas veces íbamos modificando el juego y agregando nuevas ideas.

La caja de juego virtual, fue un recurso inicial que funcionó **como un objeto transicional**, que luego de un tiempo ya no fue necesario; pero que en los primeros momentos de la transición del consultorio presencial a las sesiones virtuales, sirvió para hacer más tolerable esa separación o pérdida del

lugar conocido y seguro. Sirviendo como un apoyo para establecer el vínculo con los nuevos pacientes o para ayudar a los niños más inhibidos con los que ya tenían un tiempo en sesiones. Para mi sorpresa pude evaluar nuevos pacientes e iniciar nuevos tratamientos.

A medida que fueron pasando las semanas en un trabajo conjunto con mis pacientes y sus padres fuimos experimentando y encontrando la forma. A través de las pantallas, pudimos ofrecer a los niños la posibilidad de jugar y ellos pudieron desplegar su juego y el proceso analítico pudo ser recuperado. Pintamos en la pizarra del zoom, creamos historias en conjunto donde exploramos y trabajamos con el mundo interno de los niños. En una ocasión la madre se le ocurrió colocar doble pantalla para que pudiera ver a su hijo desde diferentes ángulos, la tecnología nos permitió continuar los procesos.

Con algunos niños menos verbales o más deprimidos no fue tan sencillos, tuvimos que buscar algo más, hicimos plastilina hecha en casa y luego construimos con ella diferentes figuras o personajes con los que podemos jugar, luego de que cada uno hacía sus personajes jugamos con ellos a través de la pantalla de zoom y en uno de los casos al paciente se le ocurrió que sería buena idea hornear las figuras y otra quiso cocinar un postre.

Ni el zoom, ni la pandemia, nos detuvieron de usar las herramientas tradicionales, pero también descubrimos nuevos recursos tecnológicos y apps que nos permitieron hacer nuevos juegos. Una ventaja de estar en casa fue que en algunos casos los niños pudieron contar con materiales de su agrado o salir a su terraza y enseñarme por ejemplo a cómo hacer un slime.

A pesar de perder los estímulos olfativos o táctiles, ganamos en otros aspectos. Muchos quisieron mostrarme los diferentes cuartos y espacios de su casa, a sus hermanitos, sus perros o gatos, fui con ellos conociendo su mundo externo y las dinámicas familiares de forma más concreta, más cercana.

De acuerdo a Klein (1927) “la representación por medio de juguetes está menos investida de angustia que la confesión por la palabra hablada” y en terapia psicoanalítica con niños, ellos tienen la libertad de elegir lo que quieren jugar y así asociar libremente y desplegar sus fantasías y conflictos inconscientes para ser traducidos. Para mí fue asombroso ver como los niños inventaban sus propios juegos y buscaron la forma de comunicarse a través de videos e imágenes que encontraban en google y las compartían a través de la pantalla del zoom por lo que quisiera compartir una viñeta que puede ilustrar uno de los procesos que continua

hasta la actualidad virtual, a pesar de que ya estoy atendiendo presencial o semi-presencial. Tratamiento que en otro momento probablemente a los padres les hubiese costado mantener en el tiempo, por temas de logística de horario de trabajo y de ubicación:

Se trata de Marcos, un niño de 7 años, que comienza a asistir a mi consulta virtual a través de zoom hace un poco más de un año durante la pandemia. Sus padres consultan porque han notado cambios que los preocupan, en los últimos tiempos Marcos luego que le dan su beso de buenas noches, sale de su cuarto diciendo que no puede dormir y que escucha voces adentro o afuera de su cabeza; algunas de las voces son de él y a veces de otras personas que le hablan y le dicen cosas malas y él está muy asustado. Hasta ese momento había sido un niño ejemplar, capitán de su equipo de fútbol, le va bien en la escuela.

Las voces las escucha cuando se siente culpable y hace cosas que no están bien y le dicen: “Que se porta mal”, “Que no le haga caso a su mamá”, “Que se fuera a un bosque y se quedara solo”. El niño le expresa a la madre que no los quiere escuchar más y que él no quiere molestar a los padres, solo quiere descansar, que su cabeza está confundida; también ha tenido pesadillas.





Adicionalmente la madre expresa: “Me he sentido culpable que Marcos se sienta abandonado con la llegada del hermanito (de cuatro meses), otro cambio ha sido la escuela en casa y yo soy una mamá con expectativas fuertes en la escuela. Marcos no tolera equivocarse o hacer las cosas mal, se autocastiga”

Sesión por Zoom:

.....

P: Quieres que te muestre un video solo por 5 minutos? Déjame share

A: Ok

P: Cual videojuego quieres ver? Ninjago, el Rey León, y me nombre 2 o 3 opciones más.

A: ¿Cuál quieres ver tú?

P: Ninjago, lo voy a poner y tú me dices cuando pasan 5 minutos. Ahora cual quieres ver? Hay muchos: Voy a poner ese (empieza a jugar) ay me morí....hay disculpa me volví a morir.

A: ¿Cómo te mueres?

P: Cuando caigo en los espacios. Ay me morí!! Mejor voy a jugar otro, este otro es super cool ya vas a ver. Esto es un arma. te advierto que este es difícil. Este es un carro malo, esta es la moto. Lo que tiene es que llegar al final y alcanzar la máscara jajajaja. Ayyy porque nadie me aviso que se me acabo el escudo.

A: ¿Se te acabo el tiempo?

P: No se me acabo el escudo, aquí no hay.

Sabes quién es Lord Escorpión? es el que debo atrapar. Lo atrapé!

A: Atrapaste la mascara, muy bien!

P: Adriana ya pasaron 5 minutos?

A: Si ya

P: Hace cuanto?

A: Hace como 3 minutos, yo te di unos minutitos de más.

P: Te quiero mostrar Ninjago en google, para que sea más específico. Mira: (comparte su pantalla de google y me muestra las imágenes a color de los personajes del juego):

Azul es Jae, su poder es el rayo.

Rojo es Nia, poder: agua

El de Barba es el Sensei no tiene ningún poder.

El de camisa blanca es un robot que pensó que era un humano

Sei, poder: nube

Lloyd, poder: luz

Kay es el hermano de agua, tienen poderes opuestos, este es el Fuego.

El negro es el papá de Lloyd

A: Ok, y que hacen ellos con sus poderes?

P: Ellos no son amigos, se conocieron en un torneo de los elementos. Te lo voy a hacer más específico. **Hay uno solo que gana el torneo, uno solo puede permanecer.** Este es Lloyd,

luego se convirtió a Ninja y el se enfrentó a su padre en la última Battle y allí derroto a su padre y se convirtió en un dragón devoto al mal.

A: Derroto a su propio padre?

P: Si al Sr. De la Oscuridad

A: A veces tu sientes que tú papá es muy poderoso como ese papá.

P: Si el es muy difícil de vencer.

El más poderoso es The Ultimate Master of Spingate. Te voy a decir que poderes tienen estos: este el poder del metal, este el poder de la sombra, ella el de absorber, él poder tóxico.

A: Veo que cada personaje tiene su propio poder, si tú fueras uno de está serie que poder tendrías?

P: Para ser exacto sería el poder de Rayo. Pero a veces me pongo que no se que hago?

A: Cómo te sientes cuando te pasa eso?

P: Olvídalo, mejor no quiero hablar de eso.

A: Si tuvieras ese poder de rayo, te sentirías más confiado de saber qué hacer cuando estás confundido?

P: Quieres ver quienes son los hermanos Kratt? Tienen un disco y su traje se convierte en ese animal y tienen las habilidades de ese animal, como aquí que se convirtió en Mapache.

A: ¿ Y qué habilidad tiene el mapache?





P: Escabullirse, pero te juro que no me acuerdo. Quieres ver un animal que no habías visto antes?. Sabes lo que es un Gato Galo, míralo. ¿Sabes lo qué es Lucifer?

A: ¿Qué es Lucifer?

P: Nunca te lo mostraré, ya que tendré pesadillas con el, si lo veo. Quieres que te cuente una historia?

A: Si

P: Había una vez un ángel que era el favorito de Dios, llamado Lucifer, tenía mucho poder y era bueno, pero el pensó que debía ser dios e hizo que otros lo creyeran, pero Miguel un ángel que era muy poderoso estaba del dios y Lucifer se convirtió en un dragón y luego los desterraron al inframundo a todos y lo convirtió en un Satanás. Pero nunca te lo voy a mostrar , que te de pesadillas a ti no a mi. Esa historia mi mamá me la puso en algo que yo escuche, no lo veamos. No voy a ver a Lucifer, pero voy a ver cómo se ve un ángel porque nunca lo he visto.

A: Y qué aprendiste de está historia?

P: Aprendí que si eres malo en la vida, te pueden pasar cosas malas.

A: A veces puedes tener miedo que mami y papi sean como dios, que destierren de tú casa y te castiguen como hizo dios. Tal vez lo ves como muy poderosos y te da miedo cuando

no haces caso, como cuando no te comes la comida que te da mamá o cuando juegas unos minutos de más el video juego.

Como balance a más de dieciocho meses de iniciada la pandemia, lo que tenemos ahora es la posibilidad de hacer psicoanálisis con niños no solo de forma presencial, sino también virtual e híbrido, modalidades que llegaron para quedarse, ya que el inconsciente busca la forma de expresarse no importa el medio, siempre y cuando haya un interlocutor con la atención flotante para captar la asociación libre.

Referencias Bibliográficas

Aberastury, A. (1962). Teoría y Técnica del Análisis de Niños. (1era edición). Buenos Aires. Editorial Paidós.

Klein, M (1927). Simposium sobre análisis infantil. Obras Completas de Melanie Klein Vol. 1. (2da ed.). Buenos Aires. Editorial Paidós.





DIÁLOGOS de Alicia



Francisca Juricic (APCh – Chile)

- “¿Quién eres tú? – Dijo la Oruga. No era una forma demasiado alentadora de empezar una conversación. Alicia contestó un poco intimidada.
- Yo...yo...Apenas se, señora, lo que soy en este momento...Si se quien era al levantarme esta mañana, pero creo que he cambiado varias veces desde entonces.
- ¿Qué quieres decir con eso? – pregunto la Oruga con severidad-. ¡A ver si primero te entiendes a ti misma!
- Temo que no puedo aclarar nada conmigo misma, señora – dijo Alicia – porque yo no soy yo misma, ya lo ve.” (Carroll, 2010: 45)¹

La real academia de la lengua , define identidad como “el conjunto de rasgos de un individuo o de una colectividad que los caracteriza frente a los demás” (Real Academia Española, 2021, definición 2). El fuerte impacto provocado por la pandemia, ha generado que nuestra identidad psicoanalítica se vea enfrentada a la extrañeza de lo nuevo, a lo desconocido, en fin, no solo a intentar recuperar lo perdido como esencia fija e inmutable, sino también ha dar espacios para la búsqueda de nuevos sentidos, en donde hay un puro devenir. Alicia sabe quien era al levantarse esta mañana, antes de la pandemia, o creía saberlo. Sin embargo, ha cambiado varias veces desde entonces. Que define nuestro trabajo? Que nos define como psicoanalis-

¹ Dialogo extraído del “Las aventuras de Alicia en el país de las maravillas” de Lewis Carroll. En adelante se hará referencia a otros diálogos presentes en el libro.



tas? Estas preguntas intentarán ser abordadas a partir de la obra de Gilles Deleuze, y en especial la relación que este autor hace con el libro de Alicia en el País de las Maravillas.

La pérdida del nombre propio es la aventura que se repite a través de todas las aventuras de Alicia en el país de las maravillas. Toda asignación de algún nombre propio, de alguna identidad, está garantizada por la permanencia de un saber. El nombre propio implica la permanencia de un saber. Este saber se encarna en nombres generales que designan paradas y descansos, sustantivos y adjetivos, con los cuales el nombre propio mantiene una relación constante (Holzapfel, 1998).

- Terapeuta: cuénteme que la trae por acá?
- Paciente: tengo un problema, no se que es, pero me afecta muchísimo. Desde que me destinaron a trabajar a otro lugar, de un día para otro, de esta forma tan espantosa, me siento perdida, ya no se quien soy. Ya no se si puedo llamarme como me llamaba antes. Ya no se si puedo hacer las mismas funciones en este nuevo lugar. Estoy con lagunas mentales, no duermo bien, con angustia y me paso películas”
- Terapeuta: cuénteme un poco acerca de su antiguo lugar.
- Paciente: el lugar se llamaba oro puro, era un trabajo metódico, constante, se cuidaba siempre

la intimidad, siempre neutral y había que guardar cualquier secreto. Me daba mucha tranquilidad y calma. Ahora me siento muy abrumada. Anhele como las cosas eran en el pasado. Necesito que me ayude a recuperar lo que tenía.

Es justamente este tipo de pensamiento y de diálogo (paciente – terapeuta), lo que Deleuze (1989) en su obra “ la lógica del sentido”, pone en duda, enfatizando, la comprensión de un devenir que no soporta la separación entre un antes y un después, entre el pasado y el futuro, entre la vida y la muerte. Aquí, el paciente quiere que lo ayuden a recuperar lo que tenía antes, recuperar aquel espacio que le otorgaba seguridad, en vez de abrirse a la posibilidad de explorar nuevos territorios. Con esta teoría, Deleuze plantea una manera distinta de entender el mundo, es decir una manera diferente de aproximarse al ser humano. Lo anterior se aleja de la forma tradicional, en donde las preguntas orientan respuestas, buscan síntomas, categorizan y finalmente diagnostican. Aquí, Alicia recorre el mundo sin seguir un patrón específico y sin sentido alguno. Las respuestas que recibe no responden exactamente a sus dudas.

- “Alicia: ¿podrías decirme, por favor, qué camino debo seguir para salir de aquí?”
- Gato de Cheshire: Eso depende en gran parte del sitio al que quieras llegar.
- Alicia: No me preocupa mucho donde...

- Gato de Cheshire: Entonces, tampoco importa mucho el camino que tomes”. (Carroll, 2010: 62).

De esta manera, Deleuze (1989) está proponiendo una teoría del sentido donde el hombre no se ciña a las viejas esencias, a los caminos conocidos, sino más bien, al sentido, en tanto producto humano. Más que aferrarnos a la cura tipo, al consultorio, al diván, a todo aquello que nos genera tranquilidad porque es conocido, donde hay un sentido asegurado, la propuesta más bien es que el sentido debe ser producido. Al respecto, Holzapfel (1998), plantea que para Deleuze, toda expresión del buen sentido, o sentido común, se presenta habitualmente en aquellas cosas en que la gente encuentra sentido (códigos sociales, económicos, políticos, morales). Este buen sentido, doxa, se caracteriza por ser sedentario, por ser un tipo de pensamiento que Deleuze llama arborescente (con raíz), y se refleja en los juegos de competencia, con reglas establecidas. Sin embargo, es imposible instaurar un sentido único. Hay muchos encuadres con cada paciente. Frente a esto, Deleuze propone el sin sentido, la para – doxa, flujo, continuum, acontecer, devenir.

Así, cualquier pregunta exige que todo su supuesto sentido permanezca siempre abierto.

- Terapeuta: en que te gustaría que pudiera ayudarte?
- Paciente: estoy triste, ya no hago lo de antes. Me



gustaría que me ayudara a que mi trabajo no se diluya en esta nueva forma de trabajar. Me pregunto cómo puedo aplicar lo que tenía antes al contexto actual. Necesito volver al consultorio.

Alicia había estado mirando por encima del hombro de la liebre con bastante curiosidad

- “¡Que reloj más raro! – exclamo- ¡Señala el día del mes y no dice la hora!
- ¿Y por qué habría de hacerlo? Rezongo el sombrero- ¿acaso tu reloj señala el año en que estamos?
- Claro que no – reconoció Alicia de inmediato -, pero eso porque un mismo año dura mucho tiempo.
- Ese es precisamente el caso de mi reloj – dilo el sombrero”. (Carroll, 2010: 67).

Alicia quedó completamente desconcertada. Las palabras del sombrero le habían parecido totalmente insensatas. No tenían ningún sentido, aunque los dos hablaban él mismo idioma.

- “Alicia: Me parece que ustedes podrían encontrar un mejor modo de matar el tiempo – dijo, que andar proponiendo adivinanzas sin solución.
- Sombrero: si conocieras al Tiempo tan bien como yo, dijo el sombrero -, no hablarías de





matarlo. ¡El tiempo es todo un personaje! No es una cosa. Él es de él, no es de nadie. El tiempo no tolera que le den palmadas “ (Carroll, 2010: 68).

De esta manera, el buen sentido o sentido común, determina una sola dirección, la orientación de la flecha del tiempo, del pasado al futuro. Como volver al pasado se pregunta la paciente. Sin embargo, este pensamiento no genera curiosidad por explorar nuevos horizontes, territorios no mapeados. Es cierto que el hombre necesita datos, paradigmas, conclusiones, respuestas en que apoyarse. Ello compete no solo a la ciencia, sino también al psicoanálisis, a la filosofía, como a lo propio del conocimiento y del pensamiento. Sin embargo, corresponde en todo momento hacer al mismo tiempo la experiencia de la paradoja. Esa experiencia en donde la sesión psicoanalítica termina justo en el horario del reloj y al mismo tiempo, lo que ocurre en la sesión es atemporal. Es la temporalidad en dos tiempos. El tiempo lineal y a la vez el tiempo del inconsciente, donde se avanza y se retrocede a la vez.

Alicia en el devenir crece y se achica simultáneamente. Surgen las paradojas, las cuales reemplazan al pensamiento categorial. Deleuze (1989) quiere meterse en esa zona de la paradoja donde el sin sentido está abrazado con el sentido, donde la vida está abrazada con la muerte, donde cualquier pregunta exige que todo su supuesto sentido permanezca siempre abierto. Así, se trata de estar abiertos a lo nuevo que pueda entregarnos este escenario de traba-

jo en modalidad virtual, se trata de evitar reproducir del mismo modo la manera que teníamos de trabajar previo pandemia. Es una apuesta a seguir pensando, soñando.

El pensamiento para Deleuze (1989), es un juego sin reglas, sin vencedores ni vencidos, en donde la destreza y el azar no se distinguen. Es el inconsciente mismo. Es decir, afirmar y ramificar el azar, en lugar de dividirlo para dominarlo, para apostar, para ganar. Cuando entendemos el pensamiento de esta manera aparece la invitación a distinguir entre dos dimensiones, la primera hace referencia a las cosas limitadas y medidas, de dualidades fijas (permanentes o temporales), pero suponiendo cómo paradas como en reposo, establecimiento del presente. La segunda, hace referencia a un puro devenir sin medida, verdadero devenir – loco que no se detiene jamás, identidad infinita en los dos sentidos a la vez, esquivando el presente, haciendo coincidir el futuro y el pasado, el más y el menos.

Surge entonces la paradoja. Esta identidad infinita que tiene como consecuencia la impugnación de la identidad personal de Alicia, la pérdida del nombre propio. La paradoja es primeramente lo que destruye al buen sentido como sentido único, pero luego es lo que destruye al sentido común como asignación de identidades fijas” (Deleuze, D.; 1989). De esta manera, Deleuze combate el concepto de identidad fija, sustancia, para transformarla en una identidad móvil, en transformación.

- “Y ahora – dijo el Grifo, dirigiéndose a Alicia – puedes contarnos tu alguna de tus aventuras.
- Puedo relatar mis aventuras... a partir de esta mañana – Dijo Alicia con cierta timidez – Pero no serviría de nada retroceder hasta ayer porque ayer yo era otra persona.
- Explica ese mamarracho! Quiero entender todo esto – dijo la Falsa Tortuga”.(Carroll, 2010: 99).

La pandemia ha modificado la manera de trabajar de todos nosotros. La modalidad virtual se ha instalado en el psicoanálisis, y sus cambios en la técnica y en el encuadre, han generado una serie de preguntas. Desde este punto de vista, las preguntas por nuestra identidad como psicoanalistas han ocupado un lugar principal. Al respecto, Deleuze (1989) plantea, en su libro *Lógica del Sentido*, que el nombre propio, esta garantizado por un saber. El psicoanálisis, como nombre propio, tiene sus propias reglas que designan el estado de cosas, el buen sentido. Sin embargo, dicho autor nos plantea una nueva manera de pensar, un pensar en donde se conjuguen dos miradas a la vez, en donde las estrofas se describan según sus cualidades físicas, sensibles y sonoras, y al mismo tiempo, cada una de ellas inventé sus propias reglas, siempre múltiple, en movimiento, en actividad.





Referencias Bibliográficas

Carroll, Lewis (2010): "Las aventuras de Alicia en el País de las Maravillas", Editorial Planeta, Buenos Aires, Argentina

Deleuze, Gilles (1989): "Lógica del sentido". Editorial Paidós. Buenos Aires, Argentina.

Holzapfel, Cristobal (2005): "A la búsqueda del sentido". Editorial Sudamericana. Santiago, Chile.

Holzapfel, Cristobal (1998): "Deleuze y el sin-sentido". Rev. austral cienc. soc., ago. 1998, no.2, p.95-101. ISSN 0718-1795.

Real Academia Española: Diccionario de la lengua española, 23.ª ed., [versión 23.4 en línea]. <<https://dle.rae.es>> [11 de octubre 2021]





CRÔNICAS DA PSICANÁLISE ONLINE COM CRIANÇAS: o guarda-roupa, o bebê e a lanterna

O atendimento não presencial é uma realidade e um objeto de estudo da psicanálise. atendimentos por telefone e, mais recentemente, pela internet, já se mostravam presentes na prática psicanalítica de analisando adultos, mesmo que de modo tímido (Ayran et al., 2015; Carlino, 2019; Rea, 2019; Nicolliello, 2019, entre outros). Já durante a pandemia, comprovou-se a manutenção da escuta psicanalítica nestes processos, não sem algumas ressalvas: sensação da falta de privacidade, temores ao falar mais livremente, silêncios mais angustiantes tomaram parte nestas novas salas de análise online. Para o atendimento de crianças, porém, as dúvidas se mostravam maiores. Como transpor o setting para o atendimento de crianças? Como manter a escuta do brincar mediada por um *gadget*, seja celular ou computador? E mais, como manter o brincar compartilhado, tão caro a prática psicanalítica na infância, deste modo?

Todas estas dúvidas (dentre várias outras) se impuseram em meu pensamento a partir do contato de uma mãe buscando atendimento para sua filha de 6 anos, no período de maior distanciamento social. Chamarei esta pequena analisanda de Vitória. A busca pelo atendimento de Vitória tinha alguma relação com a pandemia, mas se calcava em aspectos já percebidos pela família anteriormente. Vitória estava incomodada com o andamento das aulas online, pouco concentrada em suas atividades escolares. A separação dos pais, ocorrida há 2 anos, ainda ecoava em sua tentativa de compreensão. Além disso, a mãe havia introduzido em sua vida um novo companheiro, que, com o isolamento social, permanecia mais tempo com ambas, mãe e filha.

No horário e dia marcado com a mãe, via chamada de vídeo, conheço Vitória. Naquele pequeno recorte da tela, pude perceber algumas de suas características físicas. Mas, de



imediatos, a falta da percepção do corpo, falta do meu olhar integralizador para aquele “todo” aos 6 anos. Freud (1923/1996), em sua fala já clássica, coloca que o ego, antes de tudo, é corporal. E o corpo infantil dá acesso ao inconsciente, via polo motor que se atualiza na presença do analista. O brincar, invariavelmente, inclui o corpo, mesmo quando “se esquece” dele. Winnicott (1975) é categórico ao referenciar que o brincar envolve o corpo. Além do que, as fantasias mais primitivas não são de natureza verbal. Segundo Ferro (1995), primeiros aparecem no corpo, depois se tornam visuais e, por fim, verbais. São tanto fruto do processo desenvolvimental, bem como do processo de interiorização e capacidade de pensar da dupla analítica.

Cabe, então, a pergunta primordial: como brincamos pela tela? A primeira percepção é que o brincar via tela inclui os corpos de modo diferente, planos, em duas dimensões. Tanto analista quanto analisanda percebem-se de modo diferente. Esta falta do corpo tridimensional ainda me intriga quanto a seus efeitos na relação transferencial e no estabelecimento do campo analítico; merece, portanto, maiores estudos. Neste tipo de atendimento, estaria o verbal sendo privilegiado, mesmo sem antes a primazia do corpo e do visual? Certamente, mais questionamentos do que repostas.

Gradualmente, ainda neste primeiro olhar para Vitória, sinto que a tela tanto potencializa o olhar para a

face, quanto a escuta da voz. Aspectos antes disseminados num todo, se parcializam: olhares, palavras, ritmos, silêncios adquirem, neste novo paradigma da técnica, mais nuances. Na minha percepção, contudo, a tela reproduz algo da relação de um objeto mais parcial, não inteiro. Além da possibilidade da internet falhar, a ligação cair ou os rostos se congelarem em instantes, o que deixa o processo sempre numa pendência da dúvida: “tu estás aqui?” A presença, antes dada como certa, agora se embrenha em dúvidas. A constância objetual posta à prova por todo o tempo analítico. Como analisar numa pendência com a presença? Que qualidade de encontro é possível nesta realidade?

Chego a nosso primeiro encontro com a mente povoada por estas e tantas outras dúvidas. Após as devidas apresentações, a mãe sai do quarto, e deixa a mim, o celular e Vitória. Antes, seríamos eu e a criança. Agora há um terceiro entre nós, o dispositivo eletrônico. Estamos também num setting novo: a casa da família. Relembremos que no início da técnica de análise de crianças, Melanie Klein (1980) ia à casa das mesmas, e se utilizava dos materiais que a criança possuía para brincar e intervir. Rapidamente, porém, ela abandona esta prática, optando por manter os atendimentos em espaço neutro e protegido do olhar da família, de suas idealizações e identificações. Percebeu Melanie Klein que se potencializava, nesta prática, resistências que na sala de análise não surgiam com a mesma veemência. Na vivência online, porém,

estamos de volta à casa da família, tal qual a Sra. Klein do início do século passado. Do mesmo modo que no século anterior, as intrusões por parte dos adultos, muitas vezes curiosos, aparecem.

Além disso, constata-se que as resistências do paciente podem se manifestar de múltiplas e diferentes maneiras. Faz-se presente a possibilidade da criança de não ouvir uma intervenção (basta desligar o celular ou silenciar a chamada!). Surge também a possibilidade da criança estar ali, no atendimento, mas, ao mesmo tempo, estar fazendo outra coisa (vendo TV, jogando no computador, ou até mesmo em algum espaço da casa compartilhado com outros integrantes da família). Em casos de atendimento prévios à pandemia, mostrou-se necessário re-contratos afirmados (Silva e Marchiori, 2021). Para casos vindos neste período, um contrato mais “amarrado” pôde evidenciar sua qualidade. Entretanto, o setting, antes controlado pelo analista com vistas a manter a continuidade e a efetividade do atendimento, agora se torna mais volátil. Recorremos, assim, com maior força ao enquadre interno: a postura de escuta e acolhida para aquele analisando.

Contudo, em nosso primeiro encontro (e como é comum no atendimento de crianças), Vitória me surpreende. Mesmo sem nunca ter passado por processo analítico, toma conta do mesmo e, do alto de sua compreensão inconsciente, vem em auxílio da manutenção



do enquadre. Apresenta-me seu boneco/bebê, diz que se chama João. Refere que procura uma lanterna que ganhou de aniversário, ocorrido apenas algumas semanas antes. Com a lanterna em uma mão, o bebê em outra, entra dentro do guarda-roupas que há no quarto. Insere paredes e contornos, onde antes eu imaginava que navegaríamos um tanto sem rumo. Assim se processa nosso primeiro encontro: eu em minha casa, no espaço destinado por mim para os atendimentos online; Vitória eu sua casa, dentro do armário do quarto de sua mãe, com um bebê de brinquedo e uma lanterna. Leva mais de 15 minutos nesta “arrumação” do nosso espaço. Ao final e a contento, diz, aliviada: “agora podemos conversar”.

Ferro (1995) coloca que é a observação da criança e a compreensão de seu modo de brincar que possibilitam ao analista a possibilidade de compreender o mundo infantil. Neste primeiro encontro, atenta ao que Vitória propunha, senti-me muito mais observadora do que no consultório físico. Diferentemente de algumas percepções do atendimento a adultos (não foi raro discutir com colegas que na utilização do dispositivo eletrônico, muitos se sentiram mais compelidos a intervir, preenchendo os silêncios com questionamentos e colocações), no atendimento de crianças, a observação do que a criança faz se mostrou mais presente. A ação de Vitória, de buscar para nós duas um espaço de muita privacidade, apontou para o entendimento de que tínhamos muito a conversar e de que tínhamos que

estabelecer uma relação de dupla, privativa. Como bem nos lembra Winnicott (2005), na primeira entrevista há a necessidade de um setting estritamente profissional, no qual a criança se sinta livre para explorar a oportunidade que o atendimento propicia para a comunicação de suas tendências emocionais específicas, tanto atuais, como remotas. Acredito que Vitória, do alto de seus 6 anos, a partir do brincar, veio em meu auxílio na estruturação deste setting.

Enfim, a cena que Vitória monta, a meu ver, é de um simbolismo raro: um guarda-roupas, um bebê e uma lanterna! Tal qual os personagens das Crônicas de Nárnia (1950) que descobrem num velho guarda-roupa a passagem para um mundo sobrenatural, onde são parte da realeza, Vitória está ali comigo disposta a descobrir a passagem para seu mundo interno, onde pode se sentir realeza (frente a um momento da vida de grande sentimento de desvalia). Completando o quadro, temos um bebê, com o desamparo e seus aspectos mais primitivos postos em cena, tema bastante pertinente às análises em tempos de pandemia. E, certamente, encontramos na lanterna a confiança na possibilidade da psicanálise a nos guiar. Iluminando o enquadre interno, a psicanálise aponta para a criação do espaço transicional desta dupla, de onde atravessamos o guarda-roupa para a “Nárnia” da compreensão e do aumento da capacidade de pensar.

Referências Bibliográficas

Ayran, A.; Briseño, A.; Carlino, R.; Estrada, T.; Gaitán, A.; Manguel, L. (2015). *Psicanálise à distância. Um encontro além do tempo. Calibám, V. 13. N. 2, p. 60-75.*

Carlino, R. (2019) *Ciberanálise: ano 2019. Calibán, V. 17, N. 1, P. 90-92.*

Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil. Ed. Imago: Rio de Janeiro.*

Freud, S. (1996). *O ego e o id. In: Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora (Trabalho original publicado em 1923).*

Klein, M. (1980). *A técnica psicanalítica através do brinquedo: sua história e significado. Ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro.*

Nicoliello, R. (2019). *Qual a distância entre nós? Calibán, V. 17, N. 1, p. 103-105.*

Rea, S. (2019). *A analista, o Skype e o que acontece entre eles. Calibám, V. 17, N. 1, p. 98-100.*

Silva e Marchiori (2021). *Ouro ou cobre? Questionamentos sobre o setting online na psicanálise de crianças. Revista Psicanálise, V. 22, N. 2, p. 18 -27.*

Winnicott (2005). *O Jogo do rabisco. In: Explorações Psicanalíticas. Ed. Artes Médicas: Porto Alegre.*
Winnicott (1975). *O brincar e a realidade. Ed. Imago: Rio de Janeiro.*



SM

Salud Mental

Más allá de las Redes Sociales



Érika Flores (SPC – Venezuela)

Resumen: Hay un aumento de publicaciones en los medios de comunicación y en redes sociales sobre problemáticas en salud mental, que están permitiendo hablar y sensibilizar sobre el tema; y en otros casos buscan dar sugerencias para calmar los síntomas. Cabría preguntarse ¿esa exposición podría ser terapéutica? ¿qué puede aportar el psicoanálisis al trabajo en la salud mental en medios como las redes sociales?

A través de las redes sociales y los medios de comunicación se ha seguido de cerca los últimos días de vida de Gabby Petito, una bloguera de 22 años quien viajaba junto a su novio Brian de 23 años. En julio del 2021 ambos iniciaron “el viaje de sus vidas” en una camioneta por los Estados Unidos, mientras Gabby publicaba en las redes el trayecto. En agosto fueron vistos discutiendo, por lo que una persona llamó al 911 reportando un altercado entre ellos por

aparente violencia doméstica; la policía los interceptó para definir los hechos y les recomendó pasar la noche separados, esto quedó grabado en un video captado y luego publicado en redes por la misma policía. En septiembre el novio volvió a casa sin ella antes de la fecha prevista y la familia de Gabby la reportó como desaparecida, para después ser encontrada sin vida con signos de haber sido estrangulada. Durante las averiguaciones Brian también desapareció y su cuerpo inerte fue encontrado semanas después.

El caso de Gabby Petito ha avivado en la palestra pública y sobre todo en las redes sociales, discusiones sobre diversos temas como violencia doméstica, femicidio, discriminación racial, salud mental entre otros. Por ejemplo, la periodista del New York Times, Julie Cantrell, ha publicado en redes sociales y medios alternativos, reflexiones sobre estos temas que involucran el caso de

Gabby y Brian, recibiendo una respuesta masiva por parte del público.

El uso de las redes sociales para exponer situaciones de salud mental se ha amplificado en los últimos años pero en particular tras la pandemia, cuando diversas personalidades públicas han exhibido sus dificultades psíquicas.

Simone Biles, la más grande gimnasta de los Estados Unidos, mostró su lado más vulnerable en los últimos juegos olímpicos en Tokio, celebrados en 2021. Biles prefirió retirarse de las finales al no sentirse apta mentalmente para afrontar los importantes riesgos que implica su disciplina. Expuso que antes de los juegos había estado viendo a un terapeuta, pero que la ansiedad se desbordó al llegar a Tokio, particularmente al no poder contar con sus familiares por las restricciones de la pandemia. Posterior a las olimpiadas,





trastorno de pánico que sufrió en plena función y desde el escenario le contó al público:

“Lo he experimentado porque, al igual que todo el mundo, he estado encerrada el último año y medio, aislada, y es muy chocante volver a un lugar que solía ser como mi segunda casa y ya no lo siento así por todo el tiempo que he pasado confinada”. (Huff Post News, 2021, párr. 4). La pandemia fue alarmante y terrorífica y salir de ella es también un poco aterrador. Así que solo quería ser honesta acerca de cómo me siento porque ser honesta sobre ello me hace sentir menos asustada (párr. 5) (...) el año pasado desvaneció esta línea, esta cortina, y estamos permitiendo que la gente nos vea en nuestros estados más vulnerables, más aislados, más heridos o más asustados. Y creo que eso es algo que nos empodera (...) Creo que, siendo honesta, tengo menos miedo. Estoy volviendo a acostumbrarme al escenario, no hay ningún sitio más en el que quisiera estar”. (párr. 6)

También la supermodelo canadiense Linda Evangelista hizo público en su instagram la depresión que padece desde hace 5 años, tras sufrir una deformidad permanente en su cuerpo por un procedimiento estético de reducción de grasa. El periódico BBC Mundo lo compartió: “(El procedimiento) no solo destruyó mi sustento, sino que me ha sumergido en un ciclo de gran depresión, de una tristeza profunda y de un muy hondo autodesprecio (...) En el proceso, me he convertido en una reclusa” (párr. 7 - 8). Refirió además que quería contar su historia al público,

para poder seguir adelante con su vida.

Ejemplos como estos abundan en todos los medios, y lo que resalta es que una y otra vez las personas refieren cómo la exposición del sufrimiento psíquico ha permitido a quien lo padece poder romper el ciclo de sufrimiento y salir adelante ¿Una especie de abreacción pública, con efecto colectivo?

¿Se puede fomentar la salud mental a través de las redes sociales?

La pandemia trajo múltiples problemáticas en salud mental donde nadie quedó a salvo: aislamiento, distanciamiento social, angustia por la propia salud y de allegados, duelo por pérdida de seres queridos; y esto a su vez ha traído más consecuencias, como mal manejo de estrés aumentando el consumo de sustancias, intentos de suicidio, aparte de dificultades para poder acceder a centros de salud mental por las restricciones por la pandemia y un largo etcétera.

Por otro lado, las restricciones potenciaron el uso de la virtualidad en el cuidado de la salud mental, algo que ya venía en proceso.

Para los pacientes se han abierto más espacios de atención virtual, tanto de forma individual como grupal, talleres para la comunidad, charlas de sensibilización,

entre otros, con la posibilidad adicional de que el paciente y el terapeuta se encuentren en lo virtual, aún estando en espacios geográficos muy separados entre sí, ampliando el acceso a los servicios y la diversidad de atención.

Sin embargo, hay un gran grupo de personas con enorme sufrimiento psíquico que aún no se animan a buscar ayuda en salud mental. Ante eso cabrían las preguntas ¿cómo son impactados por la información de problemas psíquicos que se exhiben en las redes? ¿qué mecanismos se generan en ellos al conocer lo que pasa en casos como los de Gabby Pepito, Simone Biles, Linda Evangelista, Miley Cyrus? ¿el simple hecho de conocer estas situaciones permitirán a la persona elaborar sus propios conflictos? Si la sensibilización de la problemática es masificable y rápidamente viral, ¿puede serlo también la solución del conflicto psíquico?

Recordamos que la propia Simone Biles le adelanta al público, que el suyo es un trabajo en proceso y que superar su conflicto le llevará largos años en terapia. Igualmente Miley Cyrus y Linda Evangelista recuerdan que su sufrimiento no ocurrió de un día para otro ¿el público podría inferir que la solución tampoco será fácil? ¿leer las recomendaciones que también abundan en las redes para calmar los síntomas podría ser de ayuda, o eso más bien obstaculizaría la cura?

Podemos revisar reflexiones de Freud en “Análisis silvestre” (1910), en donde afirma que no es suficiente





comunicar al paciente la posible causa del conflicto psíquico, dado que esto aumentaría las resistencias internas que generaron el malestar y mantienen inconsciente el conflicto (p. 225) por lo tanto los pasos para acercar al paciente a sus contenidos inconscientes deben pasar primero por dos condiciones: preparar al paciente para que él mismo esté cerca de lo reprimido por él, y luego establecer la transferencia con su analista. Aun así es optimista, diciendo que la intervención sin filtro del analista silvestre en el caso descrito en dicho artículo obligó a la paciente descrita “a dirigir su mirada hacia el fundamento efectivo de su afección o hacia sus proximidades, y a pesar de toda la renuencia de la paciente esa intervención no dejará de producir consecuencias beneficiosas”. (p. 227)

En cuanto a si hacer recomendaciones terapéuticas generales en las redes puede generar beneficios, podemos de nuevo revisar a Freud, y tomar la comparación que hizo en 1917 entre la sugestión y el psicoanálisis, en donde alertó a los analistas en la conferencia 28 que “la sugestión directa es una sugestión dirigida contra la exteriorización de los síntomas, una lucha entre la autoridad de ustedes y los motivos de la enfermedad, al practicarla, ustedes no hacen caso de estos motivos; sólo exigen al enfermo que sofoque su exteriorización en síntomas”. (p. 408)

Continúa comparando la terapia hipnótica (usada como técnica de sugestión), con la técnica psicoanalítica desarrollada por él:

“la terapia hipnótica busca encubrir y tapan algo en la vida anímica (...) trabaja como una cosmética (...) utiliza la sugestión para prohibir los síntomas, refuerza las represiones, pero deja intactos todos los procesos que han llevado a la formación de síntomas (...) deja a los pacientes inactivos e inmodificados, y por eso, igualmente, sin capacidad de resistir cualquier nueva ocasión de enfermar”. (p. 410)

Mientras que el psicoanálisis:

“busca sacar a luz y remover algo (...) como una cirugía hincan más hacia la raíz, (...) llega hasta los conflictos de los que han nacido los síntomas, (...) impone a médico y enfermo un difícil trabajo que es preciso realizar para cancelar unas resistencias internas. Mediante la superación de estas, la vida anímica del enfermo se modifica duraderamente, se eleva a un estadio más alto del desarrollo y permanece protegida frente a nuevas posibilidades de enfermar”. (p. 410 - 411)

Sin embargo, a pesar de la convicción que tenía Freud sobre los beneficios de la terapia analítica, también tenía claro que el alcance del psicoanálisis riguroso no es muy grande desde el punto de vista cuantitativo, dado el pequeño número de analistas que no alcanza para hacer masiva una cura individual, aunado a lo largo y costoso del tratamiento; así lo expresa en “Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica” (1918). Entonces, ante la idea de masificar el

psicoanálisis, en dicho artículo expresa:

“En la aplicación de nuestra terapia a las masas nos veremos precisados a alear el oro puro del análisis con el cobre de la sugestión directa, y quizás el influjo hipnótico vuelva a hallar cabida, como ha ocurrido en el tratamiento de los neuróticos de guerra. Pero cualquiera que sea la forma futura de esta psicoterapia para el pueblo, y no importa qué elementos la constituyan finalmente, no cabe ninguna duda de que sus ingredientes más eficaces e importantes seguirán siendo los que ella tome del psicoanálisis riguroso” (p. 163)

Freud se mostraba flexible ante la idea de juntar los beneficios de la sugestión al psicoanálisis para poder hacer alcanzable la cura a las masas. Queda pendiente saber ¿tendrá algún uso la técnica psicoanalítica en las redes sociales?





Referencias Bibliográficas

Redacción BBC News Mundo. (21 de Octubre de 2021). Brian Laundrie: confirman el hallazgo en Florida del cuerpo del novio de Gabby Petito. <https://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-58987247>

Redacción BBC News Mundo. (21 de Septiembre de 2021). Gabby Petito: qué se sabe del caso de la joven desaparecida cuando viajaba en camioneta por EE.UU. con su novio. <https://www.bbc.com/mundo/noticias-58633274>

Redacción BBC News Mundo. (28 de Septiembre de 2021). Simone Biles sobre sus problemas de salud mental en Tokio 2020: "Es un milagro que aterrizara de pie en el ejercicio de barra". <https://www.bbc.com/mundo/deportes-58726551>

Cantrell, J. (20 de Septiembre de 2021). Important Lessons Learned from Gabby and Brian. [Imagen adjunta][Publicación de estado]. Facebook. <https://www.facebook.com/julie.perkins.cantrell/posts/10159565774284308>

Millán, A. (29 de julio de 2021). Tokio: cómo Simone Biles y Naomi Osaka están cambiando el deporte con sus decisiones. BBC News Mundo. <https://www.bbc.com/mundo/deportes-57995370>

Santos, E. (24 de Septiembre de 2021). Miley Cyrus para un concierto y hace algo importantísimo por la salud mental. Huffington Post. https://www.huffingtonpost.es/entry/miley-cyrus-salud-mental-ataque-panico-es_614d8065e4b00164119266e9

Redacción BBC News Mundo. (23 de Septiembre de 2021). La supermodelo Linda Evangelista asegura que

un procedimiento cosmético la dejó "deformada". <https://www.bbc.com/mundo/noticias-58667491>

Freud, S. (1910): Sobre el psicoanálisis silvestre. (Pág. 217-228). Vol. XI. O. C. Amorrortu. Bs. Aires. 1979.

--- (1916-1917): Conferencias introductorias al psicoanálisis. Conferencia 28ª: La terapia analítica. (Pág. 408-421). Vol. XVI. O. C. Amorrortu. Bs. Aires. 1979.

--- (1918-1919): Nuevos caminos de la terapia psicoanalítica. (Pág.151-164). Vol. XVII. O. C. Amorrortu. 1979.

Canal Encuentro (11 de Septiembre de 2018). Dialogos Transatlánticos II: Elisabeth Roudinesco y Alejandro Dagfa (Video) <https://www.youtube.com/watch?v=pOwsNHkMdfk>



Habilitando el ritmo

≡ Brenda Covarrubias Aguayo (APG – México)



Por Brenda Covarrubias Aguayo¹
“El lenguaje, como el universo, es un mundo de llamadas y respuestas; flujo y reflujo, unión y separación, inspiración y espiración”
(Paz, 2003, p. 51).

En un principio el tema provocó una gran atracción: hablar de vocablos tan estimulantes, aparentemente familiares y oportunos. Sin embargo, el menor intento de redactar una secuencia ocasionaba pequeños cortocircuitos en mi interior dejándome con demasiadas dudas y frases a medias. Supongo que el tema, que parecía tan elocuente y acompasado, esconde ciertas paradojas y complejos procesos psíquicos que necesitan ordenarse previamente. ¿En qué paradigma nos situamos? ¿Cuáles son los

eslabones que acompañan los cambios? ¿Qué se “encarna” en lo digital?

En estos tiempos la sensación de lo incierto, de la mano con la velocidad; están derrocando a la incertidumbre, ya de por sí difícil de aprehender, dejando al descubierto ciertos estratos psíquicos dentro de los consultorios, en nuestros núcleos sociales y todo rastro de nuestra cotidianidad. Si bien cada individuo nace en una época determinada, el aparato psíquico desconoce de tendencias, modas o cualidades de esta. La prehistoria individual junto el desarrollo requieren de tiempos y vínculos altamente precisos y preciados; los cuales sabemos que están sujetos a innumerables principios y causas, dando como resultado diversas configuraciones

que en algún momento reclamarán por encontrar un acomodo pulsional y un sentido. Dependerá de cada individuo cómo responder ante esta conflictiva. Lo decisivo es que “lo placentero” bajo sus distintas manifestaciones ha inundado la realidad complejizando cada vez más el reconocimiento de los conflictos. Precisamente algo de la vida digital forma parte de este desfile que enmascara el contacto con estos núcleos sufrientes y vagabundos por un encontrar un paradero. Ese “algo” de la vida digital no obedece a pausas, ritmos o distancias, sino que logra escabullirse en los rincones más recónditos acertando cada vez más y más el espacio entre el yo y los otros. La prisa, el aferramiento y imposición se han convertido en los estandartes de la pulsión ante las tensiones con “lo diferente” y los afectos tan difíciles de articular. Pero

1 Analista en Formación en la Asociación Psicoanalítica de Guadalajara (APG).



¿qué es ese “algo” de lo digital? ¿con qué hace eco?

Cada cultura, situada en una época, al igual que cada individuo posee un superyó teñido de exigencias, ideales, rasgos, y desde luego su respectiva dosis de angustia ante el incumplimiento de sus mandatos (Freud, 1930). Si la cultura interviene sobre la convivencia de los individuos, me pregunto qué va aconteciendo cuando vemos que estos van siendo empujados a obedecer mandatos más llevados por la inercia de la necesidad y el goce que por el deseo. ¿Cómo se van desplegando las identificaciones? ¿qué hay de las gratificaciones ante las renunciaciones?

La vida digital, al igual que la pandemia, también sufrió un rebrote. Pero gracias a esta que para muchos se logró salvaguardar la comunicación, el trabajo y las ocupaciones. Para otros no produjo un cambio notorio en sus vidas, pero en otros casos este rebrote sufrió un derrame que apuntó en más de una dirección, digamos que carece de una “acción” específica, termina apegándose más a las leyes de reflexión de la luz al incidir sobre cualquier dispositivo electrónico que a las leyes de la vincularidad, de lo heterogéneo, del tiempo y el espacio. En este caso la luz sólo tiene la propiedad de reflejar, lo que hace eco con las expresiones de cuerpos agotados, sentimientos de futilidad y falta de sentido; en donde pareciera que el yo sigue un desplazamiento similar al de los fluidos que cambian su forma por intervalos, sujetos

al flujo del tiempo, sin atarse al espacio y reproduciendo las propiedades de estos: se derrama, se filtra, salpica, etcétera. (Bauman, 2003). No estoy afirmando que estas cualidades sean obra o consecuencia de lo digital, sino que no puedo deslindar que, en algunos casos, el predominio de la vida digital ha tenido efectos. Su arribo no fue de manera paulatina o voluntaria, se desencadenó ante un hecho que ha privado la vida de miles de personas y nuestro aparato psíquico ya ha excedido la escisión necesaria que nos protege de los riesgos a los que nos vemos enfrentados en el día a día. Al inicio de la pandemia los recuerdos más coloridos de la infancia eran frecuentes en el discurso de varios pacientes. Supongo que en un intento de buscar un sentimiento de protección ante el desvalimiento que aquejaba, pero también aludía a hacer un llamado a la temporalidad. Debido al desconcierto, la dependencia al paradigma digital, y la amenaza latente por la integridad física y psíquica -la vida cambió de ritmo. Los cuerpos son como notas en un espacio sin partitura fija. Escuchamos una falta del sentimiento de mismidad, una discordancia en el tiempo y severas desconexiones. Se hace más inminente la dificultad para representar y de llevar una vida psíquica (Kristeva, 1995).

¿Dónde queda la correspondencia entre el yo y los otros? Percibimos que algo se va desvencijando al interior del yo, quien va quedando en un charco a merced del narcisismo debido al estancamiento del lenguaje y la transferencia a lo verbal. Green (2012) plantea que incluso

la sexualidad es tomada como una amenaza al narcisismo ya que lo debilita.

Sobre el deseo hablado Aulagnier (2007) menciona: “lo que el yo espera del otro es tornarse destinatario y ser reconocido como enunciante de una palabra de deseo” (p. 146). Si bien la vida digital nos ha permitido continuar nuestras travesías y brindado un sostén quiero retomar ese “algo” de lo digital que introducía al inicio que remite a ciertos estados que reducen las búsquedas. Mejor dicho: producen atajos en lugar de rodeos para la pulsión. Precisamente para Green (2008) el funcionamiento psíquico se basa en relaciones de correspondencia entre distintos elementos, la simbolización se encarga de la continuidad y discontinuidad de la vida psíquica.

Viñeta 1:

“Al salir del departamento, me guardo las llaves en la bolsa del pantalón y todo el camino tengo que estar tocando las llaves o si no, me angustio, como si fueran un tótem... a veces estoy en el departamento y entro al cuarto a buscar algo y ya no sé qué iba a hacer, tengo que regresarme para tratar de deducir qué quería, y luego voy a otro cuarto y tampoco sé para qué entré ahí”.

En el caso de este paciente, ¿qué llave en particular necesita para salir de dónde y a dónde? aún estando afuera ¿no es un afuera? Lo otro me remite a





una dificultad que expresa de poder adentrarnos en el tratamiento a estas encrucijadas ante las cuales necesita una protección.

Viñeta 2:

“El otro día un compañero de trabajo me dijo que me veía perdida, son personas amables, pero me empiezo a aislar mucho, no hablo con casi nadie... No me había dado cuenta de que compro y compro champús, no le miento, los conté y tengo unos cuarenta en mi baño”.

Al inicio de la pandemia escuchamos de compras desmedidas en cantidad, esta joven se enfrenta a la amenaza de la falta de discriminación entre sus objetos y partes de ella misma. La inercia de comprar los champús hace la función de contrarrestar la bruma y la saturación que siente en el interior de su aparato psíquico.

Me parece que en ambos casos también queda manifiesta la *psicosis blanca* descrita por Green (2008) y sus consecuencias sobre el pensamiento donde se presenta una severa imposibilidad de concentrarse, de memorizar, pensamientos compulsivos, entre otros. Se trata de formas de reinvestidura. Estas viñetas coinciden con el tiempo de pandemia, las elegí debido a que ambos pacientes presentan severos rasgos obsesivos y una gran dificultad para relacionarse. Por una parte, ni la pandemia ni el aumento de la vida digital son quienes han recrudecido sus síntomas, pero tampoco podemos sacar

de contexto estas mociones y sobretodo lo que queda comprometido en la relación transferencial. El primer caso, a manera de encontrar una llave de acceso para salir de su encierro/fusional y en el segundo caso, para poder pensar juntas la angustia que la invadía. Si bien aún no logro desenmarañar del todo o quedar conforme con esta articulación, al menos son unos primeros bosquejos para seguir formulando otras directrices.

Digital, con dimensiones, a colores, nítida, difusa, lejana, artificial, explosiva, desencantada, creativa, delirante, en armonía, solitaria, frenética, liviana, expectante, insaciable, deseosa... son sólo algunas descripciones de lo que llamamos vida. Lo crucial es que no se despliegue fuera de nosotros mismos. La vida digital nos ha regalado encuentros y conocimientos maravillosos, también se ha convertido en un objeto más para (des)encarar otros malestares. Pero ¿será sólo eso? Los poetas atraen al lenguaje debido al ritmo. Sus variaciones y sucesiones, acompañadas de la producción de imágenes, poseen un sentido que al ser interrumpido provoca una conmoción o enfrentamiento (Paz, 2003). Considero que, así como este célebre enunciado, la *vida analítica* nos convoca, confronta y transforma para no dejar de (re)comenzar, para (re)tomar el ritmo cada vez que desafinamos, y no dejar de cuestionarnos.

Referencias Bibliográficas

Aulagnier, P. (2007). *Los destinos del placer. Alienación, amor, pasión*. Paidós.

Bauman, Z. (2003). *Modernidad líquida*. Fondo de Cultura Económica.

Freud, S. (1930 [1929]). *El malestar en la cultura. Obras Completas, Tomo XXI, 1 ed.*, Amorrortu.

Green, A. (2012). *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Amorrortu.

Green, A. (2008). *De locuras privadas*. Amorrortu.

Kristeva, J. (1995). *Las nuevas enfermedades del alma*. Cátedra.

Paz, O. (2003). *El arco y la lira*. Fondo de Cultura Económica.



PERCEPCIÓN DE TIEMPO Y SU DISTORSIÓN

☰ María Zurutuza (SPM – México)

*‘What, then, is time? If no one asks me, I know;
if I wish to explain to him who asks, I know not.’*

St. Augustine (como se citó en Green, 2002)

“Acordarse es existir.”

*El presente existe porque es memoria,
un après-coup permanente apuntalado en el pasado
con dirección de un futuro”*

(Botella, C. y Botella, S., 1997).

Existen temas recurrentes a lo largo de la historia, aquellos que inspiran canciones, películas y artículos psicoanalíticos; el tiempo es uno de ellos. Jugamos con nuestra idea del tiempo en diversas formas: que vaya más rápido o más lento, visitar pasados y explorar futuros. El tiempo es algo que se siente tan familiar en nuestras vidas que lo tomamos como una constante; creo que

esa constancia es una primera impresión, una ilusión de certeza. Sin embargo, una vez que pasamos esa primera capa y comenzamos a pensar a profundidad, el tiempo se siente como niebla intangible. “La intuición del tiempo es inmediata, auto-evidente. Por otro lado, el pensar sobre el tiempo se resiste a la reflexión tanto como pensar sobre el ser. Se ha argumentado que son, de hecho, una misma cosa”- (Green, 2002, p. 147).

¿Qué es el tiempo? No es algo que percibimos con los sentidos, no es como sentir el agua por el cuerpo o el aire en la cara. Lo podemos pensar como el paso continuo de los segundos, minutos y horas, notarlo en el cambio de las estaciones. Tenemos evidencias del pasado, desde fósiles o huellas en la arena hasta los recuerdos que viven solo en nuestra mente. Todo esto es evidencia de algo, particularmente de cambios, pero no son evidencia del

tiempo por sí mismo.

Tal vez el tiempo no existe, no como una cualidad objetiva e inalterable, sino que es una herramienta de organización y descripción de nuestras experiencias. La creencia de que el tiempo es constante hace tan desconcertante notar cuando nuestra experiencia temporal nos dice lo contrario, que el tiempo es flexible y mutable. No como una línea recta sino como una red cambiante que soporta distintos pesos; esa red está tejida por afectos, memoria, objetos y fantasías, completamente subjetiva.

La percepción temporal se construye sobre las bases fundamentales de la estructura psíquica: la diferenciación entre mundo interno/externo, la prueba de realidad y la relación con el Otro. De tal forma que si éstos ejes se ven afectados, también se distorsiona la experiencia





del tiempo. Con una amenaza constante y la necesidad de aislamiento, la pandemia impactó precisamente esas áreas. Lo interno se expandió de los límites del cuerpo a los límites de lo residencial y cambió la forma de relacionarnos con Otros; al mismo tiempo, las realidades a las que estábamos acostumbrados sufrieron alteraciones que pusieron a prueba la capacidad de adaptación.

No sabíamos qué imaginar sobre un futuro, añorábamos un pasado que parecía perdido pero teníamos que funcionar en el nuevo presente. Algunas personas describían la sensación de estar en un sueño, otras de estar en una pesadilla. Mientras algunos encontraban tiempo liberado para su vida personal, otros la encontraban invadida: lo laboral en la familia y viceversa. El tiempo parecía ser demasiado e insuficiente simultáneamente. La temporalidad se volvió un arma de doble filo: un límite contenedor de angustia que generaba la impresión de un fin a la incertidumbre y, por otro lado, una incógnita que confrontaba con la verdadera posición ante el tiempo: el no saber y la falta de control.

Precisamente por la forma en la que se construye la percepción temporal, considero que el tiempo no existe; lo que experimentamos personalmente es un tiempo, subjetivo, que buscamos co-exista con un tiempo del Otro. Carlo Rovelli (2014), un físico teórico italiano, sostiene que el tiempo existe solo en función de su utilidad para el ser humano; es decir, el tiempo existe como un concepto

funcional en la sociedad en lugar de una propiedad fundamental del universo. Las personas comenzamos a experimentar lo temporal de forma distinta, extraña, porque cambió su utilidad, como si ahora fuera en función de un mundo interno. Partes del mundo interno se “sacudieron” durante la pandemia, particularmente núcleos obsesivos y paranoides. El control anal del tiempo por medio de la medición obsesiva de éste genera un placer narcisista omnipotente al, aparentemente, poder ejercer control sobre algo tan abstracto, aunque en realidad sea una satisfacción alucinatoria. ¿Qué pasa cuando todos los seres humanos nos enfrentamos ante un cambio absoluto e inesperado? Esa ilusión de omnipotencia se desploma y la experiencia del tiempo se vuelve volátil y desorganizada.

El tiempo y la realidad están entretejidos, como raíces de un mismo tronco. Frecuentemente se habla sobre la realidad, como si fuera única y solo externa, similar al tiempo común. Sin embargo, parte del psicoanálisis es tomar en cuenta que existen múltiples realidades, que surgen del tejido subjetivo de consciente-inconsciente, relaciones objetales y experiencias. Lo real y lo temporal tienen una relación bidireccional, la experiencia de uno influye en el otro continuamente puesto que son parte de la misma subjetividad.

En cuanto a la diferenciación de mundo interno con externo, la etapa de indiferenciación inicial en el desarrollo es un momento en el cual el bebé no sostiene una diferencia entre dentro/fuera, yo/no-yo; hay un

constante ir y venir de introyección y proyección, proceso en el que se incorpora algo externo al mismo tiempo que se expulsa algo interno. Según Baranger (1961), estos movimientos son simultáneos, por lo tanto se mantienen en una no-temporalidad hasta que se gradualmente se identifican límites, espacio y causalidad. En el campo primitivo de experiencia (Baranger, 1961, p. 377), no hay criterios absolutos de una realidad; la realidad es supuesta por los adultos, quienes al observar creamos referencias que nos permitan imaginar la experiencia preverbal. En la pandemia, por lo menos a inicios, parece que tuvimos una regresión o recuerdo del campo primitivo de experiencia: sin referencias ni tiempo común, con el dominio de angustias que, en su mayoría, están reprimidas. Una paciente describía la sensación de estar aislada en casa, sin contacto con lo que era su cotidianidad de trabajo o clases, como “estar todo el tiempo en mí”, alternando constante y frecuentemente entre posición esquizo-paranoide y depresiva. El retorno de la mirada hacia adentro, junto con la confrontación de la calidad del mundo interno, impactó la percepción del tiempo porque también se contactó con la atemporalidad inconsciente, otorgando la sensación de estar en un sueño constantemente, en lugar de tener la primacía del tiempo común.

Con la desorientación que generaron los cambios y amenazas, la prueba de realidad no se volvió tan fácil de establecer ya que no había un contacto directo con lo externo. Freud (1925) dice en el texto de La negación, que





“el fin inmediato del examen de realidad, no es hallar en la percepción objetiva un objeto que corresponda a lo representado, sino reencontrarlo, convencerse de que todavía está ahí” (p. 255). Es decir, que el objeto debe de estar asegurado internamente previo a ser reencontrado externamente. César y Sara Botella (1997) proponen que “la prueba de realidad debe pasar por la paradoja de negar la realidad” (p. 32) para estar en condiciones de re-conocerla. De esta forma, la convicción anímica que surge de “creer” en la existencia del objeto interno y desmentirlo en percepción externa es lo que permite el reencuentro. Es así que “la prueba de realidad se ejerce en una doble convicción contradictoria, el objeto existe `solamente dentro-también fuera’”(Botella y Botella, p. 33), lo cual es indispensable para la apropiación de la realidad subjetiva.

Se podría decir que en la pandemia, como en el duelo, se regresa al “solamente dentro” después de la pérdida del “también fuera”, la falta del objeto. Todos los movimientos de des-investidura y re-investidura libidinal que hace el sujeto ante la pérdida provoca “[...] un extrañamiento de la realidad y una retención del objeto por vía de una psicosis alucinatoria del deseo” (Freud, 1917, p. 242), ya que por medio de la retención del objeto en pensamiento y emociones se puede satisfacer, alucinatoriamente, la falta. En el duelo, el objeto es perdido externamente pero no

es perdido por completo ya que existe internamente. La pandemia fue una nueva forma de tiempos, experiencias y objetos perdidos.

Un aspecto interesante de esta doble convicción contradictoria es que “la destrucción del objeto en percepción gracias a la omnipotencia del pensamiento anímico es el único medio de preservar la capacidad de representar, de pensar” (Botella y Botella, 1985, p. 33). Parece ser que esta negación-creación alimenta la creatividad e imaginación porque mantiene un espacio de interpretación subjetiva, no de imposición, que alimenta la convicción de que hay un mundo interno capaz de organizar e integrar tanto temporalidad como realidad.

Un paciente joven que vive sólo con su madre, quien sufre de una profunda melancolía, antes de la pandemia evitaba estar en casa lo más posible para encontrar espacios sin su madre. Por la pandemia, perdió esos espacios externos y se vio confrontado con el engolfamiento que tanto había evitado; sentía que el tiempo no pasaba, era pesado e inmutable. A lo largo del análisis, trabajó en la construcción y creencia de espacios “solamente-dentro”. Lograr la convicción interna, le permitió re-encontrar espacios externos, aún en casa con su madre, para establecer su identidad; el tiempo volvió a fluir, y él pudo empezar a crecer y pensar.





Por otra parte, somos seres sociales que requieren de la interacción con otros. Green (2002) establece que hay una necesidad de la temporalidad del Otro para poder reflejarnos; sin el objeto externo hay una dificultad en el auto-reconocimiento puesto que no hay un retorno de mirada, como si el reflejo de lo interno nos acercara a la congruencia con nosotros mismos. En la interacción con el Otro hay un reflejo también de temporalidades, y la experiencia de la auto-temporalidad es más profunda que la del tiempo común, rígido y mecánico, ya que no se construye con el objetivo de exactitud, sino que se experimenta con base en los afectos, fantasías y angustias del propio sujeto. La experiencia temporal que muchos vivimos con extrañeza a lo largo de la pandemia pueden ser expresiones de la auto-temporalidad – que funciona más con las propiedades del sueño que de la consciencia– con un intento de traducción al tiempo común, sin la retroalimentación del Otro. Durante la pandemia, experimentamos distintas temporalidades propias, obligando a muchas personas a pensar y contactar consigo mismos por primera vez en mucho tiempo. Green (2002) nos dice:

Lo que no ha sido visto –con pocas excepciones– por psicoanalistas que han dedicado serio pensamiento a la cuestión del tiempo (y aún así admiten quedar perplejos) es la internalización de la co-existencia de temporalidades de un fuera-del-tiempo, un contratiempo y de un anti-tiempo. Es lo que el tiempo universal no ha podido resolver,

excepto al homogeneizar el tiempo de consciencia, que es obligado a sacrificar aquello en lo que no puede pensar.– (p. 140)

En conclusión, el psicoanálisis siempre ha interactuado y pensado con distintas temporalidades: la transferencia es el pasado en el presente, las interpretaciones en sesión no buscan cambios inmediatos sino que son semillas para el futuro. En el análisis, particularmente en la transferencia, el pasado hecho-presente se convierte en un nuevo pasado, reencontrado por medio de la construcción del presente y la memoria. Pensar en el tiempo es pensar en el ser, ya que la percepción temporal se construye sobre las bases fundamentales de lo que nos hace nosotros: el mundo interno, la fantasía y el tiempo co-existente con Otros. Aunque la pandemia ha movilizado profundas angustias, también ha dado espacio, y tiempo, para profundo crecimiento.

Referencias Bibliográficas

Baranger, W. (1961). Posición y objeto en la obra de M. Klein. Buenos Aires: Ediciones Kargieman.

Botella, C. y Botella, S., (1997) Más allá de la representación. Valencia: Editorial Promolibro.

Freud, Sigmund. (1925) La negación. Obras Completas de Sigmund Freud, Tomo XIX. Buenos Aires: Amorrortu.

Freud, Sigmund (1917). Duelo y Melancolía. Obras Completas de Sigmund Freud, Tomo XIV. Buenos Aires: Amorrortu.

Green, A. (2002) Time In Psychoanalysis: Some Contradictory Aspects. London: Free Association Books.

TEDx Talks. (Productor). (2014). Carlo Rovelli: Time does not exist.[YouTube].

De: www.youtube.com/watch?v=xeHHjGkwZWM



ENTRE POSTURAS y POSTURAS

≡ Gloriani Landeros (AMPIEP – México) e Diana Maldonado (AMPIEP – México)



Nuevos amaneceres...

Ha sido en el silencio, en ese imperioso silencio donde de pronto, todo paró. Lo incierto envolvió el aire, el sentir. De pronto, lo impensable aconteció. El mundo se detuvo, no había a dónde ir o qué hacer. Las indicaciones eran claras: quédate en casa y no salgas. Y bajo ese mandato es que la vivencia maníaca del mundo externo cesó, dándole espacio a la voz y sensaciones de un mundo interno, que había estado silenciado y alienado por muchos.

Así, en lo pasajero, en aquel espacio que se fue creando, pudimos darnos cuenta de la vigencia tanto de la pulsión de muerte como de la pulsión de vida, manifestándose esta última,

en la capacidad tanto adaptativa como creativa que habita en el ser humano. Se crearon formas de mantener y expresar los vínculos, de generar espacios, y de buscar salidas y formas para acompañarnos en la distancia; implantándose tanto lo actual como lo no actual del Psicoanálisis, el cual, frente a una era vertiginosa aún mantiene su lugar para la palabra y la representación simbólica, en medio de un entorno donde ha imperado la acción.

Estos tiempos, de Covid-19, nos han confrontado con la fragilidad humana. En la “era narcisista”, fuimos “inmortales” con nuestros avances en ciencia, biotecnología, tecnología, física cuántica... y sí, lo que hoy



sabemos exactamente, es calcular cuántas defunciones hay al día. Tenemos una (o varias vacunas), pero tras casi dos años de habernos sumergido en una pandemia, seguimos careciendo de la certeza sobre lo que se asoma.

Hemos tenido que renunciar a la omnipotencia inconsciente, en el mejor de los casos, trabajada en análisis. Como psicoanalistas nos ha confrontado con nuestros propios métodos. Nos ha tocado revisar nuestras herramientas y así cuestionarlas.

Sin saber mucho y bajo la estela de la incertidumbre, algo seguro se dio ... y es que este movimiento mundial nos ha sacudido; llegó la hora de reinventarse. De jugar con la noción de la propia fragilidad humana, de lo establecido y lo dogmático; dejándonos de tomar tan en serio, para así crear y jugar, con el fin de buscar nuevas posibilidades para pensar, actuar, sentir, sanar e interactuar.

“... nacemos en un mundo viejo. Lleno de cosas hechas por nuestros padres. Y por los padres de los padres de nuestros padres. Nacemos en una bodega de vejestorios. De palabras viejas. De oraciones hechas. De costumbres hechas. De formas de vivir ya vividas...” (Berman, 2010)

Efectivamente necesitamos la teoría para poder ejercer la práctica: las horas de seminarios y lecturas con las intelecciones profundas de nuestros predecesores, quienes han sido valientes investigadores de la mente. Son joyas

que nos permiten, a las nuevas generaciones, pensar a nuestros pacientes. El análisis personal, las supervisiones, son los pilares que cimientan nuestro devenir como psicoanalistas.

Sin embargo, muchas veces las cuestiones formales van ganando terreno y lo que nos define como psicoanalistas, puede desembocar en algo rígido. La organización psicoanalítica como totalidad ha primero, requerido y posteriormente, sufrido, procesos de ortodoxia, de resistencia al cambio. Quizás con este confinamiento por la pandemia y tras la inminente necesidad de búsqueda de un mayor afianzamiento interno, sea válido promover los cambios hacia el afuera.

El camino de Formación Psicoanalítica, requiere de maestros y formadores que permitan la libertad del pensamiento, con un fundamento sólido. Que puedan ser una plataforma y no se le tema al crecimiento y fortalecimiento de los candidatos.

En ese momento, si bien el análisis continuó y continúa siendo una piedra angular en la posibilidad de mantener un equilibrio psíquico, fue durante los picos de la pandemia cuando se sentía el debilitamiento, debido a la carga de angustia, incertidumbre y miedo: el propio y el de nuestros pacientes. Fue justo ahí y así, que comenzó a tejerse, sin si quiera percibirlo: se comenzó a actuar una búsqueda que no se sabía si quiera, que se estaba buscando.

Simplemente, día tras día se comenzó a hacer un ritual... era / es la búsqueda por un espacio privado, propio. En donde pudiera darse la conexión con otra realidad, con otro momento y con otro sentir. Por lo que, estirando todos los días ese tapete, se comenzó a experimentar la posibilidad de entrar en otro estado mental; en donde la palabra, la secundarización o cualquier intento de interpretación o análisis, interrumpía el flujo y la posibilidad de que se diera una secuencia de posturas o como se conocen en uno de los seis dárshanas que conforman la filosofía huinduísta: asanas.

Así, en la conexión cuerpo- mente se experimentaron los límites, la estabilidad, e inestabilidad, el equilibrio y el desequilibrio, el dolor, la fuerza y la flaqueza, la flexibilidad y la rigidez. La tolerancia y la paciencia, de permitir que poco a poco, y calladamente se llegara a ese estado en donde el cuerpo se transformó en un vehículo para desconectar la mente y conectar con el espíritu o con esa consciencia universal en donde las fluctuaciones mentales y emocionales se aquietan, permitiéndoles suceder (1.2 Yoga Sutra, Pág. 11).

Después de repetirlas una y otra, y otra vez; lo físico comenzó a traslaparse con lo psíquico, conformándose en una unidad y generando espacios... ese espacio en donde se habla, que radica el presente. Desde una visión oriental esto se vive como un dado, ya que no están conceptualizadas las polaridades: cuerpo – mente, objeto



– sujeto, obscuridad – luz. Sino que forman parte de un todo. Por lo tanto, es que ese espacio intermedio, entre las inhalaciones y exhalaciones, entre las asanas, sea aquel del que habló Siri Hustvedt (2021), en el reciente Congreso de la IPA.

“La cura psicoanalítica y la creación artística nacen en el “entre”, una mezcla de aquí y allí, tu y yo, sueño y vigilia, dentro y fuera, sentimiento y símbolo, y las raíces de esta entre-realidad son previas al sujeto pensante pero continúan viviendo en los ritmos de nuestros cuerpos en relación a otros cuerpos y el mundo”.

No hablamos de flexibilizar el método o desfigurarlo, sino de repensarlo. Como lo dice también Thomas Ogden (2009), la creación del tercero. Necesitamos esos “entres”; esos espacios transicionales que nos permitan acceder a nuestras capacidades creativas.

Y en ese sentido, nos cuestionamos, si ese espacio de creación entre respiraciones y posturas, es otra forma de conceptualizar y experimentar el espacio transicional desde la visión winnicottiana, en donde el dolor, la inestabilidad, la paz, la frustración tienen un contenedor / continente que permite diluirse para entremezclarse y crear algo más, algo nuevo: otro estado mental en donde se abre la puerta para expandir la propia percepción, como con respecto al otro.





La práctica, desde la conexión cuerpo- mente, en ese sentido se convirtió en un indicador del estado mental, de sensaciones, emociones y sentimientos. La rigidez, tolerancia, equilibrio, flexibilidad del cuerpo estaba y está completamente conectada con la rigidez, flexibilidad y tolerancia en el pensamiento, actuar y la forma de vincularnos. El cuerpo dejó solamente de ser un objeto receptivo para convertirse en un transmisor: en una herramienta de la cual observamos que la psique se estaba beneficiando. Con el tiempo, la plasticidad corporal, ha ido reflejando la plasticidad mental.

En este sentido, pensamos en la naturaleza de la pulsión, concepto colocado por Freud (1915), en la frontera entre lo psíquico y lo somático, sin pertenecer a ninguno de los dos. Pero que sin embargo, juega un papel protagónico en la teoría psicoanalítica, pues su recorrido como descarga, definirá gran parte de la actividad psíquica del individuo.

Por lo tanto, ¿será que parte de lo que se pone en juego en la práctica del Yoga está directamente relacionado con nuestras pulsiones, las cuales son confrontadas desde lo físico; así como desde lo mental, cada vez que uno se coloca en el tapete?

¿Será entonces que tomando al cuerpo – mente como la primer vía y herramienta con la cual el ser humano se vincula, experimenta y aprende... el repetir y visualizar una y otra vez estas posiciones ancestrales, exigiendo

tolerancia, flexibilidad, desapego, equilibrio; son internalizadas a partir de lo corpóreo para convertirse en un “todo” funcionamiento mental?

De esta forma y reflexionando en la pulsión de vida que crea y que se renueva a partir de infinitas formas y posibilidades, ¿por qué no habría de pensarse en la posibilidad de múltiples manifestaciones, siendo el psicoanálisis solamente una forma de conocerla y transformarla? Y en ese sentido, ¿será que el psicoanálisis está dispuesto a abrirse y recibir aportaciones de disciplinas como lo podría ser el Yoga?

Bajo este sentido, reflexionamos en nosotros: el psicoanalista, el psicoanálisis. Que bajo el nombre de la psique, se ha dejado de lado el propio cuerpo, como una herramienta para nuestro auto-conocimiento de fenómenos inconscientes, teniendo un impacto tanto en lo propio. como en el vínculo con el otro.

Dicho esto, ¿será que desde esta visión Occidental se ha ignorado o minimizado el compuesto psique – soma, al abordar principalmente el conocimiento tanto de la realidad externa, como interna, desde “un ojo”, el ojo de la psique, denegando el papel del cuerpo-mente como ese segundo ojo con el cual conocemos y tenemos acceso a percepciones irrepresentables o como mucho se discutió en el pasado Congreso de la IPA, infantiles?

¿Qué tanto el cuerpo del psicoanalista como herramienta analítica ha sido relegado a meras sensaciones contra-transferenciales desde una posición pasiva que recibe... y no crea?

Decía Bleger en 2003, que la teoría psicoanalítica, se halla desarrollada en la dirección de la dinámica y ha pasado desapercibido que la técnica y la práctica psicoanalítica, operan en la dramática. La experiencia es de campo, bipersonal. Estamos inmersos en el fenómeno psicoanalítico, cuyo contenido es el trauma y el sufrimiento del pasado; que necesita un narrador, un traductor de esa dramática, de aquello infantil que se quedó inscrito en la psique y en el cuerpo de nuestros pacientes, y que nos implica a nosotros mismos, con propia psique, pero también con propio cuerpo.

Recibir más pacientes, trabajar arduamente en estos tiempos, es importante. Nos brinda libido narcisista que nos restituye para continuar con la ardua labor de la navegación en las profundidades del inconsciente.

En el tan mencionado fenómeno de los mundos superpuestos, elaborado por Janine Puget (1982), podemos conceptualizar el hecho de que vivimos realidades muy similares con nuestros pacientes. Como lo es en la actualidad, con la pandemia. Las vivencias y relatos de los pacientes nos pueden llegar a regresionar. Necesitamos mantener nuestra salud mental. No bastan la



supervisión y el análisis. La desarticulación y disociación del proceso corporal ¿no es también disociarnos nosotros mismos? Necesitamos echar mano de mucho más que el psicoanálisis.

Hoy estamos al tanto de que los modos infantiles, como las patologías borders, narcisistas o los aspectos psicóticos de los pacientes, además de las psicosis; en sus intentos por comunicar, echarán mano del acto; mismo que terminará aterrizando en nuestro cuerpo, o en nuestra psique, dentro de un cuerpo. El cuerpo del analista.

Se necesita un conocimiento y una experiencia más variado ya sea antes, durante, o después de la formación analítica. O permanentemente en todas las etapas; para observar, entender y afrontar los embates de las angustias avasalladoras que viven los pacientes. Necesitamos abrirnos a que lo multidisciplinario, nutra también nuestra labor psicoanalítica y nos conecte con Eros.

Las teorías, aunque novedosas, son limitadas, pues la experiencia en el consultorio es única, entre los cuerpos, incluso a la distancia, como estamos ahora; así como los inconscientes de los implicados en la escena.

Exponer en este escrito hoy, lo privado que hemos ido dilucidando en la pandemia, sobre nuestras experiencias con una doctrina como lo es el yoga, nos generaba cierta angustia, cierta duda. ¿...mostrar frente a otros

psicoanalistas o candidatos, nuestras reflexiones sobre “algo otro” que el psicoanálisis...?

Pero recordando que el Psicoanálisis es, como lo enuncian Ogden y Gabbard (2009), o Lander (2014): la búsqueda de la verdad interior como meta para el paciente, pero que también es una meta en el devenir como analistas; acceder a la propia voz, nos devuelve esa confianza, que a su vez, ha sido habilitada por el mismo espacio Psicoanalítico.

Admitamos que con la sobrecarga de trabajo, en ocasiones no hay un despertar de nuestro cuerpo. Es el cuerpo del analista, como receptor de lo no representado, el instrumento para transformar lo pasivo del trauma, en la historia del paciente y de nosotros mismos, en algo susceptible de ser elaborado.

La práctica de yoga, con sus posturas ancestrales, habilitan el arraigo y equilibrio, con movimiento. En otras palabras, habilitan otras puertas que nos permiten profundizar más en la psique humana y sus distintas dimensiones.

Frente a la ausencia de dos cuerpos en el consultorio, el cuerpo es el detonador. El cuerpo es movimiento, incluso estático, sin moverse, está en constante movimiento. Nuestros órganos se expanden, se contraen, bombean sangre, hay transformaciones, sinapsis, descargas. Y todo esto, no está exento de nuestra psique.

Sabemos que las vivencias, las emociones, activan reacciones corporales, que hemos aprendido a moderar, a entender y a utilizar quizás a través de lo que llamamos contratransferencia, y que nos preguntamos si también podemos pensarlo como un proceso propio, que abre y complementa la percepción y el trabajo de la mente.

Para que la contratransferencia no sea ruido, sino que se pueda transformar, el analista necesita espacio fuera de la sesión. Es quizás esa mirada hacia el interior del analista, como lo que propone el pintor Tápies (1967) “Mirar limpiamente y no solo ver lo que nos dijeron que había que ver”. Jugando, despertamos al deseo dormido, despertamos el espíritu, para tener ese espacio que nos da la capacidad de esperar, no de un silencio inactivo en las sesiones, sino imaginativo, como lo describía Bion (1996), con la confianza, en la capacidad silenciosa de esperar.

Para nosotras, en este momento, es el yoga un detonador para estas reflexiones, que una y otra vez nos reconducen a la pasión que tenemos por el Psicoanálisis. En donde después de los propios recorridos en el análisis personal, conectar la mente y el cuerpo analítico, brindan la posibilidad de experimentar el quiebre, la caída, la intolerancia, la incomodidad ... Y poder acceder así, a un trabajo con los pacientes y con nosotros mismos, como continentes (Bion, 1996), que “abran” y concedan lugar a lo nuevo.





Referencias bibliográficas

Berman, S. (2010). La mujer que buceó dentro del corazón del mundo

Bion, W.R. (1996), Aprendiendo de la Experiencia, Barcelona, Paidós.

Bleger, J. (2003). Teoría y práctica en psicoanálisis. La praxis psicoanalítica. Rev. De Psicoanálisis, LX, 4, 2003, págs.. 1091-1104

Freud, S. (1915) Pulsiones y destinos de pulsión. Obras Completas Sigmund Freud Tomo XIV, “. Amorrortu

Hustvedt, S. (2021). Fantasmas Umbilicales. Lectura en 52 Congreso de la IPA. 22 de julio de 2021.

Lander, R. (20214). Psicoanálisis Teoría de la Técnica. Editorial Psicoanalítica, Caracas, Venezuela.

Ogden T.H, Gabbard G (2009). On becoming a psychoanalyst. Int. J. of Psychoanalysis 90:211-327.

Puget, J. 1982 “Analista y paciente en Mundos Superpuestos”. Psicoanálisis Vol. IV, N° 3, pp. 503-532. 1982.

Pantajali, 2014 “Los Yoga Sutras de Pantajali”. Editorial Sirio, S.A.

T:K:V Desikachar and Krusche Hellfried , “Freud and Yoga, Two Philosophies of Mind Compared”. North Point Press.



O JOGO de CINTURA

dos movimentos: PSICANÁLISE e HIP HOP



O “jogo de cintura” dos movimentos: psicanálise e hip hop.

1.

Bruno, 41 anos, decide sair para o trabalho a pé. Mora na cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Largo do Machado, e trabalha no Centro. É economista, lidera uma equipe de vinte pessoas e está totalmente assoberbado com problemas que o fazem trabalhar até aos finais de semana. Há muito não tira férias. Antes da pandemia de covid-19, tinha a regularidade nas sessões presenciais diversas vezes comprometida por emergências que o faziam viajar. Neste dia, o filho menor, de apenas cinco meses, ficou acordado boa parte da noite e não permitiu que tivesse um sono que reparasse suas energias e, ainda assim, Bruno decide fazer a sessão caminhando de casa até o trabalho pela pista que margeia a praia do Flamengo. Quando chegava quase ao final da sessão, no momento em que recapitula a agenda e recorda que terá que lidar com pessoas desagradáveis em reuniões naquele dia, Bruno fala alguns palavrões e diz: “Cara, eu estou olhando pro céu e pro mar agora e tá lindo demais!”

2

Lisa, 36 anos, é carioca, porém hoje mora no centro de Belo Horizonte. Nascida numa família abastada, vive numa intensa rotina, em que se coloca conciliar muitos afazeres, dentre elas o abuso de álcool e drogas. Nunca foi atendida presencialmente. No horário da sessão, decide andar de bicicleta na ciclovia, pois queria se recuperar de mais um final de semana de excessos e gostaria de se exercitar para isso. Ao falar sobre a possibilidade da maternidade, está na portaria do condomínio da casa onde mora e o cartão eletrônico de acesso não passa, impedindo sua





entrada: “Droga! O portão está trancado!”.

3

Pedro, 50 anos, trabalha numa pequena cidade da Espanha e precisa usar sua hora de almoço para se conectar para sua análise. Atormentado com seus últimos sintomas corporais e também com o chefe que, segundo ele, o persegue, estaciona o carro numa rua pouco movimentada para não ser incomodado. Tudo parece funcionar bem até que uma dupla de policiais chega numa viatura para abordá-lo. Foi possível para o analista testemunhar um sonho/pesadelo para o paciente em áudio e vídeo.

4

Gilson, 58 anos, vive num apartamento pequeno no subúrbio do Rio de Janeiro e, para não ser escutado pela mulher e pelos filhos, sintoniza o rádio, ligado em volume alto. As músicas ficam ao fundo para analisando e analista compõem a trilha sonora dos conflitos do paciente. Partes das letras são repetidas de acordo com suas associações: “eu quis dizer, você não quis escutar...”; “tristeza não tem fim, felicidade sim”; “bate outra vez com esperanças o meu coração...”.

5

Caio, 27 anos, fica com a filha de 4 anos na ausência da ajuda da avó da menina, que costuma cuidar dela quando ele trabalha remotamente. Durante toda a sessão, a menina quer sua atenção e, mesmo com esse contexto, Caio decide

jantar com a menina. O que surgiu em sequência foi uma série de improvisações da dupla terapêutica dentro desse contexto aparentemente caótico.

6

Bruna tem 22 anos e trabalha como atendente na padaria de uma grande rede de supermercados. Há dois meses, seu pai de 50 anos faleceu de Covid 19. Ela se disponibiliza para a sessão dentro da casa que herdou do pai numa favela. Num dado momento, percebe que escurecia e tenta ligar a luz do quarto onde estava, mas não havia energia: “tá tudo escuro por aqui, a única luz agora é da sua imagem no meu celular”. Por trás das cenas

O aparecimento da pandemia de covid-19 traz uma movimentação inédita para todos que vivem a clínica psicanalítica. O setting, antes com seus contornos delineados pelo analista e protegido em sua totalidade por ele, passa a incluir elementos pelos quais o paciente deve se responsabilizar: tempo, privacidade, conforto, recursos tecnológicos e outros. Sem mais o setting totalmente sob seus cuidados e controle, o que resta ao analista? A capacidade de improvisar. E nessa tarefa será necessário conectar-se com algo totalmente diferente de tudo que até então se apresentava como referência para ele, independente da sua experiência anterior na clínica psicanalítica. Em seu percurso como analisando ou supervisionando, talvez nunca tenha experimentado as situações que o momento atual da clínica convoca.

As situações trazidas nas reduzidas vinhetas acima foram expostas para provocar o analista a refletir como abordar tais situações onde a tentativa de se fazer um setting mais próximo do seguro e controlado se desmonta completamente. É possível se considerar que nenhum setting é totalmente seguro e confortável para o analista, porém estar envolvido numa sensação de segurança pode dificultar para que ele se dê conta dos motivos contra-transferenciais que interferem no bom desenvolvimento da relação terapêutica. Nesse sentido, reforça-se a ideia da importância da análise pessoal do analista, para que ele possa visitar da forma mais empenhada possível as vias, becos e rincões periféricos do seu mundo interno. O analista que pôde fazê-lo está mais apto para lidar com sua clínica nesse momento histórico único em que concomitantemente lidamos com a antiga fragilidade humana frente ao adoecer, os avanços/limitações da ciência e a moderna tecnologia.

De volta às vinhetas, para o analista, pode haver uma forte tendência ao tentar reproduzir um enquadre mais parecido possível em relação ao existente na sala do consultório. Pode-se pedir que o paciente se isole em um cômodo, cuidando da privacidade do que poderia ser considerado inconveniente, como ruídos, interferências e interrupções. No entanto, nas situações expostas, o movimento proposto pelo analista foi outro: deixar que o paciente se apresente do jeito que ele pode, inclusive com seus sintomas.





Aproximações

Nos anos 1970, dentro de um contexto bem próprio, nascia o que mais tarde veio a se denominar cultura hip hop. Negros, imigrantes latinos, caribenhos e asiáticos do Bronx, Nova Iorque, começam a realizar festas em que, diante da escassez de recursos, o DJ Kool Herc, de origem jamaicana, colocava vinis de soul, blues, jazz, funk, latino, e música africana e, para interagir com o público, começava a parar e voltar trechos da música quando sentia que esses arrebatavam a audiência. Para isso, usava dois vinis iguais, com agulhas na mesma música. Enquanto manjava um, o outro ficava a postos para dar sequência à música. Surge o scratching, que é a manipulação ritmada para frente e para trás do vinil. O disco é tocado como um instrumento musical. Cabe lembrar que esses jovens viviam nas moradias sociais dos prédios de tijolos do Bronx e que não tinham recursos para comprar instrumentos musicais. Nessas festas havia a importante figura do animador denominado de MC, mestre de cerimônias. O MC, com o desenvolvimento da cultura, passa a falar frases rimadas e ritmadas com bases das batidas do DJ, criando o que mais tarde veio a se denominar RAP.

Nesse contexto festivo, havia a apresentação espontânea da dança break dos b-boys e das b-girls (break boys, break girls). Até aqui, há três dos quatro elementos da cultura hip hop: o DJ, o MC e o break dance. O quarto elemento já existia antes mesmo dos três anteriores: o grafite. Na Nova Iorque do início dos anos 1970, os muros

já tinham impressas assinaturas feitas com sprays ou tintas para demarcar territórios dos diversos grupos que faziam parte daquelas habitações populares. Pode-se dizer que o grafite era uma subversiva apresentação de arte plástica que compunha o cenário para que os elementos da cultura hip hop fluíssem. Ora sob forma de protesto de um grupo ou simplesmente como marca identitária de um único indivíduo, sempre se apropriou do espaço urbano.

Essa posição parte da ideia de que, nesses tempos, todos estão diante de um desconhecido. Há ousadia nessa proposta do analista, porém também haveria risco de impor ao paciente que ele se colocasse no mundo da mesma forma de quando podia sair sempre de casa, visitava parentes e amigos, frequentava espaços de lazer, cultura... Além disso, no caso de muitos, lidar com as atuais severas restrições financeiras tem sido um grande problema. Pode-se imaginar que alguns pacientes que antes atrasavam ou faltavam às sessões agora produzem situações como estas retratadas nas vinhetas. Nessas experiências, foi possível constatar uma adesão maior ao processo analítico no que tange à pontualidade e à redução das desmarcações.

Se, na cultura hip hop, existem quatro elementos: a dança, o RAP, o mestre de cerimônias e, nas artes plásticas, o grafite, na psicanálise temos como eixos da formação do analista a análise pessoal, a supervisão, os estudos e, mais recentemente, se incluiu o quarto eixo, que inclui a implicação do candidato a analista na vida societária. Tanto

a psicanálise quanto o hip hop sustentam-se em quatro eixos que interagem entre si. Sendo assim, ambos podem ser considerados movimentos.

Movimentos

É sabida a importância das reuniões das quartas-feiras na história do Movimento Psicanalítico. Charutos e cafés eram servidos e os palestrantes, nem todos psicanalistas, eram escolhidos aleatoriamente. Nessa atmosfera de banquete e com muita improvisação, os primeiros encontros eram realizados e possibilitaram o surgimento da primeira dentre várias sociedades psicanalíticas e o posterior nascimento da IPA em 1910. Como apontam Roudinesco e Plon, os primeiros participantes, nem todos médicos, estavam ali para dar conta das suas insatisfações com os rumos das ciências e das frustrações com suas vidas pessoais, curiosos por entender a si próprios na presença fortíssima do mestre Freud. Em comum com o Movimento Hip Hop, o contexto de fragilidades e a necessidade de dar conta disso se faziam num ambiente novo e criativo com muita luta e resistência envolvidos - seja na Berggasse 19, Viena ou na Avenida Sedgwick, 1520, Bronx nas festas organizadas pelo DJ Kool Herc (Clive Campbell). Todos esses endereços hoje são pontos turísticos visitados com um interesse em comum: pensar como tais movimentos começaram. Não é difícil imaginar que nos movimentos havia contradições e conflitos que incitaram o surgimento de grupos bem diferenciados em escolas e propostas.





Como em todo movimento, existe a mobilização e condensação de vários elementos políticos, sociais, artísticos, filosóficos, científicos, culturais entre outros. Há uma dinâmica presente na qual estes vão interagindo e começam a gerar mudanças não programadas, inconscientes, que se dão dentro de um processo num tempo e espaço. Assim, é fácil pensar no surgimento de grupos variados que podem se iniciar a partir de novas lideranças divergentes e dissidentes.

Desse modo, é possível pensar que tanto o Movimento Psicanalítico como o Movimento Hip Hop possuem uma função social importante, que é se utilizar da força da palavra em substituição da violência e, para isso, ambas incorporam elementos locais. Um exemplo são as artes tradicionais brasileiras do repente, do coco, da embolada e do samba partido alto que incluem ritmo, métrica e improvisação, como no RAP, e que são mescladas na cultura Hip Hop. A manutenção dessas culturas só se faz possível dentro desse processo dinâmico em que o diferente encontra espaço para subverter o tradicional, a “peste”, na concepção freudiana. O hip hop permite que a periferia se inclua na cultura dos centros, dessa forma quem nunca teve a oportunidade de cantar, canta; quem nunca teve acesso aos instrumentos musicais, toca; os desprovidos de palco dançam; quem não tinha museu para expor imprime sua arte nas ruas. Como propostas radicais, tanto a psicanálise quanto o hip hop sofreram e sofrem ainda de discriminação e preconceitos, pois subvertem o estabelecido com

criatividade.

Nos casos trazidos nas vinhetas, há forte influência da cultura hip hop nas concepções do analista. Nos tempos de pandemia, ele se valeu da apropriação dos espaços externos ao consultório e da dinâmica da intimidade na rotina de seus pacientes para possibilitar a inserção desses novos elementos ao trabalho analítico. O que surgirá a partir daí é uma interrogação, pois tudo está em curso de forma dinâmica e transformadora. No RAP, a parte musical da cultura hip hop, é muito utilizado o termo “flow” para designar a forma criativa que o rapper sustenta seus versos nas batidas instrumentais, o “encaixe no beat”. Nessas batalhas, a intenção é vencer o adversário, improvisando frases rimadas e métricas a partir das batidas do DJ. O rapper precisa lidar com a batida, com o público e mais tudo ao redor do ambiente e nessas condições pensar em como responder o outro rapper a partir do momento em que é dada a sua vez. Essa condição ajuda esse analista a considerar que o fluxo das associações livres do paciente e suas intervenções se dão nessa atmosfera repleta de elementos inesperados, surpreendentes e por vezes caóticos, em que a atenção do analista flutua com toda essa dinâmica em cena e se utiliza desse contexto para enriquecer o trabalho analítico.

Nos consultórios, situações inesperadas sempre estiveram presentes. Falta de luz, elevador enguiçado, ruídos externos, rajadas de vento, entre vários outros. Essas

situações, na visão apresentada neste trabalho, podem ser vistas como oportunidade de rupturas e também para o aparecimento de conteúdos novos e insights do paciente e do analista. Na necessidade de lidar com a condição provocada pela pandemia, essas oportunidades floresceram com muito mais intensidade e pode-se aqui dizer que a dupla terapêutica tem a chance de fazer um uso produtivo disso. Quanto mais o paciente percebe o analista implicado na movimentação desse momento que vivemos e na necessidade de mudar o “flow” da sessão, ambas as partes se desenvolvem, encaixando-se na batida desse setting tão especial.

Na realização deste trabalho, o analista procurou explorar bases rítmicas da música hip hop, na tentativa de estabelecer um “flow” ao escrever que considerasse toda a movimentação que segue na formação de um analista nesses períodos em que os mais velhos são tão ou mais inexperientes do que os mais novos. Sim, a geração de jovens analistas está muito mais próxima das novas tecnologias e possui mais percurso quanto à utilização desta, dispondo-se mais a propor consultas online. Na cultura hip hop, também existe o uso pelos mais jovens de recursos que permitem que mais pessoas incorporem elementos do movimento, aumentando suas possibilidades de integração social, cidadania e saúde mental. O mesmo também se pode esperar em relação à abertura do alcance da psicanálise para grupos que não tinham acesso a ela. Freud, em “Construções em Análise”, mostra que o





importante não seria uma intervenção certa por parte do analista (que poderia ser uma interpretação ou não), e sim observar como repercute no paciente aquilo que falamos. O fluxo na dinâmica transferencial e contratransferencial possibilitaria a construção necessária do setting analítico. As falas acontecem no ritmo da frequência das sessões, a gerar condições para lidar criativamente com o novo, com a mudança, com a possibilidade de se conectar com áreas do mundo interno não visitadas anteriormente.

É preciso propiciar que o mundo externo, suas adversidades e possibilidades sejam enfrentados e explorados. Para isso - a priorização do que realmente está em jogo em uma análise - ao psicanalista não interessaria identificar as distorções da realidade objetiva feitas pelo paciente, e sim o quanto de verdade subjetiva existe na produção psíquica, ainda que o mundo externo, a realidade objetiva, apresente um contexto totalmente novo e desfavorável.

Referencias Bibliográficas

dos Santos, M. A. C. (2017). O Universo Hip-Hop e a Fúria dos Elementos. Doctoral dissertation, University of São Paulo.

Freud, S. (1996). Construções em Psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud. Vol. 23. Rio de Janeiro. Imago, 1996.

Green, A. (2008). Orientações para uma psicanálise contemporânea. Rio de Janeiro: Imago.

Rock, Pete. (2003). Lost & Found: Hip Hop Underground Soul Classics [CD].

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). Dicionário de psicanálise, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.



PASADO PRESENTE FUTURO

"...pasado, presente y futuro son como las cuentas de un collar engarzado por el deseo." (Freud, 1908)

El presente escrito intentará dar cuenta de la experiencia de un grupo de colegas pertenecientes a la primera filial de la Asociación Psicoanalítica Argentina -APA-, el Centro Psicoanalítico Bahía Blanca - CPBB - en el tránsito por la formación en el Instituto Ángel Garma en el peculiar contexto de la pandemia.

Un poco de historia

La filial es la más lejana geográficamente, encontrándose a casi 700 km. hacia el sur de la capital del país, y sus inicios se remontan a la actividad de algunos pioneros, interesados en el estudio y desarrollo del psicoanálisis buscando generar espacios que estimulen la discusión científica y promuevan la investigación en nuestra región, en constante interacción con otras instituciones psicoanalíticas, sociedades científicas y culturales.¹

Destacamos el origen de nuestro recorrido porque desde esta pertenencia se nutre

y afianza nuestro deseo en relación a la transmisión y filiación al psicoanálisis. Desde aquellos tiempos, y con los vaivenes propios de las instituciones, se han sostenido estos objetivos, haciendo psicoanálisis en el andar. Sus fundadores, aún con sus diferencias, han creado las bases para que quienes continuamos, tomemos el legado y hagamos lo propio desde nuestro deseo. Donación del otro que hace posible la herencia, y una filiación generativa que implica una responsabilidad asociada a la libertad (Recalcati, 2014).

Es importante resaltar que el número de analistas miembros y en función didáctica no era (ni es) suficiente para sostener el trípode según el modelo reglamentario. Por lo tanto transitar la formación exigía viajar semanalmente a Capital Federal, lo cual dificultaba y restringía el acceso de nuevos candidatos, dadas las particulares condiciones socioeconómicas y geográficas de nuestro país.

El acercamiento a la virtualidad comienza con las transmisiones de las actividades de la Secretaría Científica de APA en el año 2015 y se marca un hito con el primer seminario totalmente online en



Paola Karina Basavilbaso (APA – Argentina), Karina Bretz (APA – Argentina) y Romina Rossi (APA – Argentina)

¹ El Dr. Felix Gayubo - uno de los fundadores y ex presidente del CPBB - refiere: "Quiero que la gente de Bahía Blanca tenga las mismas posibilidades que yo para aprender psicoanálisis". Con 89 años continúa dictando seminarios, contagiando su entusiasmo, demostrando así que desde los inicios opera este deseo de transmitir psicoanálisis. Gran donador de deseo.



la formación del Instituto Ángel Garma en el año 2017 por Skype: “Encuadre, transferencia y regla fundamental en las variaciones de frecuencia de las sesiones y en el análisis online a través de un seminario online” dictado por la Dra. Silvia Leguizamón. Esta actividad reunió a didactas, miembros adherentes y analistas en formación de diferentes ciudades de Italia y Argentina, entre ellos una colega de la filial.² Esto se vio posibilitado ya que desde la Asociación Psicoanalítica Internacional, en resonancia con cuestiones de la época, se habían comenzado a flexibilizar algunas regulaciones para la formación en relación a los componentes del trípode, a nivel mundial (experiencias en China, Bolivia, Ecuador, Guatemala, Nicaragua y Honduras).

El interés por la formación a distancia fue en aumento y el trabajo conjunto entre la Comisión Directiva de APA, iniciado en la gestión de la Dra. Leticia Glocer de Fiorini y potenciado en la de la Dra. Claudia Borensztein - gran impulsora de esta modalidad - y la Comisión Directiva del Centro Psicoanalítico, presidida por la Dra. María Elena Moreno, concluyó en un convenio que, alineado con los nuevos criterios de la Asociación Psicoanalítica Internacional, promovió un importante incremento de profesionales interesados en formarse en psicoanálisis.

2 La Lic. en Psicología María Eugenia Ferraris, inició su formación cursando seminarios en la sede del CPBB con analistas de APA radicados en la ciudad, y también viajando a Capital Federal.

Como resultado de una continuidad de movimientos y aperturas desde las instituciones más abarcadoras hasta las filiales, se creó el reglamento de Formación a Distancia, aprobado a fines del año 2019 e implicó la puesta en marcha de un modelo virtual/presencial 70/30 % respectivamente. Cuando en marzo de 2020 irrumpió la pandemia, nuestra institución ya “contaba con los recursos, la preparación y el marco reglamentario suficiente como para realizar los análisis didácticos, las supervisiones y los seminarios de manera virtual”. (Borensztein, Claudia 2020).

La Pandemia y sus destinos... en la formación psicoanalítica

El traspaso de toda la actividad a la virtualidad implicó el acceso a la oferta total de seminarios, amplificando las posibilidades de pluralismo y libre elección de nuestro recorrido, característica distintiva de la formación en APA.

Además posibilitó una mayor inserción en la vida institucional, en espacios que hasta ese momento eran pocos explorados por los candidatos del interior. Tal era el caso del Claustro de analistas en formación. El nuevo

modo de presencia promovió la creación de lazos y el armado de una trama intersubjetiva que nos contiene e invita a descubrir nuevos territorios y traspasar fronteras.

Así conocimos a la Organización de Analistas en Formación de América Latina - OCAL- Tuvimos la posibilidad de participar en sus Triángulos Virtuales, ser anfitriones de colegas de varios Institutos en los seminarios y compartir nuestra experiencia sobre las posibilidades que ofrece este modelo mixto de formación y el gran impulso que significó el uso masivo de la tecnología en la inédita coyuntura que hemos atravesado como humanidad.

Pensamos que la utilización de las plataformas digitales ha favorecido el despliegue de nuevas transferencias y el descubrimiento de oportunidades, viéndose reflejado también en el numeroso grupo de analistas en formación simultánea (ocho) sin precedentes en nuestra región.

El encuentro con colegas en un adentro-afuera de nuestros hogares-consultorios en los espacios de formación durante el aislamiento obligatorio, puso el uso de la tecnología al servicio de la plasticidad pulsional ante el trabajo que imponía el duelo por la realidad perdida, apelando a la





sublimación como una de las formas del procesamiento de Eros frente a la muerte.

Recalcati (2020) describe a la pandemia como una “experiencia de total oscuridad”. Retomando el título del presente escrito: pasado, presente y futuro se engarzan por el deseo de transmitir y aprender el psicoanálisis como posibilidad de pensar, elaborar, y abrir una brecha en esa oscuridad.

Recalcati, M. (2014) El complejo de Telémaco. Padres e hijos tras el ocaso del progenitor. Ed. Anagrama

Recalcati, M. (2020) 58 Symposium APA. La curva de la angustia: Reflexiones psicoanalíticas sobre el COVID19. La curva de la angustia. Invitados: M.Recalcati y A.Becce. Con G.Goldstein y C.Borensztejn & más... https://youtu.be/nHef992_bkg . Recuperado el 29 de septiembre de 2021.

www.apa.org.ar/APA/Filiales. Recuperado el 29 de septiembre de 2021.

Referencias Bibliográficas

Basavilbaso, Paola, Bretz, Karina, Lopardo, Christian, Piacquadio, Gabriela, Prada, Verónica, Rossi, Romina (2021) “Formación terminable e interminable”. En Congreso Argentino de Psicoanálisis. Mesa Argentina. Rosario.

Borensztejn, Claudia (2020). Comunicación institucional vía mail con Comisión Directiva CPBB.

Freud, S. (1908 [1907]) El creador literario y el fantaseo. Tomo IX. Ed. Amorrortu.

Freud, S. (1912-1913). Totem y Tabú. Obras Completas. Tomo XIII. Ed. Amorrortu.





BODEGÓN DE FREUD

UN JUEGO SERIO

≡ **Melisa Perea** (GEPSal – Argentina), **María Serena Sottile** (APR – Argentina), **Victor Davico** (GEPSal – Argentina) y **Carlos Eduardo de Souza** (SPRJ – Brasil) (SPRJ)

Desde el comienzo de la pandemia nos estuvimos reuniendo de manera online con colegas de Argentina, Chile y Brasil sin otra propuesta más que compartir. Quizá por eso llamamos “O boteco do Freud”, “El bodegón de Freud”, a esta especie de bar virtual donde ponemos en juego la palabra entre música, cachaca, birra, vinos, poemas y psicoanálisis. Sin ningún objetivo de producir, esas horas se volvían agradables conversaciones que alegraban nuestras grises existencias en medio del encierro.

Este lugar extraterritorial, en relación con las

instituciones de las que formamos parte, de alguna manera también se constituyó en un espacio informal de formación, algo así como lo que solemos denominar la “cuarta pata”. Sin proponérselo devenimos outsiders y desde esa zona de frontera analizábamos el valor del trípode y las formas que adquiere según las latitudes y las pujas de poder.

Una de las dificultades que suponíamos a priori era la barrera del idioma. Sin embargo, en esa zona lenguajera entre el “portuñol” y el “psicoanalítico”, nos dejamos atravesar y hasta agujerear por la experiencia.

La música nos hizo de puente y nos comprendimos, no sin malentendidos, hubo lazo y encuentro. En ese “entre” configuramos desde una playlist hasta nuestros chistes internos. Sin ánimo de hacer prácticas parroquiales, desde esa misma posición herética que muchas veces se subvierte en lo corporativo, es que deseamos por fin reunirnos de manera presencial a celebrar el acontecimiento.

Nos acompañaban Pessoa, Calligaris, Neruda y Pizarnik. También la negra Sosa, Caetano, y Violeta Parra. Rock, forró y pop. Marx, Rousillon, Freud, Ferenczi,

Ogden, Bion, Lacan...

Cine y dictaduras latinoamericanas, populismo y derechas, amor y horizontes.

Hubo algo de recuperación del deseo, una especie de apuesta erótica para resistir el miedo, la tristeza, y quizá también sostener un fuego que nos permita un espacio otro, uno que no esté atravesado por la institucionalización y nos salve de las imposturas.

Sucede que cada tanto alguien pregunta en el chat de WhatsApp “¿Cuándo nos juntamos?” o “¿Quando organizamos um novo bar?”, y empiezan a proponerse opciones. Acordado el día y la hora, un enlace de zoom es creado y la reunión psicoanalítica da inicio con una copa de vino, un trago o un mate en mano luego de un arduo día de trabajo. Rápidamente los saludos y la alegría de cada uno de nosotros abriéndose a compartir un chiste, un comentario o alguna noticia regional.

El diálogo y el intercambio transcurren sin otro propósito más que el de compartir acerca del psicoanálisis. Luego todo lo demás es incierto. ¿Adónde nos llevará el encuentro de hoy? ¿Qué se nos ocurrirá esta vez? ¿Cuál será el tema que nos ponga a pensar, que nos movilice a expresarnos?

A los minutos empieza a sonar la música, ese lenguaje universal que no requiere traducción. Cada uno, a su turno, busca internamente esa canción que brota en conexión con la anterior o que recordamos acaso por aquello de lo hablábamos

minutos antes.

Seis, ocho o tal vez diez analistas en formación tejiendo un entramado y diseñando un discurso, un texto espontáneo en un contexto de sensorialidad; poniendo en juego una percepción flotante y produciendo pensamiento psicoanalítico en una red que entre todos vamos construyendo.

El grupo inicial estuvo integrado por analistas en formación que nos conocimos en Río de Janeiro en 2019 en el contexto de la *ABC Associação Brasileira de Candidatos*. En ese entonces coincidimos en algunas lecturas y posturas acerca de la institución psicoanalítica y nuestro tránsito por ella.

Sigue siendo memorable el día en que, sin previo acuerdo, ingresamos en la *SPRJ Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro* con pantalones cortos, dentro del marco de una actividad junto a otros analistas en formación. Visto desde hoy quizá se trataba de un gesto que mostraba un posicionamiento frente a los encorsetamientos y nos permitía reconocernos en cierta irreverencia, una especie de santo y seña entre pares.

Quando um bar estava prestes a fechar caminhávamos para outro e daí, matávamos a nossa sede pelas madrugadas quentes do Rio de Janeiro. Surgem “Los Perros Callejeros”, os Vira-Latas, denominação que escolhemos para o grupo... ¿Os Vira-Latas conseguiriam se encontrar fora do habitat das ruas? ¿As discussões teriam a mesma intensidade? ¿Seria divertido? Penso que se não tivesse havido e a pandemia de COVID 19





certamente os perros estariam sedentos em explorar as ruas de Montevideo durante o Congresso da FEPAL no Uruguai. Vira-latas como o termo sugere estão sempre se virando; e assim, não foi difícil colocar uma plataforma digital como nossa nova rua ainda que os cheiros e sabores não pudessem ser compartilhados. Essa nova experiência online permitiu que as distâncias fossem encurtadas, e, é bom enfatizar que os brasileiros estavam em estados diferentes e distantes entre si dentro desse país continental. Esse núcleo motivado pela possibilidade de se manter com qualidade e diversão decidiu chamar convidados para ampliar nosso mapa afetivo. Assim, surge o Boteco Freud.



Un año después de aquel primer encuentro cuando Carlos Teixeira de Souza llamó a Víctor Davico en plena pandemia expresándole la necesidad de juntarnos a dialogar de psicoanálisis en un ambiente ameno e informal siguiendo la consigna que surgió de boca de Alexandre Pantoja: *crear un espacio “sem etiqueta”*.

Transcurridas algunas reuniones virtuales, la idea de Boteco (bodegón) fue propuesta por Leonardo Siqueira Araujo, para diferenciarlo del Café de Freud. Teníamos ganas de recrear el clima de quien invita a un amigo en los breaks de un Congreso a entablar un diálogo más informal y por lo tanto más cercano, más franco, dejando de lado lo “políticamente correcto”.

La idea original fue que cada uno de nosotros buscara invitados o como dicen los colegas brasileiros: “convidados” que pudiesen tener interés en un espacio alternativo fuera de lo académico, un espacio de recreo. Lo recreativo estaría ligado al diálogo y la diversión, como lo que sucede en los intersticios, el intermedio de los seminarios, el tercer tiempo en algunos deportes (luego de un partido se comparte comida y bebida) o la conversación a la salida del cine.

Tal vez la única consigna más o menos estable es que a cada uno se le pide que elija una bebida de su agrado para degustar durante la reunión como si estuviera en un bodegón o cantina.

La virtualidad nos mantiene en equidistancia, en una extraterritorialidad en la cual no existe la dicotomía local-visitante, generando una relación de igualdad y fraternidad.

El lenguaje común es el psicoanálisis, ya sea que hablemos de arte, el avance de la ciencia, política o religión, lo usamos de un modo versátil, vigente y crítico, siempre vivo en nosotros, incluso en las disidencias. En nuestro intercambio de ideas utilizamos conceptos como fetichismo, transferencia institucional, falocentrismo, castración, narcisismo, identificación, experiencia emocional, capacidad



negativa, ya sea para pensar la realidad social en Latinoamérica o la mercantilización de la música o el cine.



Es probable que lo más genuino que se pueda suscitarse en el transcurso de la formación dentro de los institutos pertenecientes a IPA se dé a nivel de lo humano, en los vínculos, y no en algo abstracto, totémico e inamovible. Nada es sacro en psicoanálisis. Nos convoca algo vital, en continuo movimiento.

Es en el encuentro, en ese “Entre”, en el lazo con otros que podemos experimentar lo diferente, alojar otras textualidades, permitirnos la apertura hacia lo otro, lo desconocido, lo que conmueve e interpela.

Queremos compartir un breve extracto de una entrevista a Ailton Krenak cuyo pensamiento estuvimos discutiendo

en el Boteco y que refleja el espíritu del sujeto colectivo: el sujeto que se experimenta en su singularidad, pero formando parte de una comunidad e interactuando con otros, una idea a contrapelo del individualismo imperante.

“Me parece que las biografías tienen la potencia de evocar recorridos de nuestra formación y de nuestra vida, de nuestra experiencia comprometida, ya sea en el contexto local, cuando vives en una pequeña comunidad, o cuando logras sobrepasar los límites de esa comunidad, en que nos sentimos protegidos por la memoria y la historia, que cada uno de nosotros puede experimentar. Sobrepasar esos límites de la comunidad es una experiencia rara que algunas personas realizan conscientemente, de manera activa”.

“Acho que biografias, ou “autoestórias”, como prefiro têm uma potência de evocar percursos da nossa formação e da nossa vida, da nossa experiência engajada, seja no contexto local, quando você vive numa pequena comunidade, ou quando você consegue extrapolar os limites dessa comunidade onde nos sentimos protegidos pela memória e pela história. Extrapolar esses limites da comunidade é uma rara experiência que algumas pessoas realizam conscientemente, de maneira ativa”.

As reuniões da sociedade das quartas-feiras criadas, por Freud em 1902, se davam de maneira livre onde os palestrantes eram escolhidos por sorteio, numa atmosfera

de curiosidade e improvisação. Charutos e cafés eram disponibilizados aos participantes, candidatos a psicanalista. Nesse contexto espontâneo há o surgimento da primeira sociedade psicanalítica e posteriormente a IPA. Podemos inferir, com base na própria história do movimento psicanalítico, que iniciativas de aproximação são criadas dentro de um ambiente afetivo para dar conta de algo que a análise pessoal, as supervisões e os estudos não alcançam que é a intimidade horizontal daqueles que se constroem como analistas. Ao próximo bar!

Referencias Bibliográficas

Ailton Krenak (3 de junio de 2018): “A Potência do Sujeito Coletivo / La Potencia del Sujeto Colectivo” - Revista Periferias
Link:

<https://revistaperiferias.org/es/materia/ailton-krenak-la-potencia-del-sujeto-colectivo-parte-i/>





FILICIDIO·PARRICIDIO

¿Dos caras de una misma moneda?



Gloriani Landeros (AMPIEP – México)



Premio Sacerdoti Prize 2021 otorgado por la Asociación Psicoanalítica Internacional.

Sus ojos se abrieron al ver aquella escena; su expresión quedó clavada en mi mente: había asombro, confusión, dolor, miedo... , su mirada fue invadida por lágrimas de terror que por segundos lo paralizó, nos paralizó. Acababa de ser develada a través de una escena, el asesinato de un grupo de niños por quien en teoría sería el encargado de su seguridad y bienestar. Si bien era una escena que había visto varias veces antes, fue el verlo a través de sus ojos que pude conectarme con lo que realmente había aterrorizado el aire, pues se había puesto de manifiesto lo tan temido y sabido, pero a la vez tan denegado: la agresión y cólera del protector / progenitor volcado contra sus hijos. Se colocó en imagen el filicidio y eso nos horrorizó.

Mucho se ha hablado sobre la importancia de lo infantil

y su estructuración psíquica desde la fantasía del parricidio, inclusive Freud en su texto Dostoievsky y el parricidio lo aborda como “...el crimen principal y primordial tanto de la humanidad como del individuo.... (1928, 180 p). En este sentido Tótem y Tabú (1913) hace un estudio minucioso sobre el tema, en el cual establece el mito de la muerte del padre como una de las respuestas al origen del despertar psíquico del hombre y con ello al de la propia humanidad , dando comienzo a tantas cosas como fueron las organizaciones sociales, las limitaciones éticas y la religión (1913, 143- 144p)

Otros textos como Moises y la religión monoteísta (1937), De la historia de una neurosis infantil “El hombre de los lobos”(1918) e incluso la Interpretación de los sueños (1900), han abordado el tema de la hostilidad





que se esconde entre las caricias de la relación padre e hijo, en donde el deseo de muerte a los padres forma parte de la herencia arcaica del hombre, otorgándole un papel fundamental para el futuro desarrollo psíquico del infante.

De esta forma, me parece que no queda la menor duda del lugar que el psicoanálisis le otorga a dicha fantasía, la cual podríamos decir que tiene su culminación en la conceptualización del Complejo de Edipo (Freud 1928, 181 pp). Sin embargo al re-pensar y re-visitar el mito de Edipo, me fue imposible encontrarme ante una importante omisión la cual forma una parte fundamental de la tragedia del pobre Edipo. ¿Porqué será que se ha dejado de lado en la obra de Sófocles, la parte donde Layo y Yocasta planean el filicidio de Edipo a los 3 días de nacido?

El filicidio al igual que el parricidio, puede ser rastreado desde tiempos remotos. En la mitología griega, Medea hija de Eetes rey de la Cólquida, y de la ninfa Indía, sacrifican a sus propios hijos por la traición y rechazo de Jasón. En el mito de Procne y Filomela, ambas hijas del rey de Atenas, tras la traición y mentira de Tereo, matan a su hijo Itis para que este sea servido y comido por su propio padre. Ifigenia, una de las hijas del rey Agamenón y Clitemnestra también tiene un final atroz al ser sacrificada por su padre con el fin de ganar tiempo favorable durante la Guerra de Troya. Cronos / Saturno devoran a sus hijos; y así nos podemos ir acercando poco a poco a épocas más

recientes en donde bajo la ley romana de las Doce Tablas el patriarca era obligado a dejar morir a su hijo visiblemente deforme; y a la par gozaba del derecho de decidir si el niño vivía o moría; actos que no eran considerados un delito hasta el año 374. (Guerrero 2006).

Aún se pueden encontrar innumerables crónicas sobre el sacrificio de primogénitos, bebés del sexo femenino y bebés en general como una forma de mantener estatus, control poblacional, ilegitimidad, causas religiosas, ofrendas, deformidades, enfermedades, venganzas, cobro de seguros; por mencionar algunos de los motivos que buscan justificar el asesinato de niños.

Si se piensa desde lo social, fácilmente puede ser observado tanto en la figura del Estado como de la Religión, instituciones que representan al padre que cuida y protege, pero que sin titubear envían a sus hijos para ser sacrificados en su nombre. Incluso en el caso de la religión católica, el filicidio puede ser pensado como la piedra angular de su doctrina, la cual radica alrededor del sacrificio del hijo por parte del padre en aras de llevar la salvación a los hombres. Porque de tal manera amó Dios al mundo, que dio a su Hijo unigénito, para que todo aquel que cree en El, no se pierda, mas tenga vida eterna. (Juan 3:16).

La demostración de los deseos y actos de muerte por parte de los padres hacia sus hijos es clara; sin embargo ha

existido una importante resistencia de hablar sobre ello; desde la omisión del mito de Edipo por parte de Freud, como desde lo psiquiátrico en donde el filicidio fue negado desde los trabajos de Resnick en 1969 y 1970. Raskovsky en su artículo, El filicidio: la Agresión Contra el Hijo de 1981, señala la negación del tema en la literatura médica así como la sustitución por el término infanticidio, debido al horror que representaba y representa el pensar en el hecho de que un padre o una madre asesine a su propio hijo.

Ante esto, me pregunto ¿Cuál será la razón por la cual sí se ha podido pensar, hablar y escribir sobre el parricidio?, y ¿Porqué será que el filicidio se ha conservado en una realidad que pareciera que solamente existe bajo la sombra de lo denegado?.

En este sentido, me parece que la realidad externa juega un papel primordial, ya que aparece como un tercero que detiene, separa y observa, haciendo que en el caso del parricidio, la perpetuación del acto sea mucho más difícil de consumar y por ende mucho más tolerable de pensar, pues desde lo fáctico el homicidio de un adulto difícilmente puede pasar desapercibido sin que existan severas repercusiones y castigos.

Sin embargo, en el caso del infanticidio y casos fatales de abuso infantil, es sabido como tienden a ser minimizados, exonerados o incluso aceptados bajo un supuesto indulto





que se les otorga a los padres, por ser padres; permitiendo de ese modo la perpetuación de actos atroces con infantes que no cuentan con la más mínima posibilidad de defenderse o ser defendidos, ya que la mayoría de los casos ocurren bajo la intimidad y el secretismo del núcleo familiar.

Según un estudio publicado en el Diario de Medicina de Nueva Inglaterra¹, el homicidio es la principal causa de muertes infantiles, siendo los menores de 6 meses la población más vulnerable, en la cual el 31 % de los casos el asesino es el padre, 30% la madre, 23% familiares hombres, 6% familiares mujeres y 3% extraños.

Bajo esta mirada, se abre la puerta para pensar en el lugar que ocupa la vulnerabilidad y dependencia, como facilitador para la expresión de la pulsión de muerte. El niño nace completamente indefenso y expuesto a la vulnerabilidad del padre; es real que para su supervivencia tanto física como psíquica del bebé requiere del otro, del padre para vivir; situación que alimenta la ilusión narcisista de sentir que este y su vida le pertenece, haciéndolo así una presa fácil de proyecciones no representadas que en ocasiones buscan ser asesinadas en el cuerpo de lo infantil.

En este sentido, Feder en su artículo sobre la Ambivalencia Preconceptiva y la Realidad Externa (1980) propone un estado preconceptivo de ambivalencia como una tendencia

¹ Datos obtenidos de un estudio realizado en 1999 bajo la población de estadounidense, el cual fue publicado en The New England Journal of Medicine. 1999. (Overpeck MD, Trumble AC, Berendes HW, Brenner RA)

universal tanto del deseo como del deseo de muerte hacia el infante, que puede ser rastreado desde antes del coito, ya que se vive como algo que simplemente está independientemente de que se haya o no consolidado la paternidad; inclusive lo señala como la herida narcisista de saber que parcialmente o significativamente nunca fuimos deseados.

Por lo tanto, es a partir de la fragilidad del ser humano desde donde lo ominoso del acto filicida se carga de muerte, pues ante la incapacidad de defensa y verbalización se actúa el abuso, la violencia, el maltrato e incluso el asesinato; los cuales bajo el designio de “descuidos” es que el niño se ve expuesto a la ráfaga de una agresión no tramitada por partes de los padres, que se da a partir del primer contacto con sus hijos bajo el cobijo de una acomodada impunidad, pues la posibilidad de ser acusados y con ello castigados a diferencia del parricidio es menor, pues en el caso del infante es la voz de los padres la que ayuda a colocarle palabras a lo no tramitable, pero sí esa voz es la de sus propios acechadores, ¿Qué oportunidad tienen de ser escuchados, de ser rescatados?

De esta forma, me parece que es desde la posibilidad de lo real de que se actúen los deseos filicidas lo que hace tan difícil abordar el tema, pues la amenaza y el deseo constante que está en la relación con el más vulnerable, roza tan de cerca que horroriza; denegando su existencia

tanto en lo propio como en lo cultural.

Dicho así, la fantasía infantil cobra un peso mayor cuando se sustenta desde la posibilidad de que pueda suceder: el niño se sabe más pequeño, más débil, más dependiente e impotente ante la rabia de un padre encolerizado que se sabe más fuerte. Dicha situación alimenta los deseos parricidas del niño como modo de defensa y supervivencia: - Para asegurar mi existencia habrá que eliminar a mi primer depredador: mi padre; - consolidándose así el mito de Edipo, quien termina matando a aquel quien fue el primero en desearle y actuarle la muerte.

Por lo tanto, me pregunto ¿Qué fue primero, el parricidio o el filicidio? O será que ambas son la cara de una misma moneda que carga la imagen mítica de la muerte.

Siguiendo la trama de la misma historia de la humanidad, en la cual el padre es representado desde distintas formas sociales como lo es la religión, el ejército, las instituciones, los gobiernos; es que el filicidio se piensa más allá de la relación padre e hijo. En este sentido, el filicidio está siendo abordado y entendido de la misma forma que el parricidio, al cual se le considera como el crimen principal y primordial tanto de la humanidad como del individuo... (Freud 1928, 180 p).

Ambos tienen y continúan teniendo presencia a lo largo del





recorrido del hombre como ejes narrativos de la conducta humana, en donde su transmisión es de generación en generación como aquellas historias que se encuentran más allá del nacimiento del propio sujeto, estableciéndose así desde lo filogenético.

Por lo tanto ese miedo a ser matado, así como el deseo de matar y el miedo de matar, se entienden como factores determinantes para el desarrollo de la psique, en donde uno se alimenta del otro, ya que a mayor deseo filicida del padre, mayor deseo parricida del hijo. En este sentido, Bloch (1985) habla de la predisposición universal del niño al miedo al infanticidio, dándole un lugar especial en la formulación del proceso defensivo del infante, el cual está íntimamente ligado con la intensidad con la cual se viven los deseos y actos filicidas de los propios padres.

La pausa, como me lo logra verbalizar un paciente, “estoy en pausa ... siempre he estado en pausa”... puede ser observada desde lo intrapsíquico en aquellos individuos que tales fueron sus vivencias de muerte, que el aparato psíquico colapsó quedándose atrapado en el cascarón de lo infantil, de lo irrepresentable por el horror que implica sentir la amenaza de muerte por el propio padre, cuarteando la posibilidad de algún tipo de autonomía psíquica que puede ser representada tanto en lo social, laboral, sexual y por supuesto mental.

En este sentido y debido a lo temprano del trauma, el

cuerpo, entendiendo este como la primera capa que protege y filtra las experiencias del recién nacido, se convierte en uno de los lienzos que reflejan la agudeza de los deseos y actos filicidas de los padres, en donde no es solamente la identificación con el agresor, sino es la identificación con esos actos filicidas de los padres, que posteriormente son ejecutados por ellos mismos desde el hechizo tanático que llevó a la bella durmiente a pincharse el dedo con la aguja que la llevaría al sueño eterno, bajo el deseo de la malvada bruja.

Volvió a salirme otro grano.. y otra vez es la misma historia... ya se que no es nada.. pero que tal que esta vez si.. que tal si ahora sí es un melanoma... un cáncer de piel.... No quiero buscar en google porque va a ser peor... pero no sé como hacer que pare...

... porque será que yo no puedo moverme o hacer nada ... todo para mi es una amenaza.. mientras que para los otros solamente es un pinche grano...

Son las palabras de un paciente, que hacen eco a esos miedos infantiles que constantemente verbalizan los niños ante su terror de ser atrapados por estos monstruos y brujas que los quieren devorar. Si bien, hay una cierta normalidad de escuchar dichas fantasías por parte del infante, es cuando la historia no logra progresar quedándose en una especie de loop que impide que se avance o se retroceda; paralizando la posibilidad de pensar y ponerle palabra a

aquello que se vive tan cercano y tan real, que horroriza el propio pensamiento.

Finalmente me parece que no hablar sobre los deseos filicidas que acontecen en el análisis sería seguir denegando una realidad que está puesta en esa transferencia – contratransferencia en la cual ambas partes infantiles y no representadas se entrelazan, dando espacio para que se actúe lo no dicho, lo sin palabras. Por lo tanto, valdría la pena pensar que tanto bajo el nombre del psicoanálisis sacrificamos a nuestros propios pacientes a partir de su dolor, vulnerabilidad e intimidad; ya sea en la exposición del caso desde un alimento narcisista, en el abandono psíquico, en la perpetuación de la patología.

Sé que quedan muchas cosas sin decirse, sin palabras, sin ser mencionadas, siendo solamente este un intento de ponerle palabra a aquello que una vez visto, es imposible desviar la mirada. En donde al igual que el parricidio, necesita ser conceptualizado e integrado como una parte del crimen de la humanidad que conforma la estructuración psíquica del ser humano, desde lo individual hasta lo colectivo.

Finalmente regreso a mi pregunta inicial... será que el filicidio y el parricidio son tan sólo dos caras de una misma moneda?...





Referencias Bibliográficas

Adams, Paul L, (2000) *Childish as Vestiges of Infanticide*. *Journal of American Academy of Psychoanalysis*. 28 (3): 541 - 556

Bloch Dorothy, (1978) "So the witch won't eat me" *Fantasy and the Child's Fear of Infanticide Master Work*. Boston:Houghton Mifflin Company.

Bloch, Dorothy, (1985), "The child's fear of infanticide and the primary Motive Force of Defense. *Psychoanalytic Review*, 72(4):573-588

Espriella Guerrero, Ricardo. (2006) *Filicidio: una revisión*. *Revista Colombiana de Psiquiatría*, vol XXXV / No. 1 / 2006.

Eurípides M. *Tragedias griegas*. Bogotá: Oveja Negra; 2000

Feder Luis. (1980) *Preconceptive Ambivalence and External Reality*. *International Journal of Psycho-Analysis*, 61: 161-178

Freud, S. (1900). *La interpretación de los sueños*. *Obras completas Vol IV*; Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Freud, S. (1901). *Psicopatología de la vida cotidiana*. *Obras completas Vol VI*; Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Freud, S. (1913). *Tótem y Tabú*. *Obras completas Vol XIII*; Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Freud, S. (1915). *Pulsiones y destino de pulsiones*. *Obras completas Vol XIV*; Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Freud, S. (1919). "Pegan a un niño". *Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales*. *Obras completas Vol XVII*; Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Freud, S. (1928). *Dostoiesky y el parricidio*. *Obras completas Vol IV*; Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.

Klein, Melanie (1933), *Amor, Culpa y Reparación*. Tomo 1, *Obras Completas*. Paidós. Barcelona, España.

Raskovsky. *El Filicidio: La agresión contra el hijo*. Barcelona: Paidós; 1981.

Resnick PJ. *Murder of the newborn: a psychiatric review of neonaticide*. *Am J Psychiatry*. 1970;126(10): 58-64.

Sánchez Domínguez, Juan Pablo (2015) *Psicoanálisis y Parricidio Críticas sobre la Inclusión y Exclusión Subjetiva*. *Límite*, vol 10. Num 32, pp 3-11. Universidad de Tarapacá. Arica Chile <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=83642662002>

Overpeck MD, Brenner NA, Trumble AC. (1998) Trifiletti A, Berendes HW. *Risk factors for infant homicide in the United States*. *N Engl J Med*.;339(17):1211-6.

Sofocles, (traducción de Angel Ma. Garibay) de la versión directa del griego. *Las Siete Tragedias* (1994). Editorial Porrúa. México.

Bureau of Justice Statistics [en línea] 2005 [fecha de acceso 13 de noviembre de 2005]. URL disponible en: <http://www.ojp.usdoj.gov/bjs/cuit.html>





VISITA A LA CONSTRUCCIÓN **FALLIDA** DE LO INFANTIL EN LA DÍADA ANALÍTICA

≡ Diana Maldonado (AMPIEP – México)



Premio Tyson 2021, de la región Latinoamérica otorgado por la Asociación Psicoanalítica Internacional y por IPSO.

Visita a la construcción fallida de lo infantil en la díada analítica, como alternativa frente al dolor psíquico de una destrucción suicida adolescente.

Una cosa es mirar a la muerte de lejos y otra cuando pasa de cerca (Bernardi citado por Viñar, 2020). Acercarse a la muerte es una tarea que puede suceder con la progresión de la edad o, como en el caso de Sebastián, que ha irrumpido en su mente prematuramente.

Una y otra vez, me transmite la convicción de catástrofe y del fin del mundo. Una madrugada, recibí una fotografía que retrataba empaques de pastillas distintas: Prozac, Risperdal y Vanflexina; junto con una inscripción que decía: “debería ser suficiente”. Quizás ha sido la más intensa de las parasitaciones que he experimentado en el tratamiento, sin embargo, no la única.

Sebastián es un adolescente de 20 años de edad, que ha traspasado distintas fronteras a lo largo de su vida. De nacionalidad venezolana, vivió en Brazil. Después regresó a su país natal, pero sintiéndose extranjero. Posteriormente, su padre fue trasladado a México y ahora, seguiría estudiar la universidad en otro país. Estas migraciones en su infancia, fueron difíciles de sopesar; se implantaba en un sitio, para luego ser erradicado. Hubo de perder partes propias y de su historia, para readaptarse a otra cultura. “Lo obligado lo deja a uno debilitado”, como lo hemos hablado en sesiones.

Sebastián mira la vida de manera impersonal, sin relieves, sin sabor. Se ha resguardado en un mundo interno de fantasía, de “animees japoneses”, es este mundo de los dibujos animados, lo que a él lo anima: “...quisiera que Shinji, Asoka y Kawru fueran mis amigos...”. Ha caído en el desgano del deseo de ser y de existir. Mejor opta por eliminar la vida: desaparecer de sí mismo, diría David LeBretón

(2015), refiriéndose a la desconexión que efectuamos en los momentos de fatiga extrema, frente a las tensiones que provocan los deberes y preocupaciones de la vida activa. Esto puede ser normal cuando es reversible. Sin embargo, en Sebastian parece permanente y estructural, en esa severa patología de su mente esquizoide y con manifestaciones de despersonalización. Había sesiones en las que estaba somnoliento, semi consciente, semidespierto. Como muerto, como si no estuviera.

No sabe lo que quiere, pero lo quiere ya. No hay un presente de anhelos; es el resto de inadecuación, habitada por la angustia y descargada en acto o en el cuerpo, con el correspondiente adelgazamiento del espacio mental, como sustituto. El temor es quizás, a no tener la capacidad reparatoria frente a todo lo que se rompió, por la rabia de que se lo arrancaron. Sus fantasías de suicidio, tienen que ver con una ilusión de morir y desaparecer en la vida y resetearse de nuevo.

En momentos, Sebastián no muestra ningún interés en ser tratado; sin embargo, asiste puntualmente a sus sesiones. Trae pensamientos persecutorios a la superficie, da expresión y rienda suelta a su desesperanza. Como si estuviera enamorado de esa forma de estar, que pareciera que le permite lidiar con lo que viene. Es como un bebé, que estando en el consultorio, asume una posición fetal; como si estando así, no tuviera que ocuparse de la vida de adulto, de la que tendría que empezar a hacerse cargo. Le

muestra a los padres (y a mí), lo que siente que hicieron con él: la destrucción.

No pide con palabras, sino viene a mí, como ese mensaje de texto enviado, a deshoras, en urgencia, que he de descifrar. Su decir es catártico, instrumental, replegado hacia sí mismo, como un monólogo. Hay quizás el deseo de que le transforme la congoja, traducida en una exigencia relacional excesiva, propia de un infante.

Son estas patologías graves, en las cuales predomina el proceso primario, en las que parece haberse perdido el poder metafórico y la mente; la capacidad de transformar la experiencia (Bion, 1967). Esta imposibilidad para pensar de manera metafórica, de procesamiento secundario, pone a prueba el dispositivo analítico.

A raíz de la pandemia, su privacidad es en su habitación. Me recibe en su cama, puedo ver que su torso está desnudo. Estas fronteras diluidas del encuadre, dejan ver también las profundidades de su padecer, que difícilmente se ponen en palabras. Se abre otro canal de comunicación entre nosotros, descifrable en la transferencia y la contratransferencia.

Estoy así, frente a una mente con rajaduras y de actuación infantil, en un cuerpo adolescente. Es la imagen de un infante vulnerable, con el pelo alborotado, que busca asustado una mirada; es la sexualidad infantil primitiva,

autoerótica, propia del narcisismo.

El concepto de clivaje alude a esa cualidad de las sustancias cristalizadas, como las piedras, que se fisuran a lo largo de planos definidos. No se parten por cualquier lado, sino en los puntos de fragilidad. Y ante un funcionamiento mental arcaico, percibo como mi propia mente se paraliza en las sesiones. El impacto del desborde evacuativo, o como diría Bion (1967), de elementos beta no metabolizados, amenaza con que mi aparato mental y mi función analítica se debiliten y caiga dentro de mis propias fisuras y partes infantiles remotas.

Diría Bion (1962), que frente a la angustia y el dolor del niño, la madre habría de poder tolerarlo y digerirlo, para explorar y después, tranquilizarlo. Con Sebastián, su modo de angustiarse y desbordarse, de no poder pensar, ni hablar; remite a pensar en las fallas en este movimiento desde tempranas etapas de la vida, en la simbolización por vivencias previas al ingreso al mundo del lenguaje..

Como lo decía Freud del paciente paranoico (1911), Sebastián reconstruyó soberanamente un mundo para poder volver a vivir, dentro de él. Cuando siente que no puede tolerar más la angustia, utiliza una espátula, con la que mediante movimientos, recrea en acto, ese mundo animé, su mundo de fantasía.

La herramienta analítica es mi propia espátula, me permite



visitar mis rajaduras, esos núcleos psicóticos; para después, regresar a nuestra sesión. Me habilita para discriminar aquello infantil que me intenta comunicar Sebastián en la transferencia y en su lenguaje evacuativo de identificaciones proyectivas. Sebastián también tiene miedo. Y admito que yo también.

Cuando le propongo a Sebastián que piense qué pasaría si se quita la vida, se queda callado, perplejo, como si no lo pudiera pensar. Se queda empobrecido; precio que paga, por deshacerse de la realidad: sin partes que evalúen el peligro.

Un bebe sufre hambre. Se ensucia y llora. Tiene ansiedad y culpa. La madre ensaya con su mente, tratando de interpretar lo que sucede, imaginando sentimientos. Lo levanta, le da de comer y lo tranquiliza. Imaginando sentimientos: es quizás ansiedad, avidez; son los pedazos de heces. Estos elementos beta, se evacúan a través del llanto, la orina y las heces. Se evacúan, porque el temor que experimenta el bebé frente a esos sentimientos infranqueables, es de muerte.

En la intensidad del odio a los objetos, se puede comprender analíticamente la intensidad de la transferencia negativa. Sus proyecciones duelen, son violentas: me culpan. Me he sentido

impotente, inexperta, como analista en formación. Uno no puede ver más allá de sus escotomas y por lo que a mi respecta, ha sido indispensable hacer ese contacto en el análisis, de estos núcleos con raíces arcaicas.

Con esto en mente, puedo imaginar: Sebastián sufre, tiene una experiencia emocional que le es intolerable, la empieza a incorporar. Le duele, lo fragmenta y la manda de vuelta para afuera.

Por la violenta introyección, se cierra; tiene miedo de que lo que le diga, lo lastime; que le devuelva su proyección violentamente, como sucede con los padres. Ante las crisis de su hijo, ellos reaccionan de manera desbordada: se asustan y lloran, o le gritan. No toleran ver a su hijo en este estado. Parece que en el análisis, a momentos, hay cierto alivio, frente a mucho sufrimiento. Sin embargo, le cuesta recibir, por esa falla en el reverie, que sospecho que experimentó en su propia historia.

Es a partir del reverie (Bion 1962), de la función analítica, de digerir y devolver algo susceptible de ser pensado; que se ha habilitado un paulatino trabajo de re-simbolización.

Parte esencial del tratamiento ha sido encontrar



una manera de entrar en contacto con sus necesidades y sus ansiedades; entender la forma en que se comunica, con sus reacciones a mis intervenciones, más que el contenido de lo que dice y así poder traducir ese lenguaje, sin que se sienta atacado.

Decía Marcelo Viñar (2020) en un webinar: “se trata de soportar lo insoportable, de permanecer atónito y perplejo”; implica dejarse habitar y traspasar por esos códigos que pueden parecer ajenos, pero que al final, no lo son del todo, pues recuerdan a algo propio.

Walter Benjamin (2010) habla de que el mal de la modernidad comienza con la desaparición de la comunidad de oyentes. Pensar así a Sebastian me ha invitado a ser oyente y lectora de las comunicaciones del cuerpo, de los movimientos, de las sensaciones, a través de mi contratransferencia.

Hoy sé que con su posición fetal, cuando se “hunde en el diván”, cuando se truenan los dedos, cuando sus palabras no son inteligibles o con los distintos tipos de silencios, Sebastián se comunica conmigo.

Es un paciente inalcanzable (Joseph, 1989), con un “como sí” (Deutsch, 1968), o un falso self (Winnicott, 1969), que él mismo quizás, identifica. En una sesión habla de una máscara que usará para una fiesta de Halloween:

P: Usaré la máscara que te platicué para Halloween... (silencio) Estoy cansado de vivir (Habla en un tono muy bajo, yo casi no escucho)

T: ¿Qué cansa?

P: Todo... (silencio) Estoy cansado de las mentiras que me venden y que me venden deceptions... illusions... (silencio) Estoy enojado, harto... también claro... de que la vida es una mierda...

T: Y sientes que yo también te vendo mentiras...

P: Sí, al decirme que hay algo positivo ... Yo ¿qué puedo vivir...?

T: Está tu peor enemigo ahí dentro...

P: Todos son enemigos

Se voltea en el diván y me da la espalda y de ahí hay un silencio abrumador, siento cómo Sebastián me hace entrar y sentir ese mundo angustiante en el que está. Pienso en que mi intervención lo hizo sentirse agredido y se cerró; me lo mostró corporalmente, intento salir de esta oscuridad, me siento desesperanzada, impotente, que de nada sirve lo que estoy haciendo, que lo estoy decepcionando, que el tratamiento es un fracaso. Me doy cuenta de que me identifiqué con esta proyección de la “venta de mentiras”. He ahí una rajadura en mí. Pienso en esta sensación de desesperanza y en esos momentos en que ha querido quitarse la vida, por la desesperanza.

T: Sientes que todos son enemigos y eso hace que quieras morir en esta vida... resetearte para otra

vida...

P: Quiero un viaje en una vida donde estén Shinji, Asoka, Kawro: eso sería ideal

Su respuesta me hace sentir en un callejón sin salida, ese del que habla, es un mundo Animee. Shinji (adolescente desamparado pero con la misión de salvar al planeta de invasores extraterrestres), Asoka (adolescente rabiosa, berrinchuda, infantil, desenfrenada, incluso en la sexualidad), Kawru (ser angelical homosexual, puro), son partes de su self, pero no sé cómo traducirle esta comunicación ...

T: ¿qué difícil que no son parte de la realidad!

P: Una parte de mí ya no quiere venir...

T: ¿Y la otra?

P: Estoy demasiado cansado para opinar... (silencio muy largo) ¿Soy un paciente duro de trabajar?

Me sorprende su pregunta. Permanezco en silencio y trato de pensar. En el “apres-coup” vislumbro que me sentí invadida por la agresión de toda la sesión. Me fue difícil digerir estos elementos alfa. No sabía cómo intervenir; me sentí amenazada con su cuestionamiento Hablaba de mentiras; yo necesitaba ser sincera: me estaba siendo muy difícil de trabajar con él. A pesar de esto, estoy convencida de que puede obtener algún beneficio de nuestras sesiones.

T: Quizás me preguntas para saber si puedo contigo...



P: Es curiosidad

T: Es duro el trabajo, pero no imposible...

P: (Guarda silencio) Cambié de medicamento... nada cambia

T: No sirve el medicamento, no sirvo yo...

P: Lo obligado lo deja a uno debilitado...

Termina la sesión. Se levanta sin pronunciar palabra y sale del consultorio sin mirarme. Mi sensación es de total fracaso, me anima saber que está comunicando su congoja. Empatizo con la angustia de los padres, me dan ganas de hacer algo más.

Quizás, no es una sesión de fracaso, sino una manera de permitirme entrar en contacto con esas partes escindidas, primitivas, necesitadas y vulnerables; a las que los de su entorno le “dan la espalda”. Sus padres lo quieren ver “bien”: activo, con amigos, yendo a fiestas, disfrutando de “una mordida de pan tostado”, como dice el padre. Yo contacto con mis deseos infantiles omnipotentes de rescate: hacer algo más; convertirme en esa madre, que “ha hecho todo por él”, incluso, “pensar por él”.

La madre me escribe ese mismo día, intentando desesperadamente indagar qué sucedió en la sesión. Siento esta angustia de la madre y pienso en Sebastián: no hay en casa un receptáculo de sus malestares. Está intentando sacarse de adentro un dolor muy grande; lo único que puede hacer es actuar y hacer actuar a los demás.

Los padres de Sebastián desearían enviarlo tan pronto les sea posible, fuera de casa. La madre me dice “me tiene podrida, por mí que se vaya pronto”. Yo, a ratos, me siento en términos de Racker (1958), en contratransferencia complementaria, con los padres. Sebastián se debate internamente entre la idea de dejar el hogar, pero la imposibilidad terrorífica y paralizante de irse a vivir su vida.

Visitar lo infantil, en el sentido de la creatividad, de lo lúdico y del jugar, ha sido un recurso a otro nivel: adentrarme en el mundo de los animées, en su mundo; para intentar crear un puente en el discurso entre ambos. Camino sobre un terreno difícil, pero con un rumbo claro, para buscar esa integración yóica como meta, que aún sé, que está lejana.

Ha sido dejarme atrapar e invadir por el malestar que me provocan sus manifestaciones de esos núcleos abrasivos que me jalan al polo tanático, que me llenan de confusión. Acercarme a esos vacíos, para poder tomar distancia, digerirlo y devolverlo metabolizado en algo pensable y entonces construir un encuadre singular en el que se pueda crear un código en nuestra relación, con miras a reestablecer un puente comunicacional con el mundo externo. Que el malentendido pueda ser entendido.

Freud (1937) ya nos advertía que esta es una profesión imposible. Terminamos no con respuestas, sino con

preguntas. El psicoanálisis navega en los enigmas. Nos confronta con nuestra vulnerabilidad y nos invita a tolerar la ambigüedad. “Gracias a la renuncia del cuerpo de acción, todo pasa sin que nada pase”, decían los Baranger (citado por Viñar, 2020). Este escrito es un intento de secundarizar y compartir con colegas esa fuerza de lo infantil que se actualiza en cada sesión.

La intimidad del análisis implica el reconocimiento de la alteridad y la singularidad. Amar no lo que se parece, como lo exigen los padres de Sebastián, sino lo extranjero. El Psicoanálisis ofrece ese espacio, diferente a aquel de la infancia; quizás el único al que tenga acceso Sebastián para replegarse, con todo y su patología.

Hace unas sesiones, Sebastián articuló en su habitual manera poco inteligible: “gracias por escucharme”. Quizás es cierto, que vale la pena intentar y que el paciente tolera que uno se equivoque, pero no que uno no intente.

Es la posibilidad de pensar en esa fuerza de lo infantil, en propia intimidad; lo que me ha permitido asirme de mi espátula analítica y jugar en el mundo de lo infantil. He ahí la herramienta valiosa que puedo ofrecerle a Sebastián, en hospitalidad como diría Derrida (2006), alojando lo extranjero, aceptando primero al extranjero en mí y así dar lugar a la extranjería, en la pertenencia del vínculo.



Referencias Bibliográficas

Benjamin, W. (2010). *El narrador*. Santiago de Chile: Metales Pesados.

Benyakar, M. & Lezica, A. (2016). *El Complejo Traumático A La Luz Del Modelo De Los Tres Espacios*. *Mentalización. Revista de psicoanálisis y psicoterapia*, Volumen 6; Abril 2016, pp. 1-14

Bion, W. (1962). *Aprendiendo de la experiencia*. Ed. Paidós, psicología profunda 1ª reimpresión 1997, Barcelona, España

Bion, W. (1967). *Volviendo a pensar*. Ed. Paidós, Buenos Aires, 1977

Bollas, C. (1996). *Borderline Desire*. *Int. Forum Psychoanal.*, 5(1):5-9

Brun, A. (Junio de 2018). "Escuchar formas primarias de simbolización". Conferencia en Asociación Psicoanalítica de Uruguay.

Derrida, J. (2006). *La Hospitalidad*. Buenos Aires, Ediciones de la Flor

Deutsch, H. (1968). *Algunas formas de trastorno emocional y su relación con la esquizofrenia*. *Rev. Psicoanál.*, 25(2):413-431

Freud, S. (1911 [1910]): *Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente*. III *Acerca del mecanismo paranoico*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, Tomo XII, p.156.

Freud, S. (1914) *Introducción al narcisismo*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, Tomo XIV

Freud, S. (1937), *Análisis Terminable e Interminable*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, Tomo XXIII

Le Bretón, D. (Edition Metalie -, 2015) *Disparaître de soi. Une tentation contemporaine*. París: Métailié Traversées.

Green, A. (1984): "Pulsión de muerte, narcisismo negativo, función desobjetalizante". Buenos Aires Amorrortu Editores.

Joseph, B. (1989): *Equilibrio psíquico y cambio psíquico*. (1993), Madrid, Julián Yébenes.

Racker, E. (1958). *Los significados de la contratransferencia*. *Rev. Psicoanál.*, 15(3):227-24

Rosenfeld, H. (1958) *Algunas consideraciones sobre la psicoterapia de la esquizofrenia*. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*.

Viñar, M. (16 de junio de 2020). *Cómo nos cambia un mundo que cambia*. Ateneo Científico. Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires. Recuperado de <https://youtu.be/8ELpkaIgKZc>

Winnicott, D.W. (1969). *Aspectos clínicos y metapsicológicos de la regresión dentro del marco psicoanalítico*. *Rev. Psicoanál.*, 26(3):693-716



CONTRATRANSFERENCIA

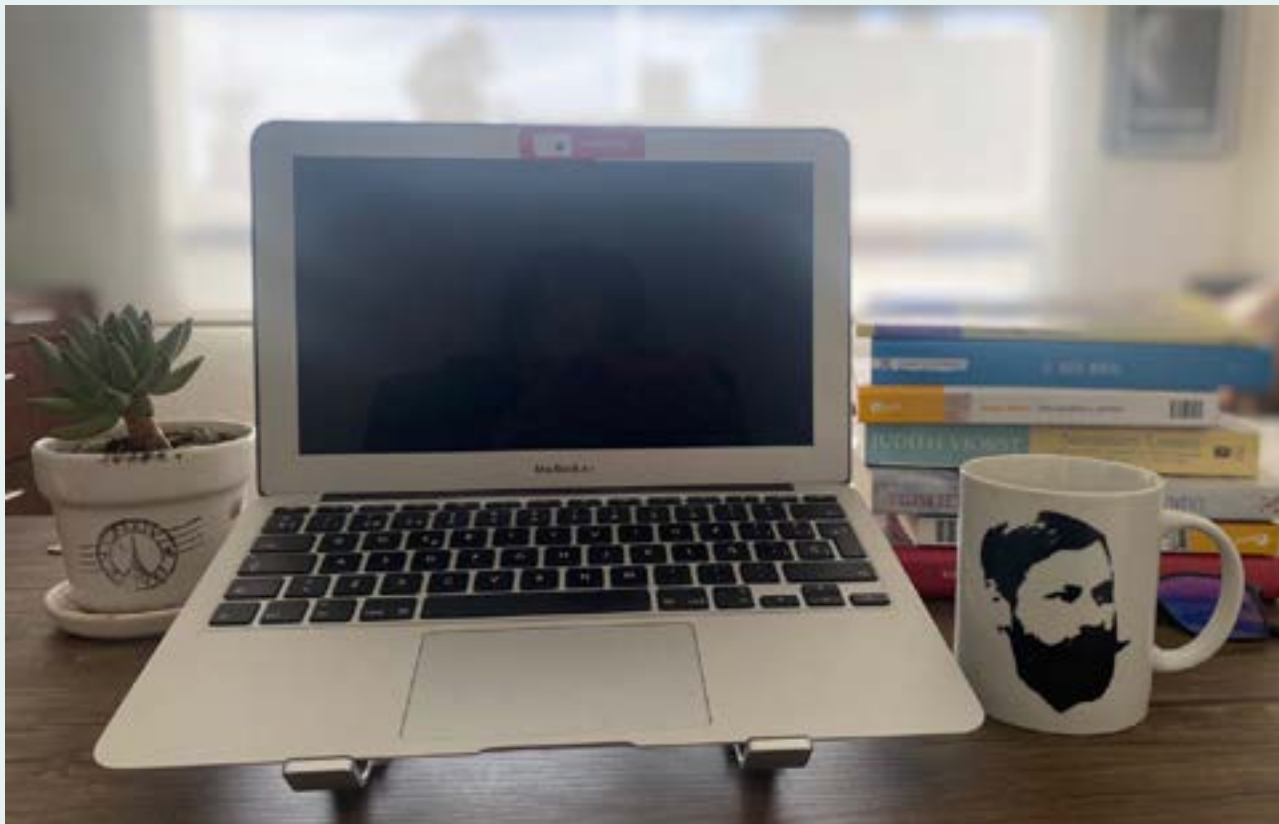
Una herramienta para traducir las huellas de lo infantil



Gabriela González-Polo (AMPIEP – México)



Premio IPSO Writing Award 2021, presentado en el Congreso IPA/IPSO 2021.



“¿Cómo puedo estar seguro, cuando tu intrusión es mi ilusión? ¿Cómo puedo estar seguro cuando cambias mi mente todo el tiempo? Yo pedí más y más ¿Cómo puedo estar seguro? Cuando no me das amor (me das un pálido refugio) Tu no me das amor (me das manos frías). Y no puedo funcionar con esta falla, cuando todo lo que quiero es estar completamente en control....” Tears for fears, Pale Shelter (Brainsky y Padilla. P.207)

Poder elegir el nombre ficticio de la paciente para la elaboración del presente trabajo representó para mí una labor complicada. Dalila, es un nombre hebreo que tiene su raíz en la palabra: “D’lilah” (Deseo) y que significa: “La de piel delicada” y “La que tiene la llave”; situación que abarca, en muchos aspectos, mi sentir con respecto a la paciente.

Para Freud, la contratransferencia era considerada una especie de “resistencia” del psicoanalista hacia su paciente debido a sus propios conflictos inconscientes. La contratransferencia podía surgir por la incapacidad del analista de abordar las problemáticas, comportamientos y comunicaciones del paciente (Sandler, J. 1973). Posteriormente, se produce un gran avance en materia de psicoanálisis cuando se comienza a verla como un fenómeno importante para que el analista comprenda el significado oculto del material del paciente. Heimann, P. (1950) comenta que la contratransferencia abarca todos los sentimientos que el analista experimenta hacia el paciente. El analista debe “conservar” los sentimientos que se suscitan en él, en lugar de descargarlos, con el fin de subordinarlos a la tarea analítica y afirma: “(...) la respuesta emocional del analista a su paciente dentro de la situación analítica representa una



de las herramientas más importantes para su trabajo. La contratransferencia del analista es un instrumento de investigación dirigido hacia el inconsciente del paciente” (Heimann, P. 1950, p. 130). El analista debe usar sus emociones y pensamientos como una llave que abre el inconsciente del paciente. Esto me lleva a pensar, nuevamente, en el nombre ficticio de la paciente y uno de sus significados: Dalila: “*La que tiene la llave*”.

Como motivo de consulta, la paciente refiere sentimientos desbordados frente al reciente diagnóstico de reincidencia de cáncer. Cabe mencionar que, como resultado de mi experiencia previa con pacientes, conozco lo que significa una reincidencia del cáncer. De entrada, sé que la enfermedad regresa con más fuerza y con una sintomatología mucho más agresiva. Desde ahí, comenzaron a surgir con fuerza mis inquietudes respecto al caso: ¿Qué tan grave sería? ¿Soy yo la persona que podría ayudarlo en esta situación tan dolorosa? ¿Y si muere durante el tratamiento? Este último pensamiento me estremeció. Dalila se presentó a su primera entrevista muy puntual, arreglada y maquillada. Lo primero que llama mi atención es un colorido turbante que enmarca sus enormes ojos negros y oculta la evidente pérdida de cabello. Durante nuestros primeros encuentros, me explica el complejo y doloroso camino recorrido durante el proceso de su enfermedad. El primer síntoma se presenta hace poco más de 4 años, con algunas molestias en un seno. El diagnóstico fue: Cáncer de mama. El tratamiento inició

con una mastectomía y quimioterapias. Al concluir dicho procedimiento, aproximadamente un año después del diagnóstico y “*aparentemente*” libre del tumor canceroso, la paciente se somete a una cirugía reconstructiva, situación que desembocó en varias intervenciones mas debido a fuertes complicaciones por “rechazo” del implante. Poco tiempo después, observa una nueva lesión, ahora en el otro seno. El diagnóstico es devastador: el cáncer había vuelto; esto precipita sentimientos desbordados de miedo, angustia y desesperación. Aunado a lo anterior, agrega que algo que también le hace buscar apoyo psicoterapéutico es el sentimiento de tristeza y vacío que le inunda desde que terminó su relación de pareja. Hay algo que llama mi atención, la fecha en la que termina esta relación es unos meses antes del último diagnóstico. ¿Podría estar asociada esta pérdida con la manifestación de la enfermedad? Lo primero que viene a mi mente es pensar en un duelo no resuelto, la ausencia de palabra y sus respectivos afectos que impiden la elaboración del duelo cuando se enfrenta una pérdida. Para McDougall (1989), un proceso de duelo no elaborado puede relacionarse con manifestaciones psicósomáticas que pueden llegar a ser graves e incluso provocar la muerte. ¿Es esta última pérdida la que la remite a un dolor previo que no puede tramitar? Cuando un individuo depende de otro para cohesionarse internamente, separación y muerte se equiparan psíquicamente. De esta forma, una ruptura amorosa podría revivir la sensación de vacío. El individuo no solamente pierde la ilusión amorosa, sino a si mismo con la sensación de que no podrá

recuperarse nunca. Me pregunto: “¿*Qué es lo que está reviviendo?*” “¿*Qué perdió o a quien perdió?*” “¿*Tendrá que ver esta pérdida con su enfermedad?*” Pienso en la sensación de vacío que refiere al mencionar la ruptura en su relación de pareja.

Dalila vive con sus padres, quienes a decir de la paciente, tienen una relación destructiva; están juntos, pero “*se odian y se ignoran*”. Su padre es adicto y su madre vive sumida en una depresión desde que Dalila tiene uso de razón, la describe como un “*fantasma sin piel*” que divaga por la casa lamentándose. Ahora me hace más sentido: “*No se trata de las consecuencias psíquicas de la muerte real de la madre, sino de una imago constituida en la psique del hijo a consecuencia de una depresión materna que transformó el objeto vivo en una figura lejana (.....) La madre muerta es entonces, contra lo que se podría creer, una madre que sigue viva, pero que por así decir, está psíquicamente muerta a los ojos del pequeño a quien ella cuida*” (Green, A. 1986, p. 167) ¿Será que la huella traumática de las vivencias infantiles de desvalimiento y desamparo están inscritas en su cuerpo? A pesar de lo anterior, menciona haber tenido una infancia “*relativamente*” feliz, solo que desde muy pequeña, fue una niña muy enfermiza y delicada de salud, comía poco y tenía muchos problemas digestivos. Constantes enfermedades entorpecían su desarrollo y en ocasiones impedían sus juegos infantiles. McDougall, (1989) refiere que los síntomas psicósomáticos son un recurso que el individuo encuentra, desde muy temprano



en su vida, para sobrevivir al sufrimiento psíquico; estos son intentos infantiles de autocuración y se utilizan como soluciones para un dolor mental que resulta intolerable. En el infante, es el cuerpo el que “habla” y es a través de su cuerpo que muestra su lugar en el mundo. Me surge la siguiente inquietud: ¿Sus frecuentes enfermedades en la infancia y el cáncer de mama pudieran estar relacionados con el vínculo: madre-hija y la pérdida temprana? Pienso en la relación y la similitud entre las palabras mama-mamá, a mi parecer, estas son pérdidas que pueden ser tan devastadoras que se vuelven irrepresentables e inelaborables. *“El síntoma psicossomático toma apoyo en la función simbólica del órgano en el cual se fija. La elección de tal o cual órgano viene determinada por los mecanismos que rigen el funcionamiento del mundo inconsciente (...) de tal forma que una o varias pulsiones se condensan o se desplazan en el cuerpo. El síntoma elige así, un órgano corporal como expresión (...)”* (Pedreira y Menéndez. Pág. 90). Dalila podría estar imprimiendo en el cuerpo, lo que no puede representar, algo más que la pérdida de un seno, la “presencia-ausencia” de la figura materna, el cáncer de mama y el seno se vuelven el foco de atención para ella. De esta forma, se puede referir que: *“La enfermedad psicossomática esconde tras de sí: 1) Una relación fallida con los objetos primarios y 2) La demanda de un tipo diferente de relación. Para ello, el ser sufre se vale de su cuerpo como único medio de expresión, ya que no cuenta con otras posibilidades”* (Brainsky y Padilla, p. 247)

Algo que también llamó mi atención durante nuestros primeros encuentros, fue que Dalila me relatará que continuaba su vida como “*si nada pasara*” me habla de su trabajo, sus viajes y sus salidas con amigos. Todo esto lo narra “*orgullosa*” de lo que logra aun a pesar de la enfermedad, escucharla es como si relatará una tragedia ajena; pareciera que no sufre por la enfermedad; sin embargo, había algo que yo no podía comprender, sus enormes y lindos ojos negros me parecían tristes, apagados y vacíos. McDougall (1989), enfatiza que en los estados psicossomáticos el cuerpo reacciona ante una amenaza psicológica para mantener una estructura que se siente en peligro y en riesgo de desestructurarse. Se produce entonces una escisión aguda entre psique y soma y este último recibe el impacto de las temidas situaciones. A causa de esta rotunda escisión las personas no perciben emociones en las situaciones que los angustian. Esta autora considera que en lo psicossomático el afecto está “congelado” y la representación verbal “pulverizada”. Me quedaba más claro, el afecto relacionado a la situación disruptiva se encontraba “congelado” y no había contacto afectivo con las palabras que ella expresaba, éstas parecían “huecas” y “vacías”. Smadja (2011), hace referencia a Pierre Marty, y sostiene que la enfermedad psicossomática se caracteriza por una mentalización insuficiente que impide la expresión psíquica de conflictos y deseos. El pensamiento simbólico, de alguna forma, no se estableció o se perdió debido a un trauma que desestructura el aparato mental en una etapa muy temprana. Ante este

exceso de excitación y la repetición por largo tiempo de las experiencias traumáticas, las vías de descarga resultan insuficientes lo que puede dar lugar a la aparición de una enfermedad de evolución grave.

El proceso terapéutico siguió su curso, pero las sesiones me llenaban de inquietud. En ocasiones, yo también me sentía incapaz de poner palabras a lo que se suscitaba durante nuestros encuentros. Para ser más explícita, expondré fragmentos de algunas sesiones que dan cuenta de fenómenos sucedidos durante el transcurso del tratamiento. Es importante comentar que, en ocasiones, cuando la escucha del analista se encuentra impregnada de registros sensoriales durante las sesiones, estos pudieran significar intentos de comunicación de aspectos muy primitivos e infantiles del paciente. Decidí poner nombre a las sesiones de acuerdo a mis sensaciones y reacciones contratransferenciales para entender el mundo interno de la paciente. Las sesiones serán citadas en 4 momentos y en orden cronológico:

1. Depresión (“El quiebre”): *“El paciente psicossomático hace hablar al cuerpo e inscribir en él para eludir el sufrimiento mental intolerable”.* (McDougall, 1989).

Varios meses después de haber iniciado el tratamiento, Dalila llega con múltiples molestias y dolor de estómago y es así como el lenguaje del síntoma, expresa lo no dicho. p- Tengo insomnio, me siento mal, me duele el estómago, no



sé ni que tengo, no sé ni donde me duele. Estoy fastidiada, irritable con todos. Me siento agotada, pero a pesar de estar cansada, quiero hacer mil cosas, trabajo, limpio la casa, no puedo parar... (Pienso en las defensas maniacas y la necesidad de huir del dolor. El insomnio: "Dormir" se asemeja a parar, a morir. Tiene miedo a morir. Yo misma tengo miedo de que muera. La veo desgastada y yo me siento cansada)

a- Tal vez te llenas de actividades porque quieres evitar estar en contacto con lo que sientes

p- Tengo mucho miedo de reconocermene enferma, creo que me siento triste, pero no quiero sentirlo, si me siento triste, me enfermo...

a- Quizás sea al revés, que al no poder poner palabras a lo que sientes, te enfermas, tu cuerpo nos dice lo que no puedes expresar...

p- (llora) estoy muy triste (...) creo que he estado así incluso antes de enfermar. Estoy harta de ver a mi mamá siempre deprimida, es como un fantasma, se queja, la traigo a cuestras... ¿Sabes? Cuando se enoja me aplica "la ley del hielo"¹. La otra vez se enojó

porque un amigo me invitó a salir, dice que yo si tengo con quien salir y divertirme, mientras ella tiene que quedarse en casa ... yo salgo con culpa, pensé en quedarme o llevarla, pero ya no estoy dispuesta a seguirla cargando... (se me viene a la mente la imagen de unos siameses unidos por el estómago (el dolor del que se quejaba al iniciar la sesión). Si los siameses comparten órganos vitales uno tiene que "sacrificarse" o morir para que el otro viva).

p-Al regresar, le dije: "mami, te quiero mucho..." ella volteó a verme con frialdad y me dijo: "qué bueno, yo también me quiero mucho...". Esa es la respuesta que me daba desde niña, ella me lo decía como una broma, pero hoy me doy cuenta lo doloroso que ha sido, me duele en el alma (En ese momento y en medio de un silencio muy largo, comienzo a recitar fragmentos de una canción popular mexicana en mi mente: "La llorona"²: "Ay de mi, llorona, llorona de un campo santo(...) El que no sabe de amores, llorona, no sabe lo que es martirio (...) Tápame con tu rebozo, Llorona, porque me muero de frío (...) Si porque te quiero, quieres, llorona, quieres que te quiera más, si ya te he dado la vida, llorona, ¿Qué más quieres? quieres más"...) Me estremezco y

siento una profunda tristeza y un vacío en el cuerpo. ¿Qué más quiere esta madre "llorona", si no hay más que dar? Solo la vida...

a-Que difícil se vuelve hablar cuando no hay donde depositar lo que sientes. Hablemos de tu tristeza...

Cuando los padres tienen trastornos narcisistas importantes y solo pueden verse a sí mismos "necesitan" al bebé para compensar sus carencias narcisistas. Para Brainsky y Padilla (2016), el infante (del latín *infantis*: "el que no habla") se ve "obligado" a satisfacer las demandas de los padres para evitar el abandono, para no provocar la desilusión, si la sensación es que no se es capaz de dar vida ¿Cómo sentirse vivo? Si no hay lugar para la ilusión, la vida se pone en peligro ya que tan solo habrá lugar para sobrevivir si se complace al otro. Las relaciones son como estar con objetos "muertos" a los que no se puede satisfacer. Estos mismos autores hacen referencia al "objeto desvitalizado" y enfatizan en que el estado anímico de la madre durante el embarazo y los primeros años de vida son esenciales para transmitir la sensación de vitalidad (Aliveness). Para la madre simbiotizante, la vitalidad de su hijo resulta peligrosa, dado que la considera un sinónimo de separación y muerte. La forma

1 Se trata de una expresión coloquial en español que se refiere a ignorar por completo a una persona. No escucharla, no verla y no hablarle.

2 "La llorona. Es una canción popular mexicana, originada en la zona del istmo de Tehuantepec, en Oaxaca. No tiene una versión única; sobre su armonía, muchos autores han creado o derivado versos que la convierten en una historia de amor y dolor representativa de la música tradicional mexicana". <https://youtu.be/HD4zaYWH09Q>

de existir como otro diferente es a través del cuerpo, sentir que ese cuerpo duele y que es uno distinto al de la madre. Al final, el dolor cumple una función de autopercepción. (Recuerdo su dolor de estómago y la imagen que vino a mi mente, durante esa sesión: los siameses). Por otro lado, la depresión materna (Deadness) (“La llorona”) se transmite al hijo haciendo que éste viva su cuerpo como un lugar para la tristeza, el dolor y la muerte.

2. Mausoleo (“Su cuerpo, su morada”): *“Quizá solo buscamos a lo largo de la vida la gran aflicción de ser uno mismo antes de morir, eso y nada más...”* Céline. Viaje al final de la noche³

P- Hoy no siento nada en el cuerpo, solo me siento muy cansada... Me hablaron del trabajo, me piden que vaya a visitarlos, pero no tengo fuerza para eso, mi lugar está ahí. Me esperan. No quiero ir... Es lindo, pero frío. Algunas paredes son de mármol blanco, es grande, pero no me gustan los espacios amplios, me dan miedo... (A medida que lo describía, vino a mi mente la imagen de un mausoleo, lúgubre, frío y lleno de muertos. Pensé en la muerte: “No quiere ir”. Siento tristeza: “¡No quiero que muera! Pienso: ¡Yo no quiero morir!” Siento escalofríos. Me siento preocupada por mi cuerpo y por mi salud. Me sorprende. En medio del silencio, registro mis pensamientos y sensaciones corporales y trató de

entender lo que ella podía estar transmitiendo. Yo intentaba “traducir” y poner en palabras lo que carecía de ellas: El miedo a la muerte.)

La imagen de este “mausoleo” es también una representación de su propio cuerpo, siente que no es una morada para vivir, sino una morada para morir (Deadness). Se siente cansada, su cuerpo está fatigado, pero a veces pareciera que la muerte es la única opción para acallar el sufrimiento.

Con respecto a lo intenso de la contratransferencia, Brainsky y Padilla (2016) hablan del concepto de “contratransferencia psicósomática” o “psicosomatosis contratransferencial” la cual se caracteriza por:

1. Falta de esperanza y preocupación por la vida del paciente. Esto se debe a la carencia de símbolos y palabras que le permiten al paciente pensar.
2. Tendencia a dirigir la atención hacia el soma (debido al peligro de muerte) desatendiendo en ocasiones, el intolerable dolor psíquico.
3. La preocupación del analista por su propia salud y muerte, acompañada de sensaciones vividas en el cuerpo.

3. Envidia y dolor: “Poco a poco aprendí a servirme del dolor como de una brújula. Cuando la paciente enmudecía,

pero manifestaba seguir sintiendo dolores, podía yo tener la seguridad de que no me lo había dicho todo, la instaba a seguir con la palabra hasta que el dolor desaparecía. Solo entonces despertaba un nuevo recuerdo”. (Freud, S. Historiales clínicos, F.E. Von R., Pg. 116).

p- Me duelen los pies con solo ponerlos en el piso, levantarme de la cama es doloroso. ¡Malditas quimioterapias! No me había sentido así! ¡No sentía el dolor en el cuerpo, no me sentía así hasta ahora!... (en ese momento y en un movimiento inconsciente, yo cruzo la pierna) Eso! ¡Hacer eso me duele! (Siento culpa)

a- Que doloroso es para ti sentirte y sentir tu cuerpo

p- No quiero sentirlo! (Silencio) (llora) me duele todo. Tuve que dejar de ver a mis amigos, ya no puedo verlos, todos siguen su vida como si nada pasara. Me siento muy cansada...

a-Cuanta rabia saber que tú has tenido que detener tu vida y los demás siguen “como si nada pasara”

p- No es justo!...(silencio) Te quiero decir que tengo que parar la terapia, me siento mal y ahora que comienzo de nuevo las quimioterapias, no tendré tiempo, ni fuerza. Te busco después para continuar
a- ¿No crees que quizá es cuando más necesitas tener

3 Cita. Kristeva, J. (1991). *Sol negro. Depresión y Melancolía*

un espacio para hablar de todo esto que sientes?

p- Puede ser que sí, pero en este momento ya no puedo, me siento muy cansada... retomar el tratamiento de nuevo me debilita y ahora ya me cuesta mucho levantarme de la cama.

a.si necesitas algo, puedes llamarme... aquí estoy para cuando quieras y puedas regresar...

(Me doy cuenta de la envidia que siente. Sin embargo, me atemoriza señalarlo, cambio el sentimiento por “rabia”. No pude hablarlo, siento temor ante lo masivo de su transferencia, la envidia, el odio, el deseo de destruirme ante el dolor de percibirme como a su madre, ese objeto frío que no la ve y sigue su vida sin sentir su dolor. Yo tengo salud, continúo trabajando y “haciendo mi vida, como si nada pasara”. Puedo caminar, cruzo la pierna. La veo frágil, me siento frágil, no quiero lastimarla. Pienso ahora en el otro significado del nombre: Dalila: “La de piel delicada”. Así la percibo, como si cualquier “toque” pudiera lastimar su ya “delicada” piel.

Dalila intentaba comunicarse conmigo como se ha comunicado con sus objetos, imprimiendo en el lienzo de su cuerpo su sufrimiento psíquico infantil. Al final

como señala Viñar (2009), lo infantil es la estructura que organiza los cuentos de infancia. Es en ese encuentro entre ambas donde se reconstruye su historia, se “encarna” la transferencia y la contratransferencia, dando lugar a la relación y a la comunicación intersubjetiva entre paciente y analista.

Al respecto de la transferencia, Brainsky y Padilla (2016), enfatizan que la psicopatología de transferencia se caracteriza por la presencia de los siguientes elementos:

1. Una gran dependencia del paciente, por ausencia de elementos que le permitan pensarse. Busca un pensador y un objeto que provea la experiencia de “sostenimiento y contención”.
2. Debido al dolor psíquico intolerable, el paciente centra su atención en el soma y pretende dirigir la del analista hacia éste.
3. Predominio de sensaciones de muerte, consecuencia de haber experimentado angustias primitivas, el terror sin nombre.

4. Interrupción del análisis y el reencuentro:

¿Por qué decide irse? No se puede caer en “psicologizaciones” (Zuckerfeld, R. 1999. Pp. 281-296)⁴.

Hay una realidad, está enferma, está debilitada. Ante la prescripción médica de continuar los tratamientos, es un hecho que no tiene tiempo y no tiene fuerza; sin embargo, se va, “*interrumpe*” la relación y el vínculo conmigo, está presente el miedo ante la posibilidad de revivir, ahora en la transferencia, la relación que tuvo con sus objetos infantiles. Le aterra que me convierta en “*el fantasma sin piel*”. *Le duelen las relaciones, le duelen los vínculos, le da miedo que este espacio sea como estar en un “mausoleo con paredes frías”*. Después de su partida, me sentí culpable: “*¿Qué faltó? Quizás me faltó ayudarle a metabolizar esos contenidos y sus terrores inenunciados y ponerle palabras a lo que no podía pensar. Pensé en todos esos silencios donde mis sensaciones y mis pensamientos funcionaban como una “caja de resonancia” de lo que, quizás, trataba de transmitirme la paciente y lo que se estaba recreando en la relación entre las dos.*

Nuestra separación me llevó a pensarla constantemente. Después de reflexionar y analizar la situación tomé la decisión de escribirle un mensaje un par de meses después, no sin antes cuestionarme: “*¿Será esto un “enactment”?*” Pienso que fue, mas bien, una forma de mostrarme como una presencia viva para ella, una presencia diferente a las figuras “muertas” que siente que ha tenido, una manera de

4 Maladesky, A., López, M. Y López Z. (compiladores). (2005). Psicopatología. Aportes Teórico-Clínicos en el siglo XXI. Cap. 16. Psicopatología: Vulnerabilidad y Resiliencia.

5 “*Es un fenómeno imposible de eludir en el análisis, si el analista está comprometido afectivamente con él. Y si este compromiso no está presente, no hay verdadero análisis. El enactment está presente en todo intercambio humano*”. (Chused, citado por Moreno, E.) (S.F.)

decirle: “Te miro y valido tu dolor”. ¿No se trata acaso de mostrarle al paciente que se puede establecer un tipo de relación diferente a la que se ha tenido? Siendo honesta, no sé si en realidad fue un enactment o no, lo que sí puedo expresar es que el resultado fue que decidiera retomar su proceso por un tiempo.

Después de varios meses decidió darse, nuevamente, una pausa e interrumpir el proceso conmigo. Me dijo que necesitaba tomar unas vacaciones largas. Se despidió, no sin antes agradecer mi “presencia” y “prometiendo” regresar algún día. Hoy la pienso con cierto aire de nostalgia, es un hecho que despedirnos no fue fácil, pero en el fondo, conservo la esperanza de que haya superado su enfermedad y haya “vencido” a la muerte. Quizás mi “deseo” (D’lilah) sea que este proceso le haya ayudado un poco a no necesitar el cuerpo para inscribir en él, lo que no ha podido representar.

Reflexiones posteriores acerca del caso:

“Es la palabra comprensiva y la contención silenciosa del analista los que crean los poros de una piel nueva que envuelve al analizando, reparando sus heridas psíquicas” (Brainsky y Padilla. 2016. P.228).

El proceso de Dalila, me da cabida para reflexionar lo relevante de “*lo infantil*” que se manifiesta en el proceso

analítico. Es indispensable permitir que surjan dichos aspectos infantiles en lo vincular para que exista la posibilidad de engendrar algo nuevo. Recordemos que lo infantil persiste y deja huellas en la vida adulta, huellas que quedan inscritas en el cuerpo y en la psique para toda la vida. En el “*núcleo vivo de lo infantil*” (Guignard⁶) se instaure algo dinámico, un pasado que no ha muerto y que sigue “vivo” y así perdura en el presente. Es un hecho que, estar en contacto con lo infantil tiene gran impacto en el analista y eso es lo que permite un contacto relacional con lo más primitivo del paciente. El analista se ocupa del “niño inconsciente” en el paciente; y el paciente percibe al analista como una figura parental; esta relación que se establece en la diada analítica, genera sentimientos intensos en ambos; por lo que es difícil que el analista no responda, en alguna medida, a los temores infantiles del paciente. (Ungar, V, 2020).

Es importante considerar los momentos y circunstancias en los que parecen “activarse” los fenómenos transferenciales y contratransferenciales, ya que indudablemente no solo refieren a uno o al otro, sino a la manifestación del vínculo analista-analizando (Bernardi, 2009). En el caso presentado, la contratransferencia fue una “llave” que abrió algunas “puertas” de sus procesos inconscientes. Las representaciones intersubjetivas que emergieron

desde la experiencia contratransferencial construyeron, en gran medida, un “*acceso*” a la captación de aspectos “*impensables*” de la realidad psíquica de la paciente. Fue a través de los largos silencios, las imágenes, ensoñaciones, emociones, experiencias sensoriales y corporales, es decir, a través del interjuego de mi experiencia subjetiva como analista, la experiencia subjetiva del analizando y la experiencia que se genera entre el par analítico: La experiencia del tercero analítico (Ogden, T. 2014), que quizás pudimos establecer una forma de comunicación mas allá de las palabras.

Es un hecho que Dalila tenía miedo a morir y sería muy omnipotente de mi parte pensar que yo misma no lo tenga. Cuando un paciente está cercano a la muerte, es innegable que nos confronta con nuestra propia finitud, vulnerabilidad y fragilidad, con lo efímero de nuestra vida. De esta forma, es de suma importancia guardar los límites necesarios para entender que la contratransferencia es un instrumento de nuestra práctica pero que en tratamientos donde prevalecen las angustias primitivas, no estamos exentos de sentirnos avasallados por nuestros propios aspectos infantiles y encontrarnos, también, con “*el niño en el psicoanalista*” (Guignard, F. 2004) . Es relevante tratar de entender el mensaje “encriptado” antes de aseverar e interpretar: “*A mayor contratransferencia*

6 Citada por: Ungar, V. (2020) Ateneo on line: Lo infantil en psicoanálisis: ideas en juego... En tiempos de pandemia, aislamiento y estado de emergencia, ApdeBA.



menores intervenciones...” (Ungar, 2020). Es menester del analista, repensar el material, intentar reconocer y comprender el mensaje simbólico para sí mismo, y de esta forma, dar cabida a la autoreflexión para analizar la experiencia generada intersubjetivamente y hacer uso de la dupla transferencia-contratransferencia al servicio del tratamiento.

Así fue el proceso de Dalila, que durante un tiempo, me permitió “caminar” a su lado y sostenerla cuando se sentía desalentada. La historia quedará impresa siempre en mi memoria. Esta historia que, de alguna forma, me enseñó a comprender los mensajes que recibía a través de la contratransferencia y la experiencia que se suscitaba en la relación entre ambas y, cabe mencionar que sin saberlo, me ayudó también a poder analizar los rastros de las huellas infantiles en mi propio espacio analítico y a tratar de poner palabras a mis angustias sin nombre.

Referencias Bibliográficas

Brainsky, L. y Padilla, J. (2016). *El sentido tras el dolor corporal. Psicoanálisis, Enfermedad Psicósomática y Esperanza*. Bogotá, Colombia. La imprenta Editores

De León Bernardi, B. (2009). *Problemas del campo de la transferencia – contratransferencia: perspectiva actual y vigencia de nuestras raíces. Relato oficial XXI Congreso de FEPAL. Miembro Titular de APU. Santiago Vázquez 1142,11300, Montevideo Uruguay.*

Green, A. (1986). *Narcisismo de vida, Narcisismo de muerte*. Buenos Aires, Argentina. Amorrortu
Heimann, P. (1950). *Acerca de la contratransferencia. Revista Uruguaya de Psicoanálisis. 1961-62,4: 129-136*

Maladesky, A., López, M. Y López Z. (compiladores). (2005). *Psicosomática. Aportes Teórico-Clínicos en el siglo XXI. Cap. 16. Psicosomática: Vulnerabilidad y Resiliencia*. Rubén Zukerfeld. 281-296

McDougall, J. (1989). *Theatres of the body. A psychoanalytic approach to psychosomatic illness*. New York: W.W. Norton

Ogden, T. (2014) *El tercero analítico. El trabajo con hechos clínicos intersubjetivos. Revista de Psicoanálisis, ISSN 1135-3171, no. 71, 2014 (Ejemplar dedicado a lo intrapsíquico y lo interpsíquico)*
Sandler, J. (1973).

El paciente y el analista: Las bases del proceso psicoanalítico. Buenos Aires, Argentina Paidós, psicología profunda

Smadja, C. (2011). *Psychoanalytic Psychosomatics*.

International Journal of Psychoanalysis, 92(1):221-230

Viñar, M. (Recibido: octubre 2009) *Las infancias que nos habitan. Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis,- número 14, 2010. Buenos Aires, Argentina.*

Bibliografía Electrónica:

Guignard, F. (2004). *El niño en el psicoanalista. APdeBA - Vol. XXVI - N° 2 – 2004, Publicado en Revue Française de Psychanalyse, PUF, tome LVIII, Partie 3, 1994, pp. 649-659. Traducido por Mónica Serebriany.*
<http://biblioapdeba.no-ip.org/pgmedia/EDocs/2004-revista2-Guignard>

Moreno, E. (S.F) *A propósito del concepto de “Enactment”. Número 004 2000. Aperturas Psicoanalíticas*
<http://www.aperturas.org/articulo.php?articulo=0000111>

Pedreira Massa, J.L., Menéndez Osorio, F (S.F). *El síntoma psicósomático en la infancia: Valoración psicodinámica.*
<http://www.revistaaen.es/index.php/aen/article/download/14577/14457>

Ungar, V. Cabré, L. Tanis, B. (2020) *Ateneo on line: Lo infantil en psicoanálisis: ideas en juego... En tiempos de pandemia, aislamiento y estado de emergencia, ApdeBA.*
[https://es.wikipedia.org/wiki/Dalila_\(nombre\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Dalila_(nombre))

La llorona.
<https://youtu.be/HD4zaYWH09Q>

AUTORES

Angélica Pateiro Bernal
(SP LEON – México)

Adriana Hariton
(APAP – Panamá)

Francisca Juricic
(APCh – Chile)

Aline Santos e Silva
(SBPdePA – Brasil)

Erika Flores
(SPC – Venezuela)

Brenda Covarrubias Aguayo
(APG – México)

María Zurutuza
(SPM – México)

Gloriani Landeros
(AMPIEP – México),

Diana Maldonado
(AMPIEP – México)

Carlos Eduardo de Souza
(SPRJ – Brasil)

Paola Karina Basavilbaso
(APA – Argentina)

Karina Bretz
(APA – Argentina)

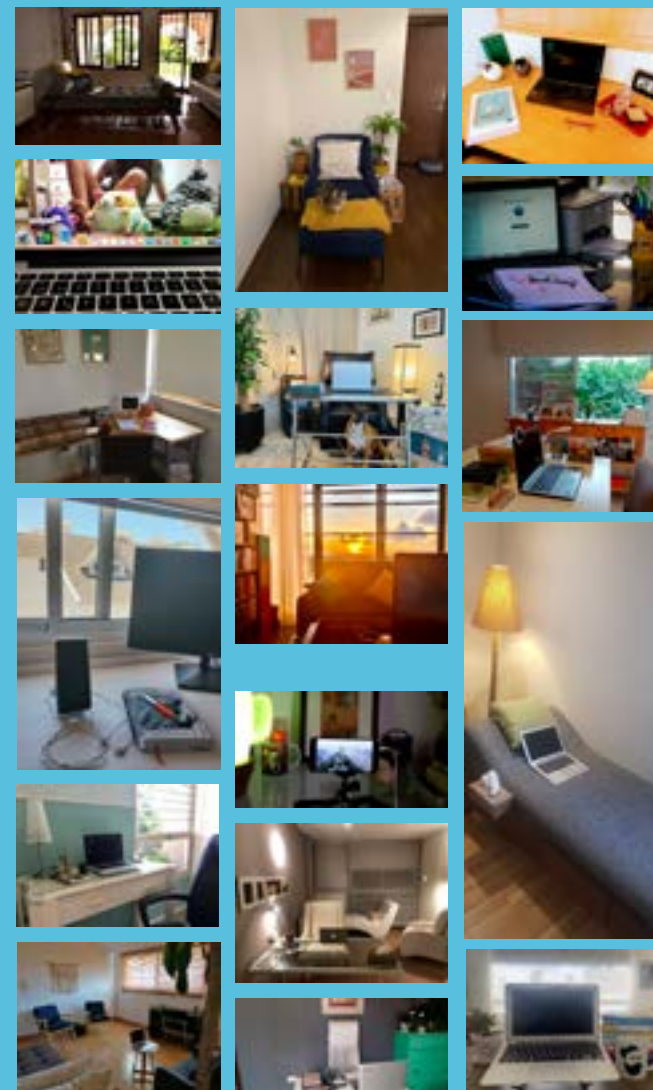
Romina Rossi
(APA – Argentina)

Melisa Perea
(GEPSal – Argentina)

María Serena Sottile
(APR – Argentina)

Victor Davico
(GEPSal – Argentina)

Gabriela González-Polo
(AMPIEP – México)





PERFORMANCES

Cambios de Paradigmas en la Vida Digital

Revista n. 3 - Año 6 - Diciembre 2021

Publicação Oficial da OCAL
(Organización de Psicoanalistas en Formación de América Latina)

<https://ocal-candidatos.org>
publicaciones@ocal-candidatos.org

